

LUIZ ANTÔNIO CALDEIRA ANDRADE

**MANDELA ATRAVÉS DO ESPELHO:
A DESCONSTRUÇÃO DO HERÓI**

**UMA ANÁLISE À LUZ DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL
E DA TEORIA DOS ATORES SOCIAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso
Linha de Pesquisa: E
Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria de Oliveira Pimenta

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2015

À minha **mãe**, cujo incentivo e orações sempre foram a força-motriz desta caminhada.

Ao **Filipe** e **Daniel**, que além de filhos, são meus dois grandes amigos, pelo incentivo nas horas de dúvida e por serem exemplos para mim e todos.

À **minha família**, pelo incentivo e paciência que sempre demonstraram durante toda esta jornada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, em Cristo, sem o qual não temos a capacidade nem os meios de conseguir multiplicar os talentos a nós emprestados.

À profa. Sônia, por ter me apresentado à Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), ao me aceitar em seu grupo de mestrado, o que me abriu as portas para chegar até aqui. Sem esta oportunidade e sua enorme paciência no decorrer desta jornada, esta, certamente, não teria sido concluída.

Ao prof. e amigo Adail (UFOP), pela atenção e oportunas e profícuas sugestões e materiais, que tanto me fizeram refletir e aprimorar meu conhecimento.

Ao prof. Pedro Praxedes, por aceitar fazer parte da banca de qualificação e, posteriormente, desta banca final, cujas opiniões e materiais foram fundamentais no aprimoramento e na direção do trabalho concluído.

Aos meus amigos do 'grupo da Sônia', em especial a Quelzinha, Zaira e Cássia, pela disponibilização do WordSmith, tão precioso para o desenvolvimento do trabalho, pelos conselhos trocados e as várias horas de conversa amiga e esclarecedora.

Por fim, a todos aqueles que direta ou indiretamente fizeram parte deste projeto que teve início, ainda em 2004, quando decidi voltar à Universidade.

“In real life we deal, not with gods, but with ordinary humans, like ourselves: men and women who are full of contradictions, who are stable and fickle, Strong and weak, famous and infamous, people in whose bloodstream the muckworm battles daily with potent pesticides.”

Nelson Mandela

RESUMO

A História do Apartheid está direta e necessariamente ligada à de seu maior protagonista, Nelson Mandela. Inúmeros são os artigos e reportagens midiáticos ou acadêmicos a respeito de ambos, seja na Literatura, como, por exemplo, Viljoen e Van Der Merwe (2004), Breytenbach (1989) e Sienaert (1990) ou mesmo nos Estudos Linguísticos, Martin e Rose (2003; 2007), Halliday e Matthiessen (2004). No entanto, o que se percebe é que a maioria destes trabalhos focaliza a primeira obra biográfica de Mandela – *Long Walk to Freedom* – em que o foco principal é o de Mandela como pivô do movimento do Apartheid. Poucos são os estudos que utilizam sua segunda obra autobiográfica – *Conversations with Myself* – na qual Mandela se nos revela de forma totalmente inesperada, ou seja, como um homem comum. E mesmo assim, não o fazem com base na Linguística Sistemico-Funcional (LSF) ou pela Teoria dos Atores Sociais (TAS). A presente pesquisa busca exatamente isto, revelar, através das palavras do próprio narrador, este seu lado pessoal e íntimo. Para tanto, utilizo a gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) (GSF) e a Teoria dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 2008) (TAS), em interface com a Linguística de Corpus (LC). No primeiro caso, trabalho com o sistema léxico-gramatical de transitividade, como realizadas pela metafunção ideacional, para descrever e interpretar os dados. No caso da TAS, ela servirá para melhor identificar os papéis sociais dos Atores envolvidos nas experiências narradas por Mandela, o que é feito utilizando-se a abordagem de campos semânticos, conforme descrita em LEHRER(1974). O estudo propõe, assim, três perguntas a serem respondidas. A primeira procura identificar como Mandela utiliza suas escolhas léxico-gramaticais para a construção do *eu* na autobiografia. A segunda analisa os Participantes dos Processos experienciados, pelos parâmetros da TAS. A terceira, e última pergunta, discute como se dá a desconstrução do mito e simultânea revelação de sua identidade humana na narrativa autobiográfica. Essas perguntas são respondidas a partir da análise das orações independentes em que Mandela se coloca como responsável pelos eventos (Processos). Utilizando outro instrumento de pesquisa juntamente com a GSF, o WordSmith Tools (SCOTT; TRIBBLE, 2006 ; BERBER-SARDINHA, 2009), a obra foi trabalhada até chegar à planilha de concordâncias (*Concord*), de onde, então, selecionei o pronome pessoal eu (no original em inglês, *I*), para análise. A análise das orações, segundo os moldes da Transitividade, mostrou que Mandela se revela como um homem simples, com os mesmos anseios, medos, expectativas e incertezas, inclusive em relação ao Apartheid, e erros para com familiares e amigos, aos quais todos estamos sujeitos. Estes resultados foram reiterados com o uso da TAS, após separação dos Participantes segundo seus papéis sociais, pelo uso de campos semânticos, o que demonstrou um percentual enorme de relações pessoais, comparado ao das relações do político Mandela. Por fim, foram discutidas as limitações da pesquisa e sugestões para futuras investigações.

Palavras-chave: GSF, TAS, Herói, Mito, Templates, Narrativa Autobiográfica.

ABSTRACT

The history of Apartheid is directly and necessarily connected with its main protagonist, Nelson Mandela. Numerous news reports and academic works have been dedicated to both, be it in Literature - Viljoen & Van Der Merwe (2004), Breytenbach (1989) and Sienaert (1990) or Linguistic Studies - Martin & Rose (2003; 2007), Halliday & Matthiessen (2004). However, we see that most of such works focuses on Mandela's first autobiography, whose focus is on Mandela's role as the main agent of the Apartheid movement. Few studies aim at his second autobiography, in which Mandela surprisingly reveals himself as an ordinary man. Even those which do, do not do so through the use of Systemic-Functional Grammar or the Representation of Social Actors. This is precisely the objective of the present research, to reveal, in the narrator's own words, his personal and intimate life. Therefore, I base the study on Systemic-Functional Grammar (SFG) (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004) and Van Leeuwen's (2008) Representation of Social Actors (RSA) in interface with Corpus Linguistics (CL). In the case of SFG, I work with Transitivity Lexicogrammatical System, as realized in the Ideational Metafunction, so as to describe and interpret data. As for RSA, it was used to highlight the social roles played by the actors within Mandela's experiences. This was carried out in accordance with Lehrer's (1974) Semantic Fields Theory. Thus, the study raises three questions. The first relates to how Mandela puts his lexicogrammatical choices into use to construct the self in the discourse. The second addresses the roles played by all the participants in the experience processes, according to Van Leeuwen's theory. Lastly, the third question focuses on the process of the demystification of the hero, itself. The questions posed were answered by means of the analysis of the independent clauses in Mandela's narrative, in which he portrays himself as that who is responsible for the events (processes). In association with the above-mentioned theories, I used the computer tool, WordSmith Tools's (SCOTT; TRIBBLE, 2006 ; BERBER-SARDINHA, 2009), in order to work the *corpus* down to the *Concord* spreadsheet, from where I selected the personal pronoun *I* for analysis. The analysis of the clauses according to the patterns of Transitivity showed that Mandela reveals himself as a common man, with the same wishes, fears, expectations and uncertainties, also related to the Apartheid, as well as his misdeeds towards his family and friends, which we all are subject to. The results were supported by Van Leeuwen's RSA categories, after splitting the participants as per their social roles played, which was done through the use of semantic fields. This presented a much higher percentage for the personal relations, in comparison to that for political matters. Finally, I discuss the study's limitations and present suggestions for future investigations.

Keywords: SFG, RSA, Hero, Myth, Templates, Autobiographical Narrative.

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 2

<i>Figura 2.1</i>	Tipos de Processos e seus Participantes	34
<i>Figura 2.2</i>	Categorias dos Processos Mentais e seus Elementos Funcionais	36
<i>Figura 2.3</i>	Processos Relacionais Intensivo e Circunstancial	38
<i>Figura 2.4</i>	Transitividade Circunstancial	39
<i>Figura 2.5</i>	Template da transitividade referente a uma receita	40
<i>Figura 2.6</i>	Lista de Estatística do WordSmith Tools 5.0	43
<i>Figura 2.7</i>	Janela do WordList - WordSmith Tools 5.0	43
<i>Figura 2.8</i>	Janela do Concord – WordSmith Tools 5.0	44
<i>Figura 2.9</i>	Janela do KeyWords – WordSmith Tools 5.0	45
<i>Figura 2.10</i>	Rede dos Atores Sociais	47
<i>Figura 2.11</i>	Categorias dos Atores Sociais Utilizadas na Pesquisa .	48

CAPÍTULO 3

<i>Figura 3.1</i>	Lista de Estatística para o <i>corpus</i> de estudo	52
<i>Figura 3.2</i>	Lista de palavras por frequência para o <i>corpus</i> de estudo	53
<i>Figura 3.3</i>	Lista de palavras-chave para o <i>corpus</i> de estudo	54
<i>Figura 3.4</i>	Lista do Concord para o item pronominal /	55
<i>Figura 3.5</i>	Planilha do Excel para os Processos da Transiti- vidade Referentes às concordâncias do pronome /	56
<i>Figura 3.6</i>	Relação dos Processos Materiais para o pronome /	58
<i>Figura 3.7</i>	Templates de Transitividade para os Processos Materiais	59

CAPÍTULO 4

<i>Figura 4.1</i>	<i>Template principal para as orações dos Processos materiais</i>	66
<i>Figura 4.2</i>	<i>Template principal para as orações dos Processos mentais</i>	71
<i>Figura 4.3</i>	<i>Template principal para as orações dos Processos relacionais</i>	75

LISTA DE GRÁFICOS

<i>Gráfico 4.1</i>	Atores Sociais Divididos por Campos Semânticos para os Processos Materiais	99
<i>Gráfico 4.2</i>	Atores Sociais Divididos por Campos Semânticos para os Processos Mentais	101
<i>Gráfico 4.3</i>	Atores Sociais Divididos por Campos Semânticos para os Processos Relacionais	102

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 3

<i>Tabela 3.1</i>	<i>Templates</i> de transitividade para os Processos Materiais	57
-------------------	--	----

CAPÍTULO 4

<i>Tabela 4.1</i>	Processos de Maior Ocorrência Utilizados por Nelson Mandela para Descrever suas Experiências	62
<i>Tabela 4.2</i>	Resultados da Planilha do <i>Concordance</i> para os Processos Materiais	63
<i>Tabela 4.3</i>	Resultados da Planilha do <i>Concordance</i> para os Processos Mentais	68
<i>Tabela 4.4</i>	Resultados da Planilha do <i>Concordance</i> para os Processos Relacionais	73
<i>Tabela 4.5</i>	Papéis Sociais Desempenhados por Mandela nos Processos Materiais	78
<i>Tabela 4.6</i>	Papéis Representados pelos Atores Sociais nos Processos Materiais	80
<i>Tabela 4.7</i>	Papéis Representados pelos Atores Sociais nos Processos Mentais	84
<i>Tabela 4.8</i>	Papéis Representados pelos Atores Sociais nos Processos Relacionais	90
<i>Tabela 4.9</i>	Atores Sociais divididos por campo semântico para os Processos Materiais	98
<i>Tabela 4.10</i>	Atores Sociais divididos por campo semântico para os Processos Mentais	100
<i>Tabela 4.11</i>	Atores Sociais divididos por campo semântico para os Processos Relacionais	102

APÊNDICES

<i>Apêndice A</i>	Análise das Escolhas Léxico-gramaticais de Mandela para os Processos Materiais	116
<i>Apêndice B</i>	Análise das Escolhas Léxico-gramaticais de Mandela para os Processos Mentais	137
<i>Apêndice C</i>	Análise das Escolhas Léxico-gramaticais de Mandela para os Processos Relacionais	162

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	7
LISTA DE GRÁFICOS	7
LISTA DE TABELAS	8
APÊNDICES	8
INTRODUÇÃO	11
1.1 O Apartheid na África do Sul	14
1.2 O Apartheid na Mídia	18
1.3 Long Walk to Freedom	21
1.4 Uma Breve Introdução à Importância da Narrativa	22
1.5 Narrativa e Construção Identitária	23
1.6 Uma Breve Introdução à Noção do Mito	26
1.7 A Narrativa Autobiográfica	28
CAPÍTULO II – APORTE TEÓRICO	31
2.1 Considerações Iniciais	31
2.2 A Linguística Sistêmico-Funcional	31
2.3 O Sistema da Transitividade	33
2.4 O WordSmith Tools 5.0	41
2.5 A Teoria dos Atores Sociais	46
2.6 Campos Semânticos	49
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	50
3.1 Considerações Iniciais	50
3.2 A base do <i>Corpus</i>	50
3.3 Motivo da Escolha da Base do <i>Corpus</i>	51
3.4 Passos para Escolha do <i>Corpus</i> e Procedimentos de Análise ..	52

CAPÍTULO IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO	61
4.1 Considerações Iniciais	61
4.2 As Escolhas Ideacionais de Mandela para Construção do <i>EU</i> no Discurso Autobiográfico	61
4.3 Papeis dos atores segundo a Teoria dos Atores Sociais	78
4.4 A Desmistificação do Herói	95
CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
5.1 Reflexão sobre a Pesquisa	106
5.3 Limitações da pesquisa e sugestões de aprimoramento	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109

INTRODUÇÃO

Este estudo investigou a obra autobiográfica de Nelson Mandela – *Conversations with Myself* – no intuito de identificar como ocorre o Processo de desconstrução da imagem do herói, à medida que ele revela, ao leitor, sua real identidade, a do *homem* Mandela. Para tanto, utilizei, como base principal de análise, a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) e a Teoria dos Atores Sociais (TAS), Van Leeuwen (2008). Os dados da obra que compõem o *corpus* da pesquisa foram tratados por meio de um instrumento computacional – o WordSmith Tools 5.0 – o que me possibilitou responder, de forma não intuitiva, as perguntas aqui propostas. Por fim, julguei, também, necessário agrupar esses dados por Campos Semânticos (LEHRER, 1974), de forma a permitir uma visão mais ampla e clara de todo o percurso trilhado pelo narrador na construção de seu papel social.

A construção identitária, nas últimas décadas, tem sido foco de estudos nos mais diversos campos do saber. Seja na psicologia, antropologia, sociologia, literatura ou, também, na linguística, é cada vez maior o interesse de pesquisadores e analistas em relação a como o sujeito constrói sua identidade no contexto social em que se encontra, em suas interações com os outros. Para percorrer este caminho, vários estudiosos têm se voltado para a análise de autobiografias (ROSENWALD et al; DE FINNA; PLOOY, dentre outros) como forma de entender como o sujeito se posiciona diante do mundo e se revela aos outros em seus discursos.

Assim, impulsionado por enorme interesse na interface linguística-literatura, ou seja, no estudo de textos literários, principalmente autobiográficos, à luz de teorias linguísticas, escolhi a obra autobiográfica de Mandela – *Conversations with Myself* – antes de tudo, pelo fato dele se revelar de forma inusitada e diferente daquela em sua primeira autobiografia – *Long Walk to Freedom* – na qual ressalta seu lado político: a de Mandela-homem. Segundo, pelo fato de Mandela ser o ícone de um movimento tão relevante em seu aspecto social quanto foi o Apartheid.

A contribuição desta pesquisa, no entanto, reside no fato de trazer à luz esses aspectos da identidade do narrador, percorrendo um caminho diferente do que se tem visto no tratamento de autobiografias, ou seja, pela conjugação de dois instrumentos de enorme eficácia no tratamento de textos, a GSF e os

templates Thompsonianos (2010), que pavimentam o caminho investigatório para se chegar a seu objetivo final, que é investigar, através do tratamento desses dados via categorias da TAS, os papéis sociais do protagonista da obra, Mandela, e demais Atores mencionados na obra autobiográfica.

Neste intuito, os objetivos (gerais e específicos) da pesquisa são:

Objetivo Geral

Esta é uma investigação quanti-qualitativa que busca investigar como a desconstrução do narrador (Mandela) como herói e sua simultânea construção como homem do cotidiano ocorrem em sua obra autobiográfica, *Conversations with Myself*. Para tanto, defino, na subseção seguinte, os objetivos específicos que se desdobraram a partir deste objetivo geral.

Objetivos Específicos

Os objetivos específicos definidos para a pesquisa foram os seguintes:

1. Investigar como Mandela se representa em seu discurso autobiográfico.
2. Investigar como são representados os demais Atores nas experiências vivenciadas pelo narrador.
3. Analisar os papéis sociais do narrador e dos demais Atores, nas experiências vivenciadas pelo narrador e por ele representadas.

As perguntas de pesquisa fundamentadas na revisão das teorias apresentadas acima são:

Perguntas da Pesquisa

Para se atingir os objetivos acima, geral e específicos, as seguintes perguntas de pesquisa foram elaboradas:

1. Como Mandela utiliza os elementos da lexicogramática da transitividade para realizar os significados ideacionais a ver com a construção representacional do *self* em seu discurso autobiográfico em *Conversations with Myself* ?
2. Como são representados, segundo os parâmetros da Teoria dos Atores Sociais, os Atores nas experiências vivenciadas por Mandela no seu discurso autobiográfico na mesma obra?
3. Como se processa, propriamente dita, a desconstrução do herói na autobiografia de Nelson Mandela – *Conversations with Myself* ?

A pesquisa foi, então, estruturada da seguinte forma: O Capítulo 1 apresenta um pequeno resumo histórico do Apartheid¹, para melhor situar o leitor no cenário político sul-africano, além de mencionar, brevemente, a primeira obra autobiográfica de Nelson Mandela, cujo foco principal foi mostrar seu lado político em meio a este importante movimento. Além disso, o Capítulo discute a importância da narrativa como meio de construção identitária, além de discorrer, ainda que rapidamente, sobre a noção de mito, finalizando com o papel da autobiografia no contexto narrativo. O Capítulo 2 foi dedicado ao aporte teórico que embasa a pesquisa, ou seja, GSF, Templates Thompsonianos, TAS e Teoria dos Campos Semânticos (LEHRER, 1974). No primeiro caso, concentro-me, exclusivamente, no sistema da transitividade, que realiza a metafunção ideacional-experiencial, tal como desenvolvido por Halliday (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), tendo em vista a descrição das representações no âmbito da lexicogramática, feitas pelo narrador, de suas experiências cotidianas no seu Processo de construção do *eu*. No segundo caso, a TAS é utilizada para descrever os papéis sociais dos Participantes dos Processos anteriormente analisados pela GSF. Por último, apresenta uma revisão do instrumento computacional, utilizado para facilitar e embasar, cientificamente, o tratamento dos dados da pesquisa: *WordSmith Tools*, versão 5.0. O capítulo 3 apresenta a metodologia usada na pesquisa, com os objetivos – geral e específicos – os critérios de escolha do *corpus* e os procedimentos de categorização e análise dos dados. O Capítulo 4 aborda a apresentação dos resultados obtidos e a discussão dos mesmos. Por fim, o Capítulo 5 conclui o presente estudo, com uma visão geral dos resultados, as limitações da pesquisa e sugestões para futuras investigações.

¹ A importância de se apresentar um resumo histórico como este no início da pesquisa, contrariando os padrões acadêmicos para este tipo de trabalho científico, reside no fato de dar ao leitor uma ideia mais clara do cenário em que surgiu a figura de Nelson Mandela, foco principal de nosso estudo, permitindo, conseqüentemente, um melhor entendimento do objetivo geral do estudo (Ver Souza, 2011 – Ref. Bibliográfica).

CAPÍTULO 1

UMA BREVE REVISÃO HISTÓRICA

1.1 O Apartheid na África do Sul

Apartheid é definido por Bobbio *et al.* (1986, p. 53) como separação, ou identidade separada. É uma referência à política oficial do governo sul-africano com respeito aos direitos sociais e políticos, além das relações entre os vários grupos raciais dentro da União. Ainda, segundo os autores, não se pode traduzir o termo simplesmente por racismo ou discriminação racial, já que *apartheid* é “um sistema social, econômico e político-constitucional baseados em princípios teóricos e legislação *ad hoc*”.

A definição política do termo significa manutenção da supremacia branca, segundo castas raciais, para as quais o acesso aos direitos e ao poder social e político está sujeito à cor da pele (BOBBIO *et al.*, 1986, p. 53). Essa política foi introduzida na África do Sul em 1948 pelo Partido dos nacionalistas, ou *bôeres (africâner)*, como eram chamados os holandeses, primeiros colonizadores a chegarem ao Cabo da Boa Esperança em 1652, em resultado das grandes expedições, onde estabeleceram uma economia baseada na importação de escravos vindos do Leste e Sudeste do continente. A política da segregação racial continuou mesmo após a extinção da escravidão na década de 1830, quando a Inglaterra chegou ao país, buscando expandir seu poderio econômico (CLARK; WORGER, 2004, p. 3). Segundo Clark e Worger, o termo *apartheid*, na verdade, foi cunhado em meados dos anos 1930, quando os *Africâner* julgaram importante manter uma identidade cultural distinta daquela dos países europeus de língua inglesa na África do Sul (p.4). Essa doutrina separatista constituía o princípio básico pregado pela igreja reformada holandesa e seguido pelos *Africâner*, os quais se consideravam uma verdadeira e autêntica nação (*volk*).

A esse respeito, Bobbio *et al.* (1986, p. 53) nos falam que, constituindo dois-terços da população africana branca, os *africâner* objetivavam a apropriação dos recursos econômicos e o controle da força de trabalho indígena - asiáticos emigrados, em sua maioria, do subcontinente indiano. A situação se agrava, porém, com as divergências administrativas entre holandeses e ingleses quanto à forma de administração das novas terras conquistadas “não sem guerras e duras repressões” (BOBBIO *et al.*, 1986, p. 54), uma vez que os ingleses eram a favor da abolição da escravatura, em face

da necessidade de uma mão de obra mais especializada dentre aqueles da população negra. A expansão para as novas terras resultou, então, na criação de Natal, anexada à colônia do Cabo em 1845 e de outras duas repúblicas independentes, Transvaal (*South Afrikan Republic*) e Orange Free State. A diferença administrativa seria claramente percebida nessas repúblicas, uma vez que os bôeres adotaram uma política racial rígida que proibia direitos políticos, como o de votação, sociais, casamentos mistos, e mesmo os de aquisição de terras, o que tornava os grupos tribais autóctones estrangeiros em sua própria terra. É o que Haesbaert (1999, 2002) denomina de princípio de desterritorialização. Em suma, as etapas fundamentais do nacionalismo bôer, em relação à população branca de ascendência inglesa, são determinadas pela luta pelo controle da terra e da força de trabalho (BOBBIO *et al.*, 1986, p. 54).

A África do Sul testemunhava, assim, mudanças-chave em seu perfil geopolítico-social, com o movimento econômico de uma base predominantemente agrícola para outra minerário-industrial, a crescente e rápida expansão urbana com a mão de obra imigrante e a destribalização da população negra. O tratamento de súdito dado aos negros em seu próprio território levou à criação das reservas ou bantustões (*bantustan*). Estes eram nada mais do que “verdadeiras e autênticas reservas de mão de obra destinada às áreas minerais e industriais, superpovoadas e subdesenvolvidas, as quais foram, no governo de Verwoerd, transformadas em oito *homeland* (território nacional).” Nas palavras de Mandela, Alexandra, um desses bantustões, é representada da seguinte forma:

A vida era animada em Alexandra e, apesar de a política racial do atual governo ter destruído seu tecido social e a reduzido a uma cidade fantasma, pensar nela sempre me evoca boas lembranças.' Ali aprendi a me adaptar à vida urbana e entrei em contato físico com todos os males da supremacia branca. Embora a *township* tivesse belos prédios, era uma favela típica, superpovoadas e suja, com crianças subnutridas perambulando nuas ou vestidas com trapos sujos. Havia todo tipo de seitas religiosas, bandidos e biroscas. A vida valia pouco e a noite era governada pelo revólver e a faca. Muito frequentemente, a polícia invadia a área verificando passes, recebendo propinas, bebidas, e prendendo muita gente. Apesar disso, Alexandra era mais que um lar para seus 50 mil habitantes. Sendo uma das poucas áreas do país em que os africanos podiam adquirir propriedades e tratar de seus próprios assuntos livres da tirania dos regulamentos municipais, era ao mesmo tempo um símbolo e um desafio. Sua existência era o reconhecimento de que uma parte do nosso povo havia rompido seus laços com as zonas rurais e se tornado moradores permanentes da cidade. Vinda de todos os grupos de língua africana, a população tinha consciência

política, maior articulação e um senso de solidariedade que causava crescente preocupação entre os brancos.².

Portanto, são duas as diretrizes nas quais o *Apartheid* se desenvolve: uma legislação de discriminação racial, existente desde o século XVII, com o trabalho dos missionários, e um desenvolvimento territorial e/ou político separado, através do qual o governo sul-africano, buscando apoio político e econômico internacional, denominava de “desenvolvimento separado”, criando o *slogan* ‘separados, mas iguais’. Em consequência disso, os *bantu* passam a ter ‘certos direitos’ (ênfase minha) políticos, sociais e administrativos, mas nos limites dos bantustões (BOBBIO *et al.*, 1986, p. 55).

Conforme BOBBIO *et al.* (1986, p. 55), a separação imposta aos negros sul-africanos pelos bôeres ilustra tipicamente o que Haesbaert (1999, 2002) denomina de desterritorialização. Para este autor, “pensar o território é pensá-lo política e culturalmente” (HAESBAERT, 2002, p. 38). Por isso, o espaço geográfico está diretamente ligado à identidade do grupo que o ocupa. Haesbaert (2002, p. 40) defende que a identidade étnica tem um valor ‘performativo’ (ênfase no original), por orientar o comportamento dos Atores sociais e lhes oferecer sentido e uma possibilidade de mobilização. Assim, continua ele, como os Processos de etnicização carregam um discurso territorial para sua legitimação, o território aparece como um território etnicizado. Ele nos mostra, ainda, que o oposto ocorre simultaneamente, ou seja, a desterritorialização implica na reterritorialização em termos de novos territórios “que respaldem antigos grupos étnicos cujas tradições precisam muitas vezes ser reinventadas” (p. 40). É o caso do confinamento dos nativos sul-africanos aos limites dos bantustões, onde eles, ainda que por um determinado tempo somente, tiveram que reinventar sua forma de vida social, econômica e política. Para Haesbaert (2002), a identidade depende dos

² Minha tradução de “In Alexandra, life was exciting <and>, although the racial policies of the present government have destroyed its social fabric <and> reduced it <to> a ghost town, thinking of it always evokes in me fond memories. Here I learnt <to> adjust myself <to> urban life <and> came into physical contact with all the evils of white supremacy. Although the township had some beautiful buildings, it was a typical slum area <-> overcrowded <and> dirty, with undernourished children running about naked or in filthy rags. It teemed with all kinds of religious sects, gangsters <and> shebeens. Life was cheap <and> the gun <and> the knife ruled at night. <very> often the police would raid for passes, poll tax <and> liquor <and> arrest large numbers. In spite of this, Alexandra was more than a home for its fifty thousand residents. As one of the few areas of the country where Africans could acquire freehold property, <and> run their own affairs free from the tyranny of municipal regulations, it was both a symbol <and> a challenge. Its establishment was an acknowledgement <that> a section of our people had broken their ties with the rural areas <and> become permanent town dwellers. Drawn from all the African language groups, its population was politically conscious, more articulate <and> with a sense of solidarity which was causing increasing concern among the whites. (MANDELA, 2010, p. 35)

construtos referidos a um determinado recorte geográfico, seja de caráter concreto ou abstrato.

Portanto, o aspecto central na definição de território é o caráter de controle dos Processos sociais que ele implica, não sendo este apenas controle pelo poder político-econômico, mas também pela força de coesão das identidades territoriais (HAESBAERT, 2002, p. 47). Para o autor, é preciso haver uma nova concepção de território, ou seja, um território múltiplo, onde deve ser implementada, não uma identidade “una e pouco permeável” nem a diluição de todas as identidades, mas, antes, o convívio entre as várias construções identitárias, inclusive, e eu diria principalmente, naquela que exista a possibilidade de compartilhar múltiplos territórios. Só assim, diz ele, “poderemos combater a mais real das desterritorializações, aquela que promove a exclusão” (p. 49).

A implementação do apartheid chamou a atenção e gerou a indignação dos estados asiáticos e africanos recém-independentes, liderados pela Índia ao final dos anos 1940, em objeção à recusa do governo sul-africano em conceder aos negros do Commonwealth os mesmos direitos outorgados aos brancos (CLARK; WORGER, 2004, p. 4). A repercussão internacional cresceria em 1952, quando representantes dos treze estados da Ásia e África se levantaram contra a política sul-africana nas Nações Unidas, afirmando que o *apartheid* estava criando uma situação perigosa e explosiva no país, além de constituir uma ameaça à paz mundial e violar abertamente os princípios básicos e as liberdades fundamentais, garantidos na Carta das Nações Unidas. A partir das décadas de 1960-70, eleva-se a crítica internacional ao movimento, à medida que as políticas do *apartheid* se tornam mais cruéis, o que piora com o episódio de Shaperville, onde 69 africanos negros foram mortos em uma manifestação pacífica contra o regime branco em 1960. Mas foi na década de 1980 que as manifestações contra o regime do *apartheid* registraram sua maior força, levando mesmo a boicotes econômicos, políticos e esportivos por parte de outros países.

Para fins de informação somente, apresento, a seguir, alguns dos exemplos de como o *apartheid* e Nelson Mandela foram representados pela mídia a partir do início da década de 1980. Ainda que sem qualquer finalidade de me enveredar pelos caminhos de uma teoria comparativa, considero importante mostrar essas representações, principalmente porque o foco de nosso estudo é a representação de Mandela pelo próprio Mandela, o qual nos

revela sua intimidade, buscando desconstruir o mito do herói, criado por todos, incluindo a mídia.

1.2 O Apartheid na Mídia

A escolha dos periódicos a seguir teve como base a relevância dos mesmos como meio de informação tanto no próprio país, quanto no cenário jornalístico internacional. Vale ressaltar que as reportagens foram escolhidas aleatoriamente, para fins de ilustração apenas, obedecendo, entretanto, à ordem cronológica de publicação na mídia, o que permitir um melhor acompanhamento do desenrolar dos fatos.

Folha de São Paulo

14 de agosto de 1978. Negros e Brancos.

Esta reportagem da Folha faz um resumo da discriminação racial pela minoria branca na África do Sul, que, segundo o jornal, “embora não se possa dominar facilmente a indignação ante os relatos diários de explosões negras com sua contrapartida de brutal repressão branca, nada do que ocorre hoje na África do Sul nos deve surpreender.” A reportagem surge, então, mais como a reiteração por parte do jornal quanto ao que já tinha sido anteriormente antecipado, do que uma tomada de posição contra o movimento.

26 de dezembro de 1982. O Massacre de Shaperville em 60.

A reportagem da época fala do massacre de 186 pessoas pela polícia de Shaperville, que ocorreu em resultado de levantes por grupos dissidentes negros, os quais, em desobediência ao CNA e em resposta à violência usada pelo governo branco em relação à Carta da Liberdade, convocaram protestos violentos em março de 1960.

Dificultando, ainda mais, as relações entre os dois lados, e tornando o CNA um órgão oficialmente ilegal, este incidente somente iria fazer com que os líderes do CNA ficassem à margem dos acontecimentos no país, “perdendo de vista a profundidade das mudanças sociais e políticas em gestação nos subúrbios das grandes cidades sul-africanas.”

27 de junho de 1984. Bispo Denuncia Tortura.

A reportagem fala do pedido do bispo sul-africano, Tshenuwani Simon Farisani, aos EUA e à Anistia Internacional para investigar denúncias de tortura no país, afirmando ser, ele mesmo, refém dos torturadores por defender uma posição contrária ao apartheid. Para ele, “o apartheid e a tortura são duas coisas inseparáveis”.

The New York Times

30 de julho de 1988. Especial de Johannesburg para o The New York Times. Quem Fala por Nelson Mandela?

O texto mostra a defesa de Nelson Mandela contra a alegação de que ele teria dado uma procuração para um consultor de relações públicas da Carolina do Norte, EUA, para tratar dos interesses da família Mandela e evitar “a ‘destruição’ do nome do líder antiapartheid”.

A declaração atribuída a Mandela, afirma o texto, abre uma disputa entre a esposa de Mandela, Winnie, e o CNA, do qual Mandela é líder e o qual tem o direito de comercialização do nome Mandela.

23 de julho de 1989. De Klerk abre uma Porta ao Grupo de Mandela

Esta reportagem não só representa o partido de Mandela (Congresso Nacional Africano) como “fora da lei”, mas, também, como veículo que espalha a violência pelo país. De Klerk se propõe a conversar com os membros do CNA, do qual afirma ser Mandela o líder, se eles endossarem a declaração de Mandela, na prisão, de que “está compromissado com a perseguição de soluções pacíficas”.

Em adição, a reportagem afirma que Mandela, apesar de buscar a paz, afirma que não abandonará a posição que tomou há 28 anos, “o sr. Mandela jamais renunciou à luta armada contra a minoria branca do Governo de Pretória”, afirma o jornal.

21 de junho de 1990. Por que Mandela não renuncia à violência?

O texto começa, reafirmando as intenções de Mandela de assumir um cargo no Congresso da África do Sul, após o apartheid, o que, segundo a reportagem, também é objetivo do presidente De Klerk e do chefe Buthelezi, da organização Inkatha. O foco principal da reportagem, no entanto, é o questionamento dos meios utilizados por Mandela, para lidar com o fim do movimento do *apartheid*: violência.

A reportagem questiona o uso da força por parte de Mandela, ao ponto de compará-lo com personagens de sua ‘estatura’, como Martin Luther King, o qual pregava a não violência. O jornalista chega, até mesmo, a afirmar que “em grande contraste ao Dr. King, o sr. Mandela continua seu apelo por ‘uma luta armada’”, o que pode prolongar o sofrimento [de todos envolvidos no conflito do apartheid].

Em todo o texto, Mandela é acusado de incitar a violência entre grupos de negros rivais e até mesmo ordenar matanças por todo o país.

The Guardian

30 de outubro de 1998. Poucos Escapam da Mancha do Apartheid.

A reportagem começa lembrando os leitores dos princípios determinados no relatório da Comissão da Verdade e Reconciliação, que considera o apartheid como um crime contra a humanidade. Ela mostra os dois lados da moeda, ou seja, da ilegalidade do movimento de discriminação racial, que matou inúmeras pessoas na África: “na aplicação da política do apartheid, o estado buscou proteger o poder e os privilégios de uma minoria racial durante o período de 1960-90”, como a responsabilidade por parte do movimento de combate ao apartheid, Congresso Nacional Africano (CNA), considerado culpado “tanto política quanto moralmente pela comissão de violação brutal dos direitos humanos”. Há menção de vários casos de tortura e assassinato nos acampamentos do CNA na Tanzânia e em Angola, além de casos nas áreas rurais, no nordeste e sudeste de Transvaal, levando até a morte de crianças.

A reportagem mostra, também, que o apartheid era um movimento apoiado pelos setores econômicos, em especial a indústria de mineração, alguns bancos, como o Banco de Desenvolvimento da África do Sul, que estava diretamente envolvido no sustento dos *bantustões*, e até o setor religioso, como era o caso da Igreja Reformada Holandesa, que pregava o apartheid como uma ordenança bíblica.

Ainda, há menção feita a profissionais liberais, como médicos, dentistas e advogados, além da própria imprensa escrita e televisada, que apoiavam o governo de minoria branca. O objetivo é mostrar que alguns poucos somente escaparam à influência do movimento do apartheid.

The Sunday Times

20 de novembro de 1988. Massacre Força Botha a Livrar-se dos Neofacistas

A reportagem fala do massacre ocorrido na área central de Pretoria, o qual foi provocado por um ex-policial branco de 23 anos, causando um banho de sangue público e balançando a posição da minoria branca sul-africana de que a violência racial era para preservar os terroristas negros. O massacre levou, assim, o governo branco a tomar medidas drásticas para eliminar os grupos radicais brancos, evitando outros confrontos como este.

Estas representações midiáticas do apartheid e Nelson Mandela ilustram o que Simpson (2004, p.74-75) trata como “integração entre Personagens e Circunstâncias”, ou transitividade. Segundo ele, a análise literária, através da lente da transitividade, que considera as relações entre os Participantes, Processos e Circunstâncias dos eventos, tem sido utilizada durante anos, tendo sido este tipo de estudo iniciado por Halliday (1973), a quem é atribuído o desenvolvimento do referido modelo da transitividade. Na verdade, Halliday (1981/1973) é a análise precursora, com o estudo da obra de William Golding – *The Inheritors* (1961)³.

Interessante observarmos que Mandela é tratado, em todo momento, como guerrilheiro e revolucionário; chefe de um grupo armado, que se opõe às forças de um governo que somente deseja estabelecer a paz no país. E foi neste cenário, do qual Mandela tornara-se protagonista principal, que ele começou a rascunhar o que viria a ser sua primeira autobiografia – *Long Walk to Freedom*, tratada na seção seguinte.

1.3 Long Walk to Freedom

A primeira autobiografia de Nelson Mandela começou a ser escrita, de forma clandestina, quando ele estava preso na ilha de Robben (*Robben Island*). Segundo ele, sem a ajuda de dois grades amigos e companheiros de prisão, Walter Sisulu e Ahmed Kathrada, a obra autobiográfica não teria sido concluída:

Esta primeira versão da vida de Mandela apresenta sua trajetória, de um jovem revolucionário (como vimos acima) e cheio de ódio, para um homem maduro (o que não vimos representado na mídia), ponderado e cheio de perdão por todos os que lhe ‘tiraram a oportunidade de viver os momentos mais plenos de sua vida’ (aspas minhas).

A obra focaliza sua vida como um todo, enfatizando, porém, o lado político do autor, ao contrário da obra de onde foi extraído o *corpus* do presente estudo, no qual Mandela procura revelar seu verdadeiro eu, pessoal e humano. Assim, conforme o texto do presidente americano, Bill Clinton, que abre o prefácio da obra,

“Long Walk to Freedom é mais do que uma biografia de um grande homem. É a crônica de um filho que se separa de sua família e tradição; uma voz da liberdade que é capturada, isolada e aprisionada; um revolucionário que transcende o conflito para se

³ HALLIDAY, M.A.K. Explorations in the Functions of Language. London, Edward Arnold, 1973.

tornar um pacificador e unificador; e um raro ser humano que, a se libertar de seus demônios, também se torna livre para exercer sua extraordinária liderança do seu país e do mundo”. (prefácio, 2013).

juntamente com as publicações midiáticas sobre o *apartheid* e seu protagonista maior, Mandela, notamos que ele é tratado como revolucionário político e herói de um movimento discriminatório de poucos precedentes na História da humanidade. Entretanto, é somente pela análise do discurso narrativo do próprio Mandela que percebemos como ele busca a desconstrução deste mito, o que constituiu o foco desta pesquisa.

Para tanto, inicio a seção seguinte com uma breve introdução à importância da Narrativa como instrumento de análise que nos permite estudar tanto os fatos ocorridos quanto seus personagens.

1.4 Uma Breve Introdução à Importância da Narrativa

Segundo Lieblich *et al.* (1998, p.2-3), a pesquisa narrativa refere-se a qualquer estudo que utilize ou analise materiais narrativos, cujos dados podem ser histórias (coletadas em entrevistas ou trabalhos literários), ou mesmo anotações de campo, na forma de narrativas ou cartas pessoais (caso da qual extraímos o nosso *corpus*). Ela pode constituir o próprio objeto da pesquisa, ou servir de instrumento para o estudo de outra questão. Pode, também, ser utilizada para comparação entre grupos, estudo de um Fenômeno ou período histórico, ou, mesmo, explorar uma personalidade.

As autoras afirmam que, apesar de ter sua origem no campo médico, para diagnosticar problemas diversos em pacientes, o uso de narrativas tem crescido consideravelmente nas últimas décadas, sendo utilizado nas áreas da antropologia, estudos de gênero, educação, linguística, etc., como meio para se entender a identidade pessoal, estilo de vida, cultura e o mundo histórico do narrador.

Brockmeier e Carbaugh (2001, p.4-8) defendem que o estudo da narratologia, surgido nos anos 1960-70, passou, desde então, por grandes mudanças, assim como aconteceu, também com a própria língua. De uma forma estruturalista de se estudar textos escritos, basicamente da literatura ficcional para uma visão mais ampla, ou seja, de uma narrativa *langue* para uma narrativa *parole*. A análise narrativa deixa, então, de ser uma mera análise textual, da sintaxe no nível da sentença, para se tornar uma análise contextual,

ou, como definem os autores, “análise cultural” (p.5), focalizando os sistemas em uso nos contextos. O que ocorre, na verdade, é uma interpretação da cultura. E isso tem se tornado cada vez mais comum. Uma análise da narrativa orientada para o contexto de cultura a partir da análise linguística de instância textual, produzida em um dado contexto de situação local., como Toolan (1988), Fowler(1981), Birch (1989), Halliday (1981;2002), Butt e Lukin (2009), Hasan (1989), Martin e Rose (2003;2007), Simpson (2005), De Fina (2003) De Fina *et al* (2006), Afful (2007), Brooks (2009), Turci (1992), Polkinghorne (1991) e Bakhtin (1997), para mencionar alguns. No caso de Bakhtin (1997), vale ressaltar as palavras do autor em sua visão da literatura (e narrativa), ao afirmar que a seu ver, “a ciência literária deve, acima de tudo, estreitar seu vínculo com a história da cultura. A literatura é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura de uma dada época” (p.362)

Voltaremos à relação narrativa e texto, ou mesmo do texto e da língua em geral, com o contexto no qual se insere, no capítulo seguinte (2), ao tratarmos da transitividade. Obviamente, o objetivo desta seção foi só esboçar a importância da narrativa na construção de vida dos indivíduos, já que, o tópico *per se*, demandaria mais do que uma tese de doutorado para ser investigado em sua amplitude. Concluindo, subscrevo-me ao ponto de vista de (DE FINNA, BIRCH, POLKINGHORNE, PLOOY, para exemplo) que um dos objetivos mais importantes da narrativa é a possibilidade que ela oferece para construção da identidade do sujeito, o que é tratado na próxima seção.

1.5 Narrativa e Construção Identitária

Desde os primórdios dos tempos, histórias têm sido contadas como uma forma de resgatar experiências passadas e, principalmente, registrar a presença do homem no mundo. É simplesmente impossível pensar nossas vidas sem elas. Elas são o registro de nossas ações e identidades, desde que passamos a existir. Sempre que nos comunicamos com os outros, nós o fazemos através de histórias. Nossos próprios pensamentos, assim como nossa vida, são organizados narrativamente. Ao falarmos de ‘identidade do sujeito’, estamos, de fato, nos referindo à sua história de vida, tudo o que ele viveu e que ajudou na construção de sua personalidade. Como tivemos a oportunidade de ver na seção anterior, é cada vez maior o número de estudiosos que hoje se

voltam para a narrativa, como forma de identificar aspectos mais particulares sobre os indivíduos.

Brockmeier e Harré (2003, p.9) declaram que as “narrativas são formas inerentes em nosso modo de alcançar conhecimentos que estruturam a experiência do mundo e de nós mesmos.”. Pavlenko e Lantolf (2000, p.160) afirmam que, da mesma forma que as narrativas são construídas pelas comunidades, para criarem significados e coesão para o grupo, os sujeitos constroem suas narrativas pessoais, de forma a darem coesão às suas próprias vidas; em outras palavras, para saberem quem são e para onde caminham.

A narrativa do *self* busca explorar e entender o mundo interno dos indivíduos, sendo um dos canais mais claros, os seus relatos verbais e suas histórias sobre como a LSF é uma teoria construcionista e não realista (a sociedade ative e realizada pela língua e a língua realiza/constrói a sociedade vivenciada).

Na mesma linha, Polkinghorne (1988, p.112) defende a capacidade do indivíduo de estruturar suas estórias nos padrões da gramática narrativa, mesmo antes de assimilar a sintaxe gramatical, antes dos quatro anos de idade. Ele enfatiza que as ações do ser humano são sua expressão de existência, cuja organização manifesta a composição narrativa da experiência humana. Assim, concluímos, como afirmado anteriormente, que vivemos narrativamente, organizamos nossos pensamentos, experiências e representações do mundo e de nós mesmos de forma narrativa.

Estórias imitam a vida e apresentam uma organização interna para o mundo, ao mesmo tempo em que moldam e constroem a personalidade e os Processos de vida do narrador, uma vez que são criadas, contadas, revisadas e recontadas (ou revividas) durante sua vida. É o que defende Bruner (2004, p.692), para quem o sujeito não tem outra forma de descrever o ‘tempo vivido’ (aspas no original), a não ser na forma de uma narrativa. Ele também afirma que “a mimese entre o que chamamos de vida e a narrativa é uma via de duas mãos: a narrativa imita a vida e a vida imita a narrativa”.

Lieblich *et al.* (1998, p.8-9) chamam atenção, porém, para o fato de entendermos que a história de vida do narrador é apenas um momento da sua história de vida como um todo, a qual, quando registrada na forma de um texto,

constitui uma fotografia única e congelada da identidade dinamicamente em alteração. Temos que estar cientes de que a identidade ‘interna’ (aspas no original), refletida como produto estático no texto narrado, encontra-se em fluxo constante. Portanto, não podemos considerar essas histórias pura ficção, nem tomá-las ao pé da letra, como representação fiel da realidade.

Isso ocorre, porque temos um narrador que conta sua história, tendo em mente um determinado público, que influenciará sua narrativa, a qual ocorre dentro de um contexto específico. Esse cenário torna a narração da história um momento polifônico, de múltiplas vozes que interferem na narrativa e nas possíveis construções do sujeito. É a heteroglossia, ou multiplicidade de vozes, que menciona Bakhtin. Para ele (1997, p.337), “expressar-se a si mesmo significa fazer de si um objeto para o outro e para si mesmo (“a realidade da consciência) (ênfase no original).

Goffman (1959, p.2) também se pronuncia a respeito da forma como o sujeito se apresenta aos outros. A expressividade do indivíduo, afirma o autor, (e, por conseguinte, sua capacidade de impressionar) (parênteses no original) parece envolver dois tipos radicalmente diferentes de atividade semiótica: (i) seu uso de símbolos verbais ou seus substitutos, exclusivamente para transmitir informações que ele e os outros conectam a estes símbolos, (ii) um enorme campo de ações, que os outros podem tratar como sintomáticas do Ator, a expectativa sendo a de que a ação foi executada por motivos distintos das informações assim transmitidas. Mais adiante, Goffman (1959, p.6) nos diz, ainda, que

“quando um indivíduo se apresenta diante dos outros, suas ações influenciarão a definição da situação. Às vezes, o indivíduo agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de forma única e exclusivamente para impressionar os demais.”

No *corpus* que estudei na pesquisa ora relatada, Mandela, ainda que utilize os meios de expressão de si mesmo nos parâmetros discutidos acima, ele o faz, na intenção de nos fazer perceber sua voz mais íntima, a do *homem* Mandela. Bakhtin (1997, p. 340) afirma que na literatura (e aqui eu estendo para qualquer tipo de narrativa em que o indivíduo se apresenta) o homem representado é objeto e sujeito, em graus muito variáveis (conforme o dialogismo da relação que o autor estabelece com o herói) (parênteses no original).

A forma como o autor lida com a expressão do *self*, como narra e constrói a história é o que decidirá, então, como vamos reconhecê-lo. Ele

determinará o foco e o caminho a ser mostrado ao leitor. Rosenwald e Ochberg (1992, p. 1) defendem que o que tornam interessantes as histórias que os indivíduos contam sobre si mesmos não são somente as situações ou personagens envolvidos nestas histórias, mas a forma como elas são (re)contadas. O que eles apresentam e omitem, seu posicionamento como protagonistas ou vítimas, além das relações que estas histórias estabelecem com o leitor.

Assim, como já foi dito, uma vez que o foco de nossa investigação é analisar como Mandela desconstrói, em sua narrativa, o mito do herói, dando voz ao homem Mandela, julgo oportuno, revermos, ainda que brevemente, o papel do mito na narrativa. Isto somente ajudará a esclarecer a forma como a narrativa foi construída e o entendimento do objetivo de nosso estudo.

1.6 Uma Breve Introdução à Noção do Mito

São vários os estudiosos (Murray, Doty, Jung, Freud, Eliade, Barbour, Lévi-Strauss, etc.) que têm se dedicado ao estudo dos mitos. O assunto é abordado de forma interdisciplinar, seja na antropologia, psicologia, sociologia ou na literatura. O objetivo desta seção é simplesmente introduzir a visão que alguns destes estudiosos têm do assunto, já que o objetivo principal da pesquisa é a desmistificação do herói e a construção do homem Mandela. Assim, torna-se relevante entendermos a noção de mito. Para tanto, utilizo, principalmente, a obra de Doty (2000), uma vez que em sua obra, o autor utiliza referências e citações que se fazem presentes na maioria dos estudos sobre o assunto.

A palavra mito ou *mythos* (grego) e *fabula* (latim) significa narrativa, enredo de uma existência vivenciada ou ideal (DOTY, 2000, p.1317)⁴. O autor afirma que mitos são as ficções narrativas, cujos enredos são, primeiramente, lidos no nível de suas próprias histórias, para, então, serem, frequentemente, tratados como projeções de significados transcendentais inerentes.

Nos período Alexandrino, assim como no Helenístico, os impulsos literários levaram à obtenção, consolidação e organização de tradições mais antigas em compêndios, bibliotecas e manuais. Anos mais tarde, estes trabalhos formaram os conceitos ocidentais de mitologia, da Idade Média ao período Romântico (DOTY, 2000, p.1407).

⁴ A letra *p* na referência de DOTY 2000, refere-se à *posição* do texto, não a uma página, uma vez que o livro encontra-se na versão Kindle.

Murray (1960, p.355) define o termo mito como instrumentos através dos quais os indivíduos lutam, continuamente, para tornar suas experiências inteligíveis para si mesmos. Este conceito é, posteriormente, expandido para acomodar outras perspectivas, também, relevantes, como, por exemplo, o uso de objetos que simbolizam certos mitos em alguns povos.

Outro aspecto de especial importância em sua interpretação do significado de mito, é que os mitos possuem uma referência temporal, no sentido de que são a característica essencial de situações ou eventos imaginados. Eles, também, possuem uma definição funcional, cujo poder pode ser estimado em termos do Escopo social, temporal e intensidade média do efeito (MURRAY, 1943).

Doty (2000, p.1599) aponta que os mitos servem para justificar práticas contemporâneas, *status*, relacionamentos, rituais, tecnologias, etc.. Para o autor, os mitos e rituais modelam os papéis comportamentais dos indivíduos, expressando uma série de possibilidades consideradas ‘humanas’ (aspas no original), dentro de uma dada sociedade. Os indivíduos considerados mitos propiciam identidades místicas projetivas que buscamos copiar (DOTY, 2000, p. 1672).

A mitificação de Mandela pode, muito bem, ser explicada pelos pontos de vista a seguir:

“Os valores transmitidos pelos mitos dentro de uma rede, pode variar: eles podem referir-se aos ideais humanos de interação, respostas a realidades não humanas ou supra-humanas, etc. Os mitos são normativos, ao apoiarem tipos específicos de comportamentos e associações, e rejeitarem outros modelos exemplares; eles são educativos e heurísticos ao enfatizar padrões adaptativos e de melhorias. Propiciam coesão social, criando uma articulação simbólica partilhada de padrões e relações sociais, podendo liberar tensões ou bloquear explorações desaprovadas de relações ou comportamentos” (DOTY, 2000, p.1731),

ou ainda, e principalmente,

“Os mitos vivos são marcados pelo consenso social, sobre sua importância e, frequentemente, suas implicações (itálico no original). Daí, podemos falar em auto reconhecimento por parte da sociedade, de que um mito é culturalmente importante” (DOTY, 2000. p.1231).

O mito está para a cultura de um determinado povo em uma determinada época, assim como a língua está para o falante. Mito é uma reflexão dos valores de um povo, das estórias que contam, as quais foram herdadas de seus antepassados. Consequentemente, elas definem a identidade do indivíduo.

Em meio a tantas definições e comparações que Doty apresenta em sua obra, como mito sendo instrumento de definição da cultura de um determinado povo, etc., temos, por outro lado, a citação de Culler (1983, p. 86) em que ele trata exatamente do significado da desconstrução do mito. Para Culler, desconstruir um discurso é mostrar como o mesmo mina a filosofia que defende, ou as oposições hierárquicas sobre as quais assenta, identificando, no texto, operações retóricas que produzem a suposta base do argumento ou conceito ou premissa básica. Desconstruir não implica, necessariamente, um julgamento negativo, podendo trazer à luz, momentos importantes que estavam encobertos.

Esta é exatamente nossa proposta, trazer no discurso de Mandela, como postulou Culler, seus momentos que estavam encobertos e que revelam seu verdadeiro eu, seu íntimo, não as atitudes do herói, mas do homem Mandela.

Para isso, é importante e necessário uma breve palavra sobre a narrativa autobiográfica, de como ela se insere no contexto maior da narrativa, para que possamos melhor entender esse gênero literário, que tanto nos revela sobre seus autores.

1.7 A Narrativa Autobiográfica

Durante séculos, foi grande a controvérsia em torno do termo autobiografia e dos motivos de sua publicação. Folkenflik (1993, p. 1-19), em seu abrangente artigo sobre *A Instituição da Autobiografia*, nos mostra as vias percorridas pelo Processo autobiográfico até o presente momento. Segundo o autor, a primeira tentativa de se montar o quebra-cabeça da terminologia do que seria uma autobiografia, foi em 1989, com a obra de Felicity Nussbaum - *The Autobiographical Subject*. Segundo consta, entretanto, o uso pioneiro do termo em inglês foi em 1809, apesar de se ter notícias de seu uso no periódico – *Monthly Review*, em 1797 – em um comentário feito por William Taylor, de Norwich, sobre a biografia de Isaac D’Israeli, escrita por James Ogden. Ao comentar sobre a obra de D’Israeli – *Some Observations on Diaries, Self-biography, and Self-characters* – Taylor não mediu palavras em sua crítica à aplicação do termo. Ele questionou a legitimidade do termo, afirmando não ser comum, em inglês, empregar palavras híbridas, parcialmente Saxônicas e parcialmente Gregas.

Independentemente, Folkenflik (1993, p.1) afirma que a primeira vez que se tem conhecimento da publicação de *autobiografia* (itálico no original), foi no prefácio da edição de 1786 de *Poems*, por Ann Yearsley, como ‘Narrativa

Autobiográfica' (aspas no original). Posteriormente, durante os séculos seguintes, seu uso se tornou mais comum, primeiramente na Inglaterra e Alemanha, chegando, depois à França.

Até então, não se cogitava o uso de escrever sobre o próprio indivíduo, já que o foco no ser humano como centro das atenções, só viria a ocorrer com o Romantismo. Comentando sobre o uso de *autobiografia*, em detrimento de seu similar em alemão, Folkenflik (1993, p.3) cita o comentário de Friedrich Schlegel feito em 1798, de que as autobiografias puras são escritas tanto por neuróticos, fascinados pelo próprio ego, ou por autores com um profundo amor artístico ou pessoal.

Este incidente nos mostra como o foco no *self* era abominado pela sociedade até então. Até pouco tempo atrás, as biografias (a publicação de autobiografias viria ainda mais tarde) eram destinadas a pessoas ilustres, ou cujos feitos as tornaram famosas. É interessante observarmos esse ponto, pois só hoje, no XXI, época em que o foco se centra cada vez mais no pessoal, no que as pessoas dizem ou fazem, ainda há quem não se julgue no direito de ter sua própria história escrita. É o que nos mostra Mandela, em toda sua humildade, quando afirma que *"I am doubtful if I will ever sit down to sketch my background"* (ver Apêndice C).

Na definição do próprio Folkenflik (1993, p.13-16), o gênero autobiográfico possui normas, não regras. Normalmente, ocorre na primeira pessoa, não se limitando a esta, porém. Autobiografias podem ser escritas em prosa ou verso. Folkenflik advoga, ainda, que a diferença entre autobiografia e biografia baseia-se na consciência. Isso significa que o narrador tem, até certo ponto, pelo menos, um conhecimento privilegiado da consciência do protagonista de sua narrativa. Falando em consciência, falamos, também, em memória. Seligmann-Silva (2003) dedica-se à interpretação e explicação do que denomina de literatura de testemunho. Na relação que tece entre o testemunho – ou experiência de algo – e a forma de expressão do acontecimento, ele afirma que "o testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade" (p.46). Ele afirma que testemunhamos um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a língua e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido com o verbal.

Afirma o autor que

"se a arte e a literatura contemporâneas têm como seu centro de gravidade o trabalho com a memória (ou melhor, o trabalho da memória) (itálico e parênteses no original), a literatura que situa a

tarefa do testemunho no seu núcleo, por sua vez, é a literatura par excellence da memória” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.388)

Seixas (2009, p.44-45) defende que a função criativa inscrita na memória de atualização do passado em direção a um futuro, reinveste-se de toda carga afetiva atribuída comumente aos mitos e utopias. Para ela, é preciso incorporar o papel desempenhado pela afetividade e sensibilidade na memória involuntária. Em outro momento (p.47), ela continua, dizendo que a memória é algo que atravessa e vence obstáculos, que emerge e irrompe. Os sentimentos associados a este percurso, diz, são ambíguos, mas sempre presentes. Não há memória involuntária que não venha carregada de afetividade. Neste ponto, julgo importante esclarecer que, para a autora, a memória involuntária não é seletiva, intelectual, contrapondo-se, neste aspecto, à memória voluntária (p.46).

Portanto, quando tratamos da autobiografia como gênero literário, temos que vê-la no contexto da revisitação de eventos e experiências passadas, que deliberada ou involuntariamente trazemos conosco para o tempo presente. Mas a autobiografia vai muito além das recordações da ‘vida vivida’ (BRUNER, 1993, p. 38). Para este autor, a vida não é um fato consumado a ser lembrado na escrita, mas, antes, construída no ato da própria autobiografia. Esta, é uma forma de construção da experiência, ou melhor dizendo, reconstrução contínua e recorrente da vida.

Toda esta discussão sobre narrativa e narrativa autobiográfica nos leva à noção de contexto, seja de situação ou cultura (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). E ao pensarmos em contexto, experiências e relatos, do ponto de vista das representações das experiências, não podemos ignorar um dos aspectos importantes da autobiografia, ou *life stories*, como coloca Rosenwald e Ochberg (1992, p. 3): “nosso interesse na narrativa pessoal resulta da recente luta em favor dos direitos dos marginalizados. O apelo ao reconhecimento dos grupos minoritários – mulheres, negros, e as culturas do terceiro mundo”. Esse interesse, apontam os autores tem assumido a forma de relatos pessoais de sofrimento e redenção.

Concluindo, temporariamente, é neste contexto de tais relatos que se insere a narrativa autobiográfica de Mandela. Os aspectos apontados pelos teóricos acima, com respeito aos relatos pessoais e à narrativa em geral, serão trabalhados com base na teoria e instrumentos analíticos descritos no Capítulo 2, a seguir.

CAPÍTULO 2 APORTE TEÓRICO

2.1 Considerações Iniciais

Tendo apresentado no capítulo anterior os elementos que constituem o contexto de cultura no qual se inserem as experiências representadas e relatadas na obra autobiográfica da qual extraí o corpus da pesquisa, dedico este capítulo à apresentação das teorias – Linguística Sistêmico-Funcional e Teoria dos Atores Sociais – e dos aspectos teóricos subjacentes aos instrumentos metodológicos – o Sistema de Transitividade dentro da GSF no Escopo da LSF e o WordSmith Tools, no Escopo da LC, que sustentam o Processo de consecução dos objetivos propostos.

2.2 A Linguística Sistêmico-Funcional

Partindo da premissa de que a língua é um ato social, ou seja, vai além da estrutura da frase para constituir o meio pelo qual os indivíduos interagem, na troca de significados em suas práticas sociais, Halliday (1978, 1989) abre uma nova perspectiva para o estudo da língua: a língua como meio de expressão do indivíduo, que constrói o contexto no qual se insere e, ao mesmo tempo, é ativado por esse contexto. Desta forma, ela é vista como uma rede de sistemas, ou cadeia de escolhas inter-relacionadas para criar significados; um Processo social e funcional, cuja função essencial é construir significados, nos vários contextos locais de sua utilização, na construção do contexto amplo da cultura. Para Halliday (1978, p. 28), o sucesso linguístico está, então, diretamente relacionado à habilidade que o sujeito tem para apreender um repertório, o mais vasto possível, de variedades da língua apropriadas a usos distintos, nos contextos de situação e cultura..

Este conceito básico da língua como Processo de socialização limitado a e refletor da estrutura social imediata em que se encontra, define o *contexto de situação* proposto pelo antropólogo Malinowski (MALINOWSKI, 1923) e elaborado por Firth (1957). Aqui, a língua existe somente quando funciona em uma determinada situação social (contexto de situação), cujas características – Participantes, ações e outros aspectos contextuais relevantes - são construídos na troca discursiva pelos falantes, a qual é por eles ativada. O que ocorre, porém, é que nosso discurso não é definido somente pelo contexto imediato no qual se encontra, mas também, e através deste, sofre influência de e determina um contexto mais amplo, no qual estamos todos inseridos, ou seja, o *contexto*

de cultura, outro termo emprestado de Malinowski (1923). Halliday e Hasan (1989, p.46) definem este tipo de contexto como um contexto maior, em relação ao qual o texto deve ser interpretado. Para ele, o contexto de cultura é o pano de fundo institucional e ideológico que propicia valor ao texto e limita sua interpretação. Ao primeiro conjunto contextual - prática social, Participantes e papel desempenhado pela língua, contexto de situação, Halliday associou o *registro* (HALLIDAY, 1978, p. 31). Elaborando, o autor afirma que registro é um conceito semântico, podendo ser definido como uma configuração de significados tipicamente associados a uma dada configuração situacional de *campo, relações e modo* (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 38). Portanto, temos que campo, relações e modo referem-se, respectivamente, à prática social, interação entre os falantes e à forma que a língua é utilizada para viabilizar a interação na prática social. Na visão de Halliday (2002, 2004, 1978, p. 139), essa prática social de troca de significados, ou produção de registros, é instanciada no texto, ato processual básico para a construção e transmissão da cultura.

Texto, na visão de Halliday (1978, 1989, 2002, 2004), é um Processo dinâmico, que possui um 'fluxo' (aspas no original, 2002, p.227), um desenvolvimento de significados ideacionais e interpessoais, desenvolvimento esse que é viabilizado pela perspectiva textual dos significados.

Influenciado pelas ideias de seu professor, John Firth, Halliday formulou sua teoria que ficou sendo chamada de Linguística Sistêmico-Funcional, que se preocupa com a relação contexto (campo, relações, modo) língua instanciada em texto e, quanto à língua com sua organização interna em estratos: significados ou semântica (ideacional, interpessoal, textual) formas ou léxico gramática (transitividade/relações táticas e lógico-semânticas, modo/modalidade e recursos avaliativos, tema) e expressão, seja fônica ou fonologia-fonética, seja gráfica ou grafologia. Para tratar especificamente do estrato das formas, ele formulou sua Gramática Sistêmico-Funcional (GSF). Em primeiro lugar, ela é sistêmica porque Halliday considera que a lexicogramática é um complexo de sistemas ou rede de sistemas, em que cada sistema é constituído por um conjunto de termos em potencial, à disposição dos falantes para que estes escolham um em detrimento dos demais e, depois, realizem o termo escolhido paradigmaticamente, de modo sintagmático, tendo em vista a formação das configurações estruturais nas hierarquias do morfema, da palavra, do grupo-frase e da oração, as quais construirão o texto. Logo, a

GSF é uma gramática de escolhas ou paradigmáticas em uma gramática de encadeamento ou sintagmática.

Segundo, ela é funcional porque os constituintes da estrutura que resulta das escolhas sistêmicas exercem funções em relação uns aos outros: as funções configuracionais. Voltando à LSF, nas palavras do próprio autor, são duas as funções básicas da língua: "dar sentido à nossa experiência e representar nossas relações sociais" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.29). Para isso, utilizamos as metafunções criadas por Halliday: a ideacional-experiencial, que trata das representações de nossas experiências cotidianas exteriores e interiores, a ideacional-lógica, que é a expressão de relações lógicas gerais e definem as unidades complexas, como por exemplo o complexo oracional, a interpessoal-negociação, que lida com nossas interações com os outros, e a interpessoal-avaliativa. Estas duas metafunções são viabilizadas no discurso, através da terceira metafunção, a textual. Cada metafunção é realizada no estrato de lexicogramática pelo (i) sistema de Transitividade (ideacional-experiencial); (ii) sistema de relações tático-lógicas, (iii) sistema de modo (interpessoal-negociação); (iv) sistema de modalidade e demais recursos avaliativos (interpessoal-avaliatividade) e (v) sistema de tema (textual) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; EGGINS, 2004)

2.3 O Sistema de Transitividade

O sistema de Transitividade, que será usado em nosso estudo, conforme mostrado, é onde se realiza, lexicogramaticalmente, a metafunção ideacional-experiencial. Segundo Halliday (2004, p. 170), esse sistema constrói, na hierarquia da oração, os significados relativos ao mundo das experiências, representando-as através de um grupo gerenciável de **tipos de Processos** (negrito no original). Cada um destes Processos tem seu próprio modelo ou esquema de construção representacional que é sempre subjetivo. Eggins (2004, p.214) esclarece que, ao analisarmos a estrutura de transitividade em uma dada oração, temos que nos preocupar em descrever três aspectos da oração que se constituem em uma figura experiencial subjetivamente segmentada:

- (i) a escolha de um Processo – realizado pelo grupo verbal;
- (ii) a escolha dos Participantes – realizados nos grupos nominais;
- (iii) a escolha das Circunstâncias – realizadas pelos grupos adverbiais e de frases preposicionais;

O exemplo a seguir, apresentado em Eggins (2004, p. 214), ilustra claramente estes três aspectos oracionais:

Last year [Circunstância] Diana [Participante] gave [Processo] blood [Participante]

A pergunta, neste ponto, a ser feita é: quais os Processos possíveis de existirem no Escopo do sistema de transitividade para dar conta da construção da representação subjetiva das experiências humanas cotidianas? Halliday (2004), assim como Eggins (2004) discutem seis Processos: três considerados principais: *material*, *mental* e *relacional* e três considerados secundários: *comportamental*, *verbal* e *existencial*. A Figura 2.2 apresenta os Processos, seus significados e os Participantes a eles associados:

Tipo de Processo		Significado Semântico	Participante Central	Participante Adicional
Material		Fazer	Ator, Meta	Extensão, Atributo, Beneficiário: (Recebedor/ Cliente)
		Acontecer	Ator, Escopo	
Mental		Perceber	Experienciador Fenômeno	--
		Pensar/Conhecer		
		Desejar		
		Sentir		
Relacional	Atributivo	Ter	Portador, Atributo, Identificador, Identificado	--
	Identificativo	Ser		
			Característica, Valor	
Comportamental	Fisiológico Psicológico	Comportar	Comportante	Comportamento/ Extensão
Verbal		Dizer	Dizente, Verbiagem	Receptor Alvo
Existencial		Existir	Existente	--

**Figura. 2.2 – Tipos de Processos e seus Participantes
(Adaptado de Souza, 2011, p. 52)**

A análise da Figura 2.2 nos mostra, inicialmente, os Processos materiais. Halliday (2004, p.179) define que os Processos materiais tratam do fazer e do acontecer. Os Processos materiais podem ser concretos ou abstratos. Eggins (2004, p.215) afirma que a definição semântica destes

Processos, é que uma entidade faz algo, procede a uma ação/fazer ou a um acontecimento. Assim, como vemos na Figura 2.2, no caso de um fazer, temos dois Participantes essenciais: aquele que faz a ação e aquele ao qual a ação é direcionada: Ator e Meta, respectivamente:

I [Ator] **changed** [Processo: material] *my bed* [Meta] (Ver Apêndice A)

Outro caso de Processo material, também descrito na Figura 2.2, é aquele que representa um acontecimento, antes, não é direcionado a outro Participante. Halliday (2004, p.180) o denomina de intransitivo:

I [Ator] **grew up** [Processo:material] **in a country village** [Circunst.] **until I was twenty-three** [Circunst.] (ver Apêndice A)

Halliday (2004, p.184) apresenta dois subtipos de Processos materiais de fazer: (i) criativos – em que o Ator ou Meta é construído à medida que o Processo se desenvolve e (ii) transformativos – nos quais o Ator ou Meta, já existente, é transformado com o Processo. Neste último caso, o autor propõe três categorias de transformação: (i) elaboração; (ii) extensão; (iii) intensificação.⁵

Os Processos Materiais incluem, ainda, outros Participantes, chamados de adicionais, como mostra a figura 2.2. O *Escopo* é o Participante que constrói o domínio sobre o qual o Processo ocorre, não sendo, porém, afetado pelo mesmo. É restrito às orações intransitivas.

Even here [Circunst.] *I* [Ator] **attend** [Processo:material] **all church services** [Escopo] (ver Apêndice A).

O *Atributo*, nos casos dos Processos materiais, é restrito às orações de elaboração, construindo o estado qualitativo do *Ator* ou *Meta*, resultante do Processo.

Outro Participante que pode ocorrer nos Processos materiais é o *Beneficiário*, aquele que, se diz, beneficia com o Processo. São dois os tipos de Beneficiários apresentados em Halliday (2004) e Eggins (2004): (i) *Recebedor* e (ii) *Cliente*. O *Recebedor* é aquele a quem algo é dado, sendo o *Cliente*, o Participante para o qual algum serviço é feito:

⁵ Só para fins de esclarecimento, não é o foco da presente pesquisa (ver cap. 3) enveredar-se pela análise de tais categorias, por isso, faço somente a menção das mesmas. No caso de uma pesquisa mais profunda, ver (Halliday; Matthiessen, 2004; Eggins, 2004).

So then [Circunst.] **I** [Ator] **cleaned** [Processo:material] **it** [meta] **for him** [cliente] (ver Apêndice A)

So I [Ator] **gave** [Processo:material] **this chap** [recebedor] my **passport** [meta] (Ver Apêndice A)

Os Processos mentais referem-se às experiências do nosso consciente, mundo interior. Estes são Processos do sentir. Apresentam dois Participantes, sendo quem sente denominado – *Experienciador* – e o complemento, ou seja, aquilo que é sentido, pensado, desejado, etc., denominado *Fenômeno*, o qual pode ser realizado, segundo Halliday (2004, p.198), por um grupo nominal que denote qualquer tipo de entidade – animal, objeto, etc. Estes Processos podem ser categorizados como perceptivos, cognitivos, emotivos, desiderativos.

A seguir, apresento alguns exemplos que ilustram cada uma destas categorias. Para outros exemplos, ver o Apêndice B.

Categorias	Experienc.	Processos Mentais	Fenômeno⁶
PERCEPTIVOS	<i>I</i>	<i>felt</i>	<i>I had taken the right decision</i>
COGNITIVOS	<i>I</i>	<i>couldn't believe</i>	<i>that he was dead</i>
EMOTIVOS	<i>I</i>	<i>didn't want</i>	<i>to be presented in a way that omits the dark spot in my life</i>
DESIDERATIVOS	<i>I</i>	<i>decided</i>	<i>to act</i>

Figura 2.3 Categorias dos Processos Mentais e seus Elementos Funcionais

O terceiro grupo dos Processos principais é o dos Processos relacionais. Estes Processos servem basicamente para caracterizar e identificar. O segundo Participante realizado pelo verbo *to be* (ser/estar) pode ser um grupo nominal definido ou indefinido. Os Processos relacionais podem construir tanto as experiências externas quanto aquelas do mundo interno, de nossa consciência, mas na forma do ser, não do fazer ou sentir. Isto significa que pode fazer referência a uma situação estática ou não, sendo o segundo caso, próximo ao Processo comportamental. Ao contrário dos Processos materiais, onde podemos ter um só Participante (orações intransitivas), aqui é preciso que

⁶ Apesar de ter ciência da diversidade existente no sistema de Fenomenaliade proposto em Halliday;Matthiessen (2004, p.203-205), resolvi tratar todo o tipo de Fenômeno somente como Fenômeno a bem da simplicidade, uma vez que não se faz necessário para os propósitos da pesquisa descer a tal nível de delicadeza.

haja dois Participantes. Neste caso, os Processos, segundo Halliday (2004, p.214), servem apenas como elo entre os Participantes, sendo estes, os que carregam o peso semântico. As configurações dos Processos relacionais podem ser três: *intensivo*, *possessivo* ou *Circunstancial*. Cada um destes Processos é construído em dois modos distintos de ser – *atributivo* ou *identificativo*.

No modo atributivo, uma característica é atribuída uma entidade, a qual Halliday (2004, p.219) denomina *Atributo*. A entidade à qual o *Atributo* é designado é denominada de *Portador*. No caso do modo *identificativo*, uma identidade é designada a uma entidade ou classe. Isso significa que uma entidade é utilizada para identificar outra: ‘x é *identificado por a*’ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.227). Assim, temos o *Identificado (Identified)* e o *Identificador (Identifier)* como Participantes.

Halliday (2004, p.230) postula que, em qualquer oração identificativa, as duas partes referem-se à mesma coisa, havendo, porém, uma diferença entre elas. A diferença é caracterizada por uma ‘expressão’ e ‘conteúdo’, ou *Token* e o *Value (Característica e Valor)*.

Estes dois tipos de orações relacionais-atributivas e identificativas, também vêm nos modos *Intensivo*, *Possessivo* e *Circunstancial*. No tipo *Circunstancial*, a relação entre os dois termos é de lugar, tempo, modo, causa, acompanhamento, papel(função), assunto ou ponto de vista. No modo *atributivo*, o elemento *Circunstancial* é um atributo designado a uma entidade. No modo *identificativo*, a *Circunstância* assume a forma de uma relação entre duas entidades, ligadas por uma identidade de tempo, lugar, modo, etc..

No tipo *possessivo*, a relação entre os dois termos é de propriedade – uma entidade possui a outra. Halliday (2004, p.244) afirma que esta relação de é mais abrangente do que simplesmente ‘posse’, incluindo propriedade em um sentido mais amplo – posse em termos de partes do corpo, conteúdo, envolvimento, etc. Se a relação for *atributiva*, ela, então, assume a forma de um grupo *possessivo nominal*, alguém que possui algo. Aqui, também, o possuidor é o *Portador* e a coisa possuída, o *Atributo*. Este tipo não é, sintagmaticamente, distinto do modo *identificativo*. No caso da *posse* como *Processo*, temos duas possibilidades: o possuidor é o *Portador* e a coisa possuída o *Atributo*, como vimos acima, ou a coisa possuída é o *Portador* e o possuidor, o *Atributo*. No modo *identificativo*, as duas possibilidades são

bastante semelhantes. A relação pode ser expressa como uma característica dos Participantes, ou como uma característica do Processo.

No caso da presente pesquisa, concentrei-me somente nos Processos atributivos intensivos e Circunstanciais (ver fig. 2.4 abaixo), para atingir os objetivos propostos. Há várias nuances com respeito aos Processos relacionais. Para maiores detalhes, ver nota de rodapé 1, acima.

Categorias	Portador	Processos Relacionais	Atributo	Circunst.
Intensivo	<i>I</i>	<i>am</i>	<i>particularly worried</i>	
Circunstancial	<i>I</i>	<i>could stay</i>	<i>outside</i>	<i>as long as I wanted</i>

Figura 2.4 Processos Relacionais Intensivo e Circunstancial

Os demais Processos descritos por Halliday (2004) e apresentados na Figura 2.2 são: comportamental, verbal e existencial. No primeiro caso, temos duas possibilidades: comportamento fisiológico e psicológico. Halliday (2004, p.250) afirma que este tipo de Processo se distingue dos demais por não ter características próprias. O Participante que exerce o comportamento é denominado de *Comportante*, sendo uma entidade consciente, como o *Experienciador*. Normalmente, temos somente o Comportante e o Processo, sendo que, em alguns casos, temos um segundo Participante, *comportamento*, semelhante ao *Escopo*, dos Processos materiais.

Os Processos verbais se ocupam do dizer. O Participante, que é aquele quem diz algo, é denominado *Dizente*, enquanto o que é dito, é denominado *Verbiagem*. Estes Processos, como é de se esperar, são importantes na criação de uma narrativa ou diálogo. Pode-se ter somente o *Dizente* e a *Verbiagem*, como, também, o *Receptor*, aquele a quem a fala é direcionada. Ainda, temos o *Alvo*, sobre quem a *Verbiagem* se refere.

Finalmente, temos os Processos que representam existência: de algo ou de um acontecimento. Halliday (2004, p.257) defende a importância destes Processos, por sua especial contribuição, como na apresentação de personagens em uma narrativa, por exemplo. Eles também são utilizados para introduzir Fenômenos na narrativa. No caso dos Processos Existenciais, a partícula *there* (do inglês) não é nem Participante nem Circunstância. Ela não possui função representacional na estrutura da transitividade da oração. Serve somente para caracterizar a existência.

Concluindo, após ter apresentado os Processos do sistema de transitividade, passo, a seguir, aos elementos Circunstanciais, que complementam os Participantes e os Processos. Os elementos Circunstanciais representam questões de onde, como, por que e quando; determinam o espectro semântico de espaço, tempo, modo e causa. Estes elementos funcionam como Adjuntos, sendo realizados pelo grupo adverbial ou pela frase preposicionada.

A Figura 2.5 a seguir, apresenta as Circunstâncias, conforme Halliday (2004, p.262), via Praxedes Filho (2007).

Circunstâncias		
Tipo	Subtipo	Exemplos
Extensão	Distância	for two blocks/ every 100 meters/ a long way
	Duração	for five years/ since 2002 / every six hours
	Frequência	once/ twice/ three times
Localização	Lugar	at home/ in the bedroom/ on the table
	Tempo	at one o'clock/ in January/ on Tuesday
Modo	Meio	with a knife/ by means of an email/ through books
	Qualidade	beautifully/ in a happy way/ with happiness
	Comparação	like everybody else/ unlike most students
	Intensidade	deeply/ to a high degree/ to a low extent
Causa	Razão	because of the rain/ due to the exam
	Propósito	for the purpose of restoring his sight
	Benefício	against discrimination
Contingência	Condição	in case of fire / in the event of a storm
	Falta	in the absence of fair play / in default of justice
	Concessão	in spite of prejudice/ regardless of the difficulties
Acompanhamento	Comitativo	with João / without Mary
	Aditivo	as well as Shirley / instead of the President
Papel	Guiso	as a teacher/ in the role of your representative
	Produto	(grow) into a beautiful person
Assunto	X	about your life
Ângulo	Fonte	in the words of Halliday
	Ponto de Vista	to me/ in my view

Figura 2.5 – Transitividade Circunstancial
(Adaptado de Praxedes Filho, 2007, p.38)

Após apresentar a estrutura da oração do ponto de vista da lexicogramática de transitividade, que é um dos sistemas da GSF, a saber, o que realiza as nossas experiências externas e internas, por meio das escolhas léxico-gramaticais que fazemos na hierarquia da oração, conforme o modelo de Halliday (2004), Participante-Processo-Circunstância, considero oportuno introduzir uma abordagem adicional, a qual nos será bastante útil na identificação das estruturas de transitividade de maior recorrência, visando melhor responder as perguntas da pesquisa: os *templates* (ou moldes) de transitividade, criados por Thompson (2010, p. 17-33). Thompson (2010, p.19) define *transitivity templates* como

“representações esquemáticas das estruturas da transitividade, as quais apresentam padrões recorrentes de uma ou mais das entidades presentes na distribuição complementar, em particular, nos papéis dos Participantes ou Circunstâncias”⁷

Ele afirma, também, que esses *templates* são criados ao agruparmos as *concordances*⁸ para as diferentes entidades. Em seu artigo, ele utiliza o exemplo de uma receita para ilustrar seu ponto de vista, chegando ao *template* principal resultante da análise, apresentado na Figura 2.6:

ATOR	+ PROCESSO MATERIAL <i>dispositive</i>	+META	(+CIRCUNSTÂNCIA) <i>location/means/time</i>
[você]	<i>act on</i>	<i>dish/ingredient</i>	<i>equipment/time</i>

Figura 2.6 – *Template* de transitividade referente a uma receita (THOMPSON, 2010, 19).

No exemplo da Figura 2.6, Thompson apresenta o *template* mais comum no caso do gênero receita, ou seja, um Participante que age sobre os ingredientes que, aos poucos, vão se transformando em um prato, por meio da utilização de um equipamento de cozinha adequado, em um determinado espaço de tempo.

A proposta de Thompson (2010), aliada á base teórica de Halliday (HALLIDAY;MATTHIESSEN, 2004) vem, assim, fechar minha apresentação da estrutura de transitividade que constituiu a base para análise dos dados

⁷ Minha tradução de: “schematic representations of transitivity structures in which there are recurrent patterns of one or more of the entities appearing in complementary distribution in particular participant roles or circumstances”.

⁸ É importante lembrar que, para Thompson (2010), *Concordances* significa agrupar todas as orações nas quais cada Entidade ou grupo de Entidades no texto é representada(o) num papel específico.

coletados do *corpus*. A seção 2.4 a seguir será dedicada ao segundo instrumento, agora no âmbito da Linguística de Corpus, a plataforma computacional sobre a qual a análise se assentou, o que me permitiu quantificar e tratar os dados, preparando-os para a análise final, pelas lentes da Teoria dos Atores Sociais. É importante perceber o caminho que está sendo traçado, ou seja, busquei atingir os objetivos da pesquisa, caminhando em direção de uma análise cada vez mais focada nos papéis sociais exercidos por Mandela e os demais Participantes dos Processos.

2.4 O WordSmith Tools 5.0

A Linguística de Corpus (LC) é um campo que se dedica à criação e análise de *corpora* (plural Latim de *copurs*), ou seja, um conjunto de textos e transcrições de fala armazenadas em arquivo de computador. A LC mudou sobremaneira a forma como a linguagem é investigada, colocando à disposição do analista quantidades de dados anteriormente inacessíveis. Um dos grandes responsáveis por essa mudança é a informática, sem a qual a LC não poderia existir em sua forma atual. Assim, o linguista de corpus depende de programas de computador para lidar com corpora. Um desses programas bastante empregado no tratamento dos diversos corpora é o WordSmith Tools, utilizado nesta pesquisa para tratar os dados coletados de nosso *corpus*, conforme explicado a seguir.

O WordSmith Tools (WS) é um conjunto de programas de computador integrados destinados à análise linguística. Este software, especificamente, permite executar análises baseadas na frequência e na co-ocorrência de palavras em corpora. Além disso, ele permite pré-processar os arquivos do corpus (retirar partes indesejadas de cada texto, organizar o conjunto de arquivos, inserir e remover etiquetas, etc.), em preparação para a análise propriamente dita (BERBER-SARDINHA, 2009, p.8)

Criado em 1996 por Mike Scott (SCOTT,M; TRIBBLE,C., 2006), da universidade de Liverpool, o software era, inicialmente, composto por programas independentes, sendo, mais tarde, reunidos num conjunto integrado, conhecido por 'suite' (aspas no original) (BERBER-SARDINHA, 2009, p.9).

Em resumo, O WS é uma ótima maneira de enxergarmos o corpus por todos os ângulos, tendo condições de escolher a forma como vamos trabalhar o corpus ou parte deste. Segundo nos diz Berber-Sardinha (2009, p. 8-9), cada

vez mais pesquisadores fazem uso do software, uma vez que suas ferramentas tornam mais fáceis a manipulação de palavras, o que, do contrário, seria praticamente impossível em caso de grandes corpora. O software, ainda, constitui uma base científica para pesquisa, a qual, de outro modo, seria executada de forma intuitiva.

O WS é composto de três ferramentas e quatro utilitários. A primeira ferramenta mais comum de ser utilizada é a *WordList*, ou seja, a lista de palavras. O software permite que se faça uma relação de todas as palavras do corpus, seja em ordem alfabética ou mesmo em ordem de frequência. As palavras positivas sendo as mais recorrentes e as negativas aquelas que menos ocorrem. As janelas são abertas a partir do programa, a critério do interesse do pesquisador. Uma das janelas bastante informativa é a janela de estatísticas (S). Ela é exibida automaticamente quando criamos uma lista. Sua importância se dá devido ao volume de informações relevantes sobre o corpus, como nos mostra a Figura 2.7. O *Text File*, por exemplo, exibe o nome de cada arquivo processado (no caso de mais de um) O item *Bytes* refere-se ao tamanho do arquivo, em bytes, não o tamanho do *corpus*. *Token* indica o total de ocorrências de palavras no texto, ou *running words* (palavras corridas). Este total leva em consideração as repetições de palavras ocorridas. *Types* mostra o total de itens lexicais, sem levar em conta as repetições. Por fim, o item *Type-Token Ratio*, também bastante utilizado, é o resultado da divisão do total de types pelo total de tokens, multiplicado por 100. Essa multiplicação serve para nos dar o resultado em porcentagem, que significará a extensão da variação lexical do texto. Quanto maior o número, menor a variação lexical. Um número mais baixo significará uma maior riqueza lexical do texto, ou seja, um volume maior de palavras diferentes.

A figura 2.8 nos mostra a tela do *WordList* com as outras opções de listagem do corpus – frequência, ordem alfabética, nome do arquivo e as observações. Podemos ver que temos uma coluna para as palavras, outra para o seu número de ocorrência e outra para a frequência com que cada uma ocorre. Normalmente, o que acontece é que as palavras sem muito conteúdo semântico – preposições, conjunções, pronomes, etc. – são as que se encontram no topo da lista, ou seja, têm maior frequência no texto. O uso destas ou não, caberá ao pesquisador, segundo seus objetivos de pesquisa.

	Overall	Overall
N		1
text file		NELSON_Clean.txt
file size	488,187	488,187
tokens (running words) in text	68,588	68,588
tokens used for word list	68,302	68,302
sum of entries		
types (distinct words)	8,030	8,030
type/token ratio (TTR)	11.76	11.76
standardised TTR	45.53	45.53
standardised TTR std.dev.	53.51	53.51
standardised TTR basis	1,000	1,000
mean word length (in characters)	4.53	4.53
word length std.dev.	2.55	2.55
sentences	3,316	3,316
mean (in words)	20.60	20.60
std.dev.	16.51	16.51
paragraphs	1	1
mean (in words)	68,302.00	68,302.00
std.dev.		
headings		
mean (in words)		
std.dev.		
sections	1	1
mean (in words)	68,302.00	68,302.00
std.dev.		
numbers removed	286	286

Figura 2.7 Lista de Estatística do WordSmith Tools 5.0⁹

Posicionando o cursor na palavra desejada na WordList e clicando, em seguida, no ícone Compute, temos a opção de criar uma nova janela bastante útil – *Concordance*. Basicamente, esta ferramenta produz concordâncias de extrema importância para vermos uma determinada palavra dentro do contexto, ou seja, em combinações com outras palavras.

N	Word	Freq.	%	Texts	%_emm
1	THE	3,921	5.72	1	100.00
2	OF	2,124	3.10	1	100.00
3	TO	2,109	3.07	1	100.00
4	I	1,888	2.75	1	100.00
5	A	1,507	2.20	1	100.00
6	IN	1,393	2.03	1	100.00
7	WAS	1,174	1.71	1	100.00
8	IT	702	1.02	1	100.00
9	IS	625	0.91	1	100.00
10	WE	565	0.82	1	100.00
11	HE	546	0.80	1	100.00
12	FOR	522	0.76	1	100.00
13	WITH	485	0.71	1	100.00
14	THEY	478	0.70	1	100.00
15	ON	470	0.69	1	100.00
16	BUT	449	0.65	1	100.00
17	HAVE	444	0.65	1	100.00
18	BE	441	0.64	1	100.00
19	AS	436	0.64	1	100.00
20	MY	436	0.64	1	100.00
21	FROM	412	0.60	1	100.00
22	ME	405	0.59	1	100.00
23	NOT	397	0.58	1	100.00
24	HAD	386	0.56	1	100.00

Figura 2.8 Janela do WordList - WordSmith Tools 5.0

⁹ Os demais itens da janela também apresentam informações relevantes sobre o corpus. Porém, vamos nos ater somente aos itens já mencionados. Para maiores referências, ver Berber-Sardinha (2009).

A palavra pesquisada será denominada *nódulo*, colocando-se no centro da combinação. Quando a janela do *Concord* é criada, abre-se a opção de organizar (*sort*) a janela. Assim, podemos focalizar uma ou mais palavras antes ou depois do *nódulo*, dependendo de nosso interesse. Na Figura 2.9, para fins de ilustração, foi criada uma janela do *Concord* para o item THE, *nódulo* da planilha da Figura 2.8, junto com as palavras com as quais se coloca. Repare que o item se encontra no centro, em azul, com uma palavra enfatizada antes, em vermelho, e outra depois, em verde. Este recurso pode ser muito eficaz dependendo do que se quer enfatizar.

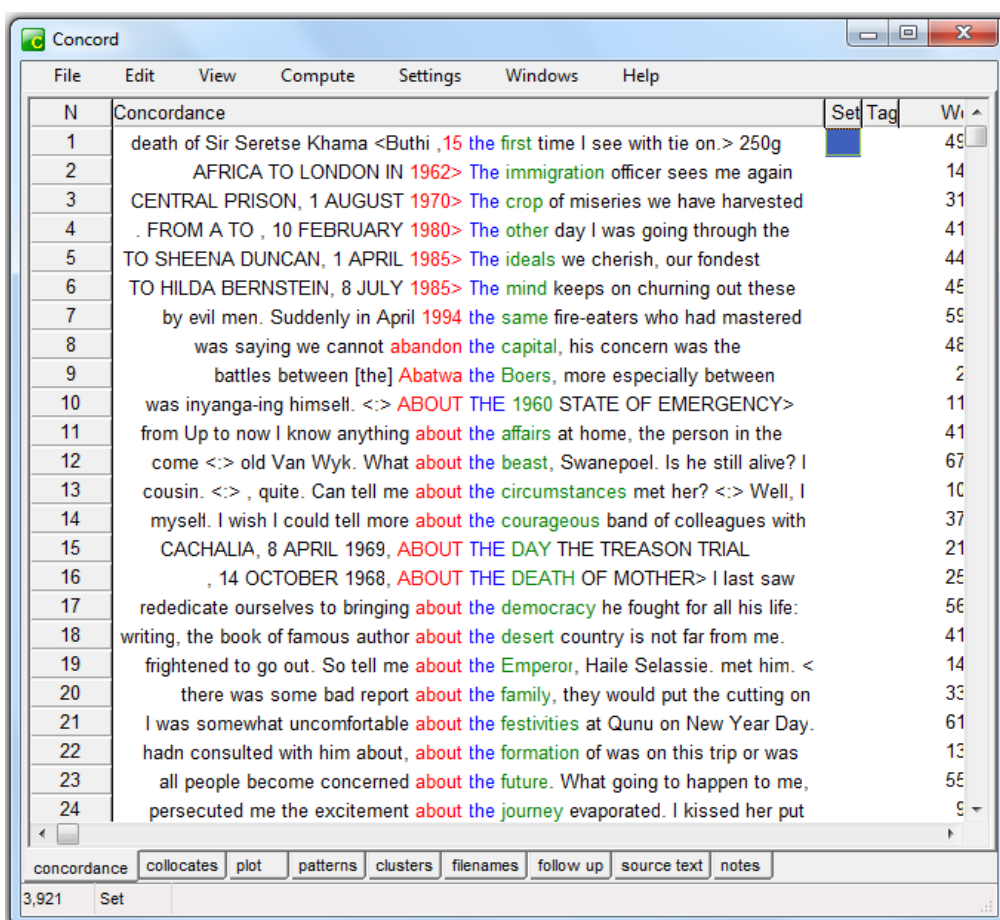


Figura 2.9 – Janela do Concord – WordSmith Tools 5.0

As outras opções da janela também são bastante úteis, nos dando informações preciosas, mais uma vez, dependendo do que o pesquisador deseja focar em sua pesquisa.

Por último, temos a ferramenta *KeyWords*. Esta ferramenta produz listas de palavras-chave, cujas frequências são diferentes, de modo estatisticamente significativo, das frequências encontradas em um *corpus* de referência. Este *corpus* funciona como termo de comparação para análise, fornecendo ao

programa a norma com a qual a comparação será feita. Esta comparação é feita por meio de uma prova estatística selecionada pelo usuário (qui-quadrado ou log-likelihood). Para ser considerada chave, as frequências das palavras no corpus de estudo devem ser significativamente maiores no *corpus* de estudo (BERBER-SARDINHA, 2009, p. 193-194). A figura 2.10, apresenta a janela da *KeyWords* para o corpus da presente pesquisa.

N	Key word	Freq.	%	RC. Freq.	RC. %	Keyness	P_lemmas	Set
1	I	1,888	2.75	732,523	0.74	2,236.76	0.0000000000	
2	MY	436	0.64	146,775	0.15	604.39	0.0000000000	
3	ME	405	0.59	131,757	0.13	582.67	0.0000000000	
4	WAS	1,174	1.71	863,917	0.87	440.15	0.0000000000	
5	PRISON	98	0.14	6,140		426.86	0.0000000000	
6	WE	565	0.82	300,833	0.30	418.12	0.0000000000	
7	OUR	270	0.39	93,455	0.09	362.43	0.0000000000	
8	ROBBEN	24	0.03	26		280.23	0.0000000000	
9	PEOPLE	268	0.39	116,196	0.12	271.40	0.0000000000	
10	WARDERS	26	0.04	82		259.44	0.0000000000	
11	AFRICAN	62	0.09	4,350		256.74	0.0000000000	
12	JOHANNESBURG	32	0.05	375		242.25	0.0000000000	
13	KNOW	258	0.38	118,820	0.12	239.72	0.0000000000	
14	PRISONERS	51	0.07	2,893		231.75	0.0000000000	
15	JAIL	39	0.06	1,231		221.04	0.0000000000	
16	WHO	334	0.49	193,075	0.19	212.81	0.0000000000	
17	ANC	33	0.05	922		194.79	0.0000000000	
18	US	186	0.27	80,226	0.08	189.61	0.0000000000	
19	YOUR	252	0.37	134,393	0.14	185.51	0.0000000000	
20	MADIBA	12	0.02	0		174.71	0.0000000000	
21	AFRICA	57	0.08	7,295		172.41	0.0000000000	
22	COUNTRY	98	0.14	27,959	0.03	161.01	0.0000000000	
23	SISULU	17	0.02	72		160.80	0.0000000000	
24	WARDER	16	0.02	54		157.77	0.0000000000	
25	WOULDN	12	0.02	4		156.72	0.0000000000	

Figura 2.10 – Janela do KeyWords – WordSmith Tools 5.0

Podemos notar que a palavra-chave de maior frequência na lista, após ‘limpeza’ (Ver Seção 3.6) do *corpus* foi o item pronominal “ I “, com 1888 registros ou 2.75%, possuindo um percentual de ocorrência maior do que no *corpus* de referência, 0.74%. O item apresenta uma *Keyness* (chavicidade) bem superior aos demais itens (2.236,760), o que não surpreende, por se tratar de uma autobiografia. Segundo Scott; Triple (2006 , p. 56), *keyness* denota uma qualidade textual, aquilo que o texto realmente foca.

Após apresentar o software WordSmith Tools versão 5.0, utilizado para tratamento dos dados na presente pesquisa, passo, na seção 2.5, para a Teoria dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 2008), que trata dos principais papéis sociais exercidos pelos indivíduos em suas práticas sociais.

2.5 A Teoria dos Atores Sociais

Baseado nas premissas de Halliday (1978, 1989, 2004) de que a língua é um ‘potencial de significados’, e tendo em vista a importância do contexto social que possibilita a interação dos indivíduos na prática discursiva (HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; BAHKTIN, 1997; MATTHIESSEN, 1995; BUTT; LUKIN; MATTHIESSEN, 2004, para citar alguns) Van Leeuwen (2008) busca identificar como os Atores sociais se representam em suas interações. Afirma ele, porém, que nem sempre a agência sociológica encontra sua correspondência na agência linguística, podendo, a primeira, inclusive, ser representada de modos diferentes. Por isso, ele nos chama atenção para não limitarmos nossa análise da representação da agência a operações linguísticas, do contrário poderemos ignorar exemplos essenciais (p. 170). Segundo diz, não é possível conciliar as duas perspectivas na língua, pois ou a teoria e o método são formalmente claros, mas semanticamente confusos, ou vice-versa. Por falta desta biunicidade na língua é que Van Leeuwen buscou identificar as formas pelas quais é possível identificar os Atores, sem qualquer privilégio de forma ou contexto. Isso ocorre, diz o autor, pelo fato do significado, em sua opinião, ser inerente à cultura e não à língua, não podendo, portanto, ser associado a uma forma semiótica específica (VAN LEEUWEN, 2008, p. 171). Portanto, com base nos preceitos dispostos acima, passo a discutir os papéis propostos por Van Leeuwen (2008) para os Atores sociais.

Primeiramente, é importante observarmos se os Atores são incluídos ou excluídos do texto. De acordo com Van Leeuwen (1997, p.180), os Atores podem ser incluídos ou excluídos para servir os seus interesses e propósitos. Em alguns casos de exclusão, os Atores podem ser inferidos através do texto, ou mesmo porque os leitores já os conhecem. Em outros casos, a exclusão é tão completa que nem mesmo as atividades dos Atores são mencionadas. Vejamos um exemplo de nosso corpus (Apêndice A):

I [meta] **was arrested** [Processo: material] **there** [Circunstancia:localização]

Neste exemplo, Mandela diz que fora preso em um banheiro destinado aos brancos (referência anafórica pelo advérbio *there*), mas não menciona os agentes da ação: a polícia. A exclusão ocorre por serem óbvios os Atores, neste caso. Van Leeuwen (2008, p.29) identifica dois tipos de exclusão: (i) *segundo plano*, o que significa que os Atores não são de todo excluídos, mas pouco visíveis, podendo ser resgatados em outra parte do texto; (ii) *supressão*,

que é mais radical, já que os Atores não são mencionados em nenhuma parte do texto. Normalmente a supressão se dá na omissão do agente da passiva ou dos *Beneficiários* dos Processos, como no exemplo apresentado por Van Leeuwen (2008, p.30):

Japan's National Police Agency had to apologise recently for circulating an internal memo to police stations claiming that Pakistanis working in Japan "have a unique body odour," carry infectious skin diseases and tell lies "under the name of Allah."

Não fica claro, no exemplo, a quem o governo pediu desculpas. Aos paquistaneses? Ao governo daquele país?

Como vemos, o tratamento que é dado ao texto com relação à menção dos Atores sociais, depende exclusivamente do que se deseja informar ao leitor e de como que se quer que isso seja feito. A Figura 2.11 ilustra a rede dos Atores Sociais, conforme proposta por Van Leeuwen (2008, p.52)

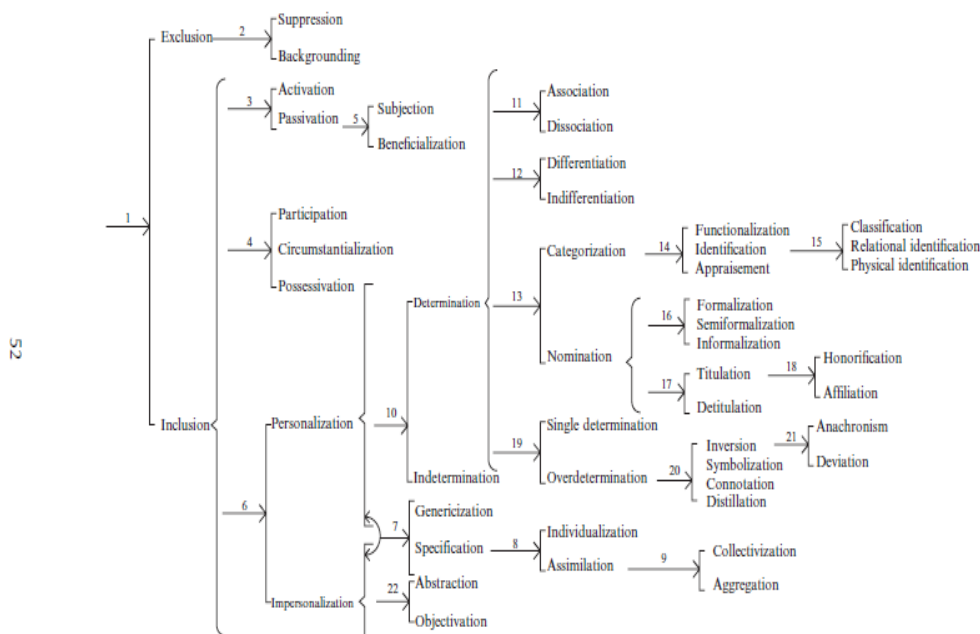


Figura 2.11 – Rede dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 2008)

A análise da obra autobiográfica de Mandela, *Conversations with Myself*, revelou, no entanto, somente os tipos de papéis sociais listados na Figura 2.12, os quais foram divididos em campos semânticos, para melhor ilustrar o processo de desmistificação do herói, realizado pelo próprio Mandela.

CATEGORIAS	ATORES SOCIAIS	EXEMPLOS ¹⁰
ATIVO	Ator, Experienciador, Dizente, Comportante, etc.	<i>80 young white thugs attacked African vendors / They felt "besieged" by immigration</i>
PASSIVO	Recebedor/Beneficiário	<i>A racist backlash against ethnic Asians has been unleashed by those who resent the prominence of centrist candidate Alberto Fujimori.</i>
GENÉRICO	classes, grupos	<i>Non-European immigrants make up 6.5 percent of the population.</i>
ESPECÍFICO	indivíduos identificados	<i>Matthew Harding, two, one of twin boys, had to climb over a one-metre "child-proof" fence before he fell into the pool.</i>
ASSIMILAÇÃO	agregação: (dados estatísticos, opiniões)	<i>Forty percent of Australians were born overseas.</i>
	coletivização: (grupos)	<i>Australians tend to be sceptical about admitting "Muslims."</i>
INDIVIDUALIZAÇÃO	identificação do sujeito	<i>Valéry Giscard d'Estaing; the mayor of Kawaguchi; and the presidential candidate, who is the son of immigrants, from Peru, the only "immigrant" in this category</i>
ASSOCIAÇÃO	grupos criados por parataxe; Circunstâncias de acompanhamento, posse.	<i>They believed that the immigration program existed for the benefit of politicians, bureaucrats, and the ethnic minorities</i>
AVALIAÇÃO	Atores são representados em termos de sua qualidade, bons ou maus, amados ou odiados, etc.	<i>I told the motherfucker as he was going out of the door "I told you not to go there stupid." (Davis, 1990: 13)</i>
INDETERMINAÇÃO	grupos ou indivíduos anônimos	<i>Someone had put flowers on the teacher's desk.</i>
EXCLUSÃO	Supressão/Segundo Plano	<i>In Japan similar concerns are being expressed about a mere trickle of Third World immigrants</i>
NOMEAÇÃO	identificação por nome, título, parentesco, cargo.	<i>In 50 years, Dr. Price says, 26 percent of the Australian population will be Asian.</i>
CATEGORIZAÇÃO	Identificação por categoria: o rapazinho, o gigante, ou vocativo.	<i>Turkish Sultan, give me back my diamond button.</i>
	Funcionalização: referidos em termos da atividade que fazem	<i>Pianist / Interviewer / Celebrant</i>
OBJETIFICAÇÃO	Atores representados por meio de referência a locais ou objetos associados ao indivíduo ou ações por parte deste.	<i>Australia was bringing in about 70,000 migrants a year.</i> <i>A 120mm mortar shell slammed into Sarajevo's marketplace</i>

Figura 2.12 – Categorias dos Atores Sociais Utilizadas na Pesquisa

Portanto, tendo apresentado a base teórica e os instrumentos de análise utilizados na investigação dos dados da obra autobiográfica de Mandela, *Conversations with Myself*, e a teoria que embasou a análise, discuto, a seguir, antes de passar ao Capítulo seguinte – Metodologia – outro recurso utilizado

¹⁰ Os exemplos citados, salvo o da dissociação, criado por mim, por não ter nenhum oferecido pelo autor, foram extraídos do próprio capítulo de Van Leeuwen(2008), aqui referenciado.

para tratamento dos dados da obra, após a definição dos papéis dos Atores Sociais – os campos semânticos (LEHRER, 1974), o qual nos ajudará a entender mais claramente o percurso trilhado pelo narrador para desconstruir sua imagem de mito, revelando o seu lado humano.

2.6 Campos Semânticos

Lehrer (1974) define campo semântico como um conjunto de lexemas que cobrem um determinado domínio conceitual, os quais possuem certas relações especificáveis entre si (p. 119). Segundo ela, a premissa básica da teoria do campo semântico é que, para entendermos o significado lexical é preciso olharmos grupos de palavras semanticamente relacionadas, não simplesmente cada palavra *per se*. Em minha pesquisa, dividi as experiências descritas por Mandela nos seguintes campos semânticos para facilitar a percepção de seu trajeto em direção à desmistificação do homem-heróis e a construção de Mandela-homem: *família, amigos, política e pessoal*. Este último grupo, refere-se às experiências que o narrador, Mandela, descreve, as quais não fazem, necessariamente, menção a questões políticas ou a familiares ou amigos, mas a si próprio.

CAPÍTULO 3 METODOLOGIA

3.1 Considerações Iniciais

Tendo apresentado as bases teóricas dos pontos de vista das teorias de base e da teorização subjacente aos instrumentos de análise. Inicialmente, apresento os objetivos geral e específicos, os quais levaram às perguntas de pesquisa, respondidas no Capítulo 4. Segundo, apresento a base do *corpus* do presente estudo, justificando sua escolha, além dos passos tomados para tratamento do mesmo.

3.2 A base do *corpus*

A obra de onde extraí o *corpus* da presente investigação decorreu de um projeto que foi levado a cabo na inauguração do Centro de Memória e Diálogo Nelson Mandela em 2004, como objetivo principal da Fundação Nelson Mandela. No início, a prioridade do Centro era documentar o ‘Arquivo Mandela’ (aspas no original), o qual estava disperso e fragmentado, mas rapidamente tornou-se igualmente importante coletar materiais que ainda não se encontravam sob a custódia do arquivo. O próprio Mandela foi quem fez a primeira doação de papéis particulares para o Centro, em 2004, continuando a fazê-lo até 2009. Assim, não demorou para que o Centro percebesse que tinha, em suas mãos, um importante livro que poderia ser compilado, sob sua supervisão, a partir dos materiais. Finalmente, depois de inúmeras negociações e contando com a participação de vários colaboradores, incluindo alguns que já tinham trabalhado na primeira autobiografia de Nelson Mandela – *Long Walk to Freedom* – a qual focaliza sua trajetória política, *Conversations with Myself* veio a ser publicado em 2010, com aprovação do próprio Mandela.

Conversations with Myself é, portanto, um livro do próprio Mandela, pois nos apresenta sua própria voz – direta, clara e particular. No entanto, ele foi montado a partir desses documentos pessoais e particulares do autor pelo grupo já mencionado de colaboradores, que se prestou a um árduo trabalho de compilação do material. O resultado final da análise de todo o arquivo particular de Mandela constituiu-se em quatro partes: primeiro, as cartas escritas na prisão – relatos fortes e dolorosos encontrados em dois livros de registro, onde Mandela cuidadosamente copiou as cartas enviadas através da censura em *Robben Island* (prisão em que passou três décadas de sua vida). Essas cartas

foram roubadas de sua cela e depois devolvidas em 2004 por um dos guardas da prisão. Durante seu confinamento, Mandela jamais soube se as cartas eram entregues aos destinatários ou não, e mesmo se todas as cartas a ele escritas chegavam às suas mãos. Segundo, setenta horas de entrevistas gravadas, a saber, cinquenta horas com o amigo Richard Stengel, personagem fundamental na produção de sua primeira autobiografia, e vinte horas a Ahmed Kathrada, sentenciado com Mandela e seis outros companheiros à prisão perpétua em 12 de junho de 1964. A terceira parte inclui os cadernos de anotação. Mandela sempre tivera o hábito de levar consigo um pequeno caderno onde anotava todas as informações que julgava necessárias saber, em sua viagem pela África e Inglaterra em 1962, para aprender estratégias revolucionárias, durante seu confinamento e após sua libertação. Por último, temos os esboços da sequência inacabada de sua primeira autobiografia, *Long Way to Freedom*.

Conversations with Myself é, assim, considerada uma obra autobiográfica, compilada a partir de escritos do próprio Mandela. Sua organização, porém, não foi construída de forma linear, como em uma narrativa, apesar de ter sido levado em conta tanto a cronologia de vida do narrador, quanto os principais temas de suas meditações e reflexões. O livro tem quatro partes, cada uma com introdução e um título copiado nos moldes clássicos – pastoral, dramático, épico e tragicômico, já que o próprio Mandela gostava de ler em Latim, a literatura dos Gregos etc.. Por fim, a organização da obra inspirou-se diretamente nas *Meditações* do imperador romano Marcus Aurélio, homem admirado pelo próprio Mandela por sua habilidade política, filosófica e como ser humano.

3.3 Motivo da escolha da base do corpus

A escolha da obra autobiográfica de Mandela se deveu a dois atores principais: o primeiro é o meu grande interesse na narrativa, ficcional e não ficcional, como fonte de prazer e informação, sobretudo a narrativa autobiográfica de indivíduos dos grupos minoritários. Sendo Mandela a importante figura pública que é, e tendo lido sua primeira autobiografia – *Long Way to Freedom*, logo despertou meu interesse por sua nova autobiografia, em especial por esta revelar seu lado humano, não político. A segunda razão, é que, apesar de termos hoje inúmeras obras estudadas e analisados via LSF/GSF, seja em combinações com a análise crítica do discurso ou teoria dos

Atores sociais, em meu conhecimento, esta é a primeira vez que se faz uma análise com esta combinação – LSF/GSF, Templates Thompsonianos e Teoria dos Atores Sociais – e, principalmente, a primeira para a presente obra. Como já afirmei anteriormente, a pesquisa vem suprir uma lacuna que acho importante mostrar à academia: a pessoa comum que é o homem Mandela, não o mito e herói político estudado e analisado por muitos. Assim, acredito estar dando uma contribuição epistemológica importante, com a investigação do *corpus* por meio destes três recursos. É como postula Thompson (2010, p.19), que a leitura do livro já nos daria condições de chegar, intuitivamente, à mesma conclusão. O objetivo, então, é justamente demonstrar o poder que uma análise de dados baseada na LSF/GSF-TAS tem para trazer à superfície, a obviedade da intuição, explicitando-as, sendo essa análise válida precisamente pelo fato de os resultados confirmarem as intuições.

3.4 Passos para Escolha do Corpus e Procedimentos de Análise

Sendo uma obra de domínio público (pode ser adquirida nas livrarias e pela internet), após tê-la comprado em papel e online, foi necessário transformar a versão digital em extensão *.txt* para que o instrumento básico de análise utilizado, *WordSmith Tools 5.0*, software utilizado para tratamento de textos neste formato, pudesse ler e trabalhar o *corpus*. Primeiramente, procurei identificar as características da obra, estudando a planilha de estatística do *WordList* (Ver Cap. 2) obtendo, com relação à obra de Mandela, a planilha estatística apresentada na Figura 3.1:

	Overall	NELSON_Clean.txt
file size	488,187	488,187
tokens (running words) in text	68,588	68,588
tokens used for word list	68,302	68,302
sum of entries		
types (distinct words)	8,030	8,030
type/token ratio (TTR)	11.76	11.76
standardised TTR	45.53	45.53
standardised TTR std.dev.	53.51	53.51
standardised TTR basis	1,000	1,000
mean word length (in characters)	4.53	4.53
word length std.dev.	2.55	2.55
sentences	3,316	3,316
mean (in words)	20.60	20.60
std.dev.	16.51	16.51
paragraphs	1	1
mean (in words)	68,302.00	68,302.00
std.dev.		
headings		
mean (in words)		
std.dev.		
sections	1	1
mean (in words)	68,302.00	68,302.00
std.dev.		
numbers removed	286	286

Figura 3.1 - Lista de Estatística para o *corpus* de estudo

Como vimos no capítulo anterior, a importância desta planilha é nos dar informações preciosas sobre o texto de Mandela, como, por exemplo, os *tokens* ou *running words*, que indicam o total de palavras da obra, com as repetições (68.586), ou os *types*, total sem as repetições (8.030). Ao final, temos uma *type-token ratio* de 11.76%, que é uma baixa densidade lexical, indicando um percentual grande de palavras repetidas (BERBER-SARDINHA, 2009), ou seja, 88.24%.

O estágio seguinte foi criar e analisar a lista de palavras geradas pela ferramenta *WordList*, conforme disposto na Fig. 3.2.

Figura 3.2 - Lista de palavras por frequência para a obra

N	Word	Freq.	%	Texts	%_lemmas	Set
1	THE	3,921	5.72	1	100.00	
2	OF	2,124	3.10	1	100.00	
3	TO	2,109	3.07	1	100.00	
4	I	1,888	2.75	1	100.00	
5	A	1,507	2.20	1	100.00	
6	IN	1,393	2.03	1	100.00	
7	WAS	1,174	1.71	1	100.00	
8	IT	702	1.02	1	100.00	
9	IS	625	0.91	1	100.00	
10	WE	565	0.82	1	100.00	
11	HE	546	0.80	1	100.00	
12	FOR	522	0.76	1	100.00	
13	WITH	485	0.71	1	100.00	
14	THEY	478	0.70	1	100.00	
15	ON	470	0.69	1	100.00	
16	BUT	449	0.65	1	100.00	
17	HAVE	444	0.65	1	100.00	
18	BE	441	0.64	1	100.00	
19	AS	436	0.64	1	100.00	
20	MY	436	0.64	1	100.00	
21	FROM	412	0.60	1	100.00	
22	ME	405	0.59	1	100.00	
23	NOT	397	0.58	1	100.00	
24	HAD	386	0.56	1	100.00	
25	THIS	377	0.55	1	100.00	

frequency | alphabetical | statistics | filenames | notes

8,030 Type-in 100.00

O primeiro tipo de dado que podemos observar é o número total de palavras distintas listadas para a obra autobiográfica pela ferramenta *WordList* – 8,030, que é o mesmo número apresentado na planilha anterior (Fig. 3.1) no item *types (distinct)* – densidade lexical (sem repetição) do texto. A planilha

acima foi gerada após o texto passar por uma ‘limpeza’, ou seja, foram excluídos itens que constariam no topo da lista como tendo uma maior frequência, mas que, na verdade, não trazem nenhum conteúdo lexical para a obra como, por exemplo, os casos do (‘s) do genitivo ou a preposição/ partícula formadora do infinitivo *to* (no inglês), etc.. Depois, foi criada uma lista de palavras-chave, para se saber quais aquelas consideradas mais importantes no texto. Isso foi feito através da ferramenta *KeyWords*, que, conforme vimos, compara o *corpus* de estudo, ou a base do *corpus* de base, como é o meu caso aqui, com outro *corpus*, ‘de referência’ (no caso o BNC¹¹). A importância desta ferramenta segundo Berber-Sardinha (2009, p.194) é “identificar a temática de um *corpus*, descrever sua organização interna, posicionamento ideológico, ou mesmo traçar um perfil lexical de um autor ou outros indivíduos”. Em resultado, obtive a seguinte planilha:

N	Key word	Freq.	%	RC. Freq.	RC. %	Keyness	P_lemmas	Set
1	the	1,888	2.75	732,523	0.74	2,236.76	0.0000000000	
2	MY	436	0.64	146,775	0.15	604.39	0.0000000000	
3	ME	405	0.59	131,757	0.13	582.67	0.0000000000	
4	WAS	1,174	1.71	863,917	0.87	440.15	0.0000000000	
5	PRISON	98	0.14	6,140		426.86	0.0000000000	
6	WE	565	0.82	300,833	0.30	418.12	0.0000000000	
7	OUR	270	0.39	93,455	0.09	362.43	0.0000000000	
8	ROBBEN	24	0.03	26		280.23	0.0000000000	
9	PEOPLE	268	0.39	116,196	0.12	271.40	0.0000000000	
10	WARDERS	26	0.04	82		259.44	0.0000000000	
11	AFRICAN	62	0.09	4,350		256.74	0.0000000000	
12	JOHANNESBURG	32	0.05	375		242.25	0.0000000000	
13	KNOW	258	0.38	118,820	0.12	239.72	0.0000000000	
14	PRISONERS	51	0.07	2,893		231.75	0.0000000000	
15	JAIL	39	0.06	1,231		221.04	0.0000000000	
16	WHO	334	0.49	193,075	0.19	212.81	0.0000000000	
17	ANC	33	0.05	922		194.79	0.0000000000	
18	US	186	0.27	80,226	0.08	189.61	0.0000000000	
19	YOUR	252	0.37	134,393	0.14	185.51	0.0000000000	
20	MADIBA	12	0.02	0		174.71	0.0000000000	
21	AFRICA	57	0.08	7,295		172.41	0.0000000000	
22	COUNTRY	98	0.14	27,959	0.03	161.01	0.0000000000	
23	SISULU	17	0.02	72		160.80	0.0000000000	
24	WARDER	16	0.02	54		157.77	0.0000000000	
25	WOULDN	12	0.02	4		156.72	0.0000000000	

Figura 3.3 - Lista de palavras-chave para o corpus de estudo

Em seguida, como o objetivo do presente estudo é investigar como se dá a desconstrução do mito do herói Mandela e a simultânea construção do

¹¹ The British National Corpus (BNC) is a 100 million word collection of samples of written and spoken language from a wide range of sources, designed to represent a wide cross-section of British English, from the late twentieth century. The BNC building Project started in 1991 and was finished in 1994.

homem Mandela, optei, entre as várias possibilidades interessantes da lista, pelo pronome *I* (eu). A justificativa é que este é um item de alta frequência e, obviamente, representa melhor o próprio narrador em suas falas. Ainda que vários pesquisadores sejam contra o que denominam de palavras funcionais ou *function words*, por quase sempre contribuírem com pouco conteúdo semântico, subscrevo ao ponto de vista defendido por Groom (1996, p. 59-78) de que as palavras-chave funcionais, ou nas palavras do próprio Groom, as palavras-chave pertencentes às ‘closed-classes’, constituem objetos válidos de análise semântica, já que tal divisão entre palavras com ou sem significados não é fundamentada pelos resultados de pesquisas empíricas desenvolvidas nas últimas décadas no campo da Linguística de *Corpus* (p.61). Outro aspecto que defende, é que os significados residem tipicamente na sequência de palavras, não nas formas individuais que compõem tais sequências. Assim sendo, e diante da liberdade de julgamento dada ao pesquisador que melhor conhecimento tem de seus objetivos de pesquisa, optei pelo referido item pronominal.

Por sua vez, esta decisão e o ponto de vista de Groom (1996) acima com o qual concordo plenamente me levaram a mais uma planilha criada pela ferramenta *Concord*.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sen	Sen	Para	Para
1	expressed some concern about how I a colleague looked in our khaki outfits.			19,390	96273%	0	28%	
2	, I would pass. But apart from , know, I abandoned – I literally abandoned it. In			47,765,233	50%	0	69%	
3	I'm negotiating, for these people to see I abused my position here . <:> it would			48,446,261	57%	0	70%	
4	accept it, see.' So he says, 'Well, then I accept it.' But even then, see there			39,558,870	78%	0	58%	
5	. ' was the moral I never forgot , see, I accepted if have a problem, must face			3,279	12030%	0	5%	
6	measures. Like all Xhosa children I acquired knowledge by asking			683	2521%	0	1%	
7	out the facts in support of this allegation I added, 'I now consider the untruthful			34,760,681	19%	0	51%	
8	Oliver Tambo or Alfred Nzo respectively. I added to start such unauthorized talks			45,670,141	11%	0	66%	
9	it was in spite of their opposition. I added we had a just cause, numbers			59,145,841	14%	0	86%	
10	by Mr Mulrone? <:> , right, in Canada I addressed a meeting a lady then			63,942,074	29%	0	93%	
11	back earth he would settle there, know? I addressed meeting of the Ministers'			10,061	461	2%	0	15%
12	to congratulate them. of course I addressed the crowd itself. There was			63,744,071	38%	0	93%	
13	[] brief He said what was necessary; I admired . then of course the way he			63,379,051	57%	0	92%	
14	. I have given a glimpse of the woman I adore, the human being behind the veil			32,730,581	33%	0	48%	
15	meeting of our parliamentary caucus. I advised against the decision on the			59,256,851	3%	0	86%	
16	daughter plays rugby in another letter I advised her to pay attention to her diet.			34,869,681	53%	0	51%	
17	my office work to mornings only. Today I again started . Had lunch with Board of			57,173,751	50%	0	83%	
18	of . <:> <Ja. No, Brand told us.> <:> I agree to thing.' <:> But while were in			48,395,251	50%	0	70%	
19	, but it felt comfortable in my hands. I aimed, pulled the trigger the next thing			15,191	73010%	0	22%	
20	to say the least, I was a mere amateur. I almost blushed with shame asked			44,867,111	12%	0	65%	
21	would like to investigate the matter. I almost forgot to tell informed me he			36,871,761	4%	0	54%	
22	said: for it never rains but pours. is how I also felt at the time. But the numerous			30,128,461	33%	0	44%	
23	was refused. Around the same time, I also learned our house had recently			20,626,031	18%	0	30%	
24	<andreotti Prime Minister <andreotti I also met the president How can I			65,788,141	54%	0	96%	

Figura 3.4 - Lista do Concord para o item pronominal *I*

Conforme dissemos acima, os significados são construídos pelas relações que as palavras tecem entre si na oração e esta, com o contexto no qual se encontra. A ferramenta do Concord nos mostra exatamente isto. Na planilha da Fig. 3.4, temos uma lista de todas as ocorrências do pronome / e suas relações no nível da oração, classificadas em ordem alfabética pela ferramenta Concord, em relação ao item principal (o pronome /), uma casa à direita (Ver BERBER-SARDINHA, 2009). Isso nos dá um total de 1880 ocorrências em toda a obra, número que obtive após eliminar as falas nas quais o pronome pessoal / não se referia a uma fala de Mandela (Cf. Fig. 3.3). Após obter esta planilha, resolvi, por questões de limite de espaço e tempo, trabalhar somente as orações independentes, o que me deu um número suficiente de combinações léxico-gramaticais feitas por Mandela, para poder atingir o objetivo da pesquisa.

O passo seguinte foi, então, analisar cada uma das 1880 orações e separar somente aquelas independentes. A separação foi feita segundo os parâmetros determinados pela Gramática Sistemico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004) em termos de Processos (Ver Cap. 2). Esta análise gerou, por sua vez, a planilha de Processos do Microsoft Excel® representa na Fig. 3.5.

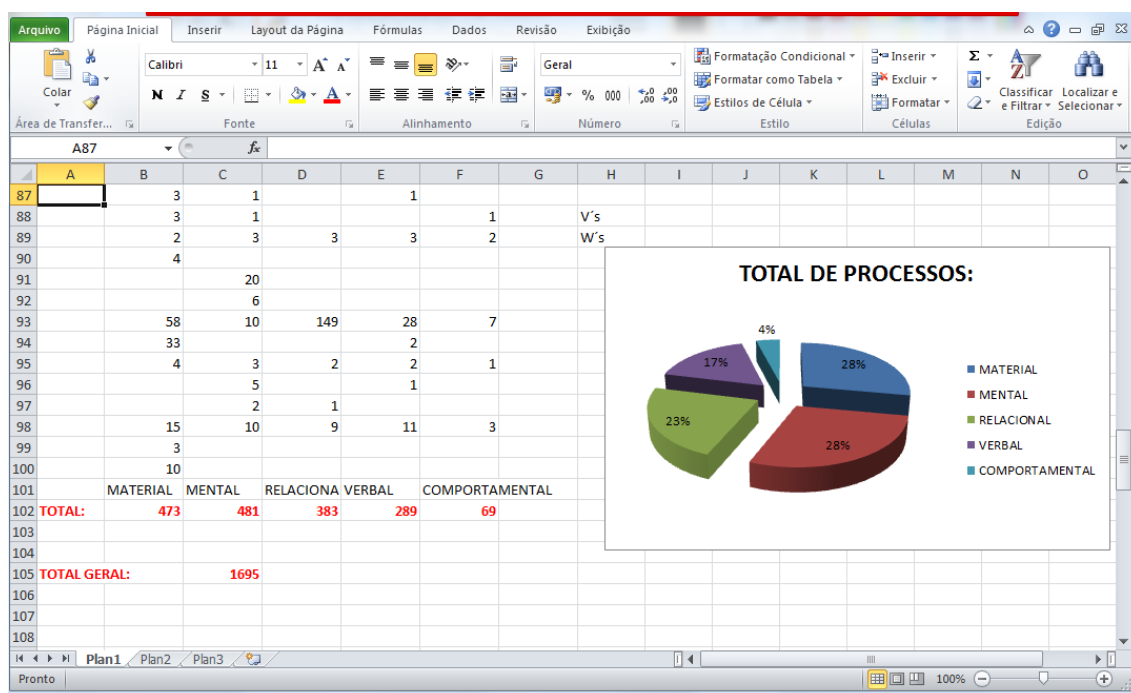


Figura 3.5 – Planilha do Excel para os Processos da Transitividade referentes às concordâncias do pronome /

Notamos, mais uma vez, que o número total de Processos, nesta planilha, difere daquele apresentado na Fig.3.4 (1880). Isto se deveu ao fato de terem sido expurgadas todas as orações dependentes.

Esses Processos, então selecionados, foram arquivados em três pastas, para os três Processos principais, respectivamente: materiais, mentais e relacionais. Portanto, o corpus, extraído da obra autobiográfica de Mandela, (*Conversations with Myself*), pode ser assim descrito e caracterizado: constitui-se dos trechos da obra, na hierarquia da oração, que são orações independentes com Processos materiais, relacionais e mentais em que o Participante pré-Processo é o pronome 'I', quando seu referente é o narrador Mandela, totalizando 1695 orações, conforme disposto na Fig. 5. As orações referentes aos demais Processos – verbais e comportamentais – apresentadas na Fig. 5, não constituíram foco da análise uma vez que busquei analisar somente os Processos de maior ocorrência. Ainda, não foi verificada, para o pronome 'I,' nenhuma oração cujo Processo fosse existencial.

Após este estágio, cada um destes arquivos tiveram todas as suas planilhas do *Concord* analisadas segundo a GSF, para se identificar as configurações de Processos materiais, mentais e relacionais mais comuns. O resultado foram três planilhas em Excel® com os suas respectivas configurações, números de ocorrências e gráficos para melhor ilustrar os resultados obtidos. Somente para fins de ilustração, exemplifico na Fig. 3.6 todo este Processo de análise com a planilha referente aos Processos materiais, buscando seguir a ordem de apresentação dos Processos apresentada em Halliday; Matthiessen (2004):

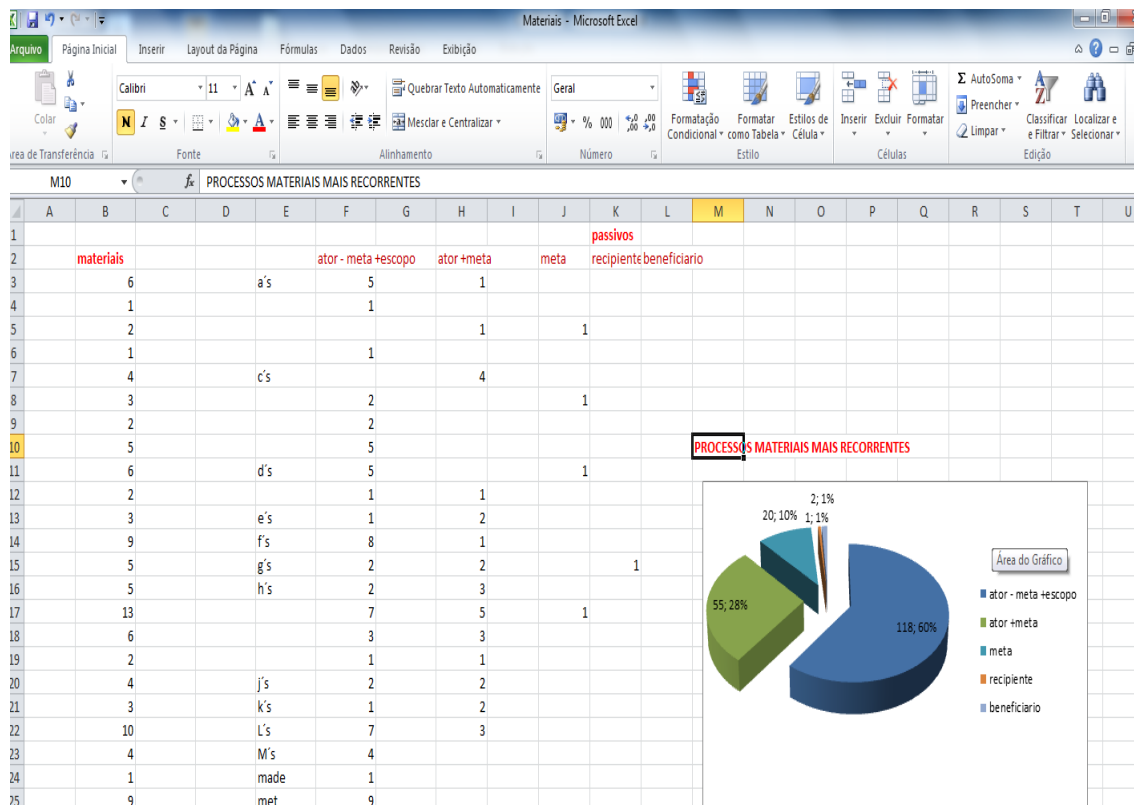


Figura 3.6 – Relação dos Processos Materiais para o pronome /

Em seguida, foram selecionadas as configurações de maior ocorrência entre os elementos de transitividade por Processo. No caso dos Processos materiais, por exemplo, as configurações com combinações léxico-gramaticais mais recorrentes, daí sua análise, foram:

ATOR – META + ESCOPO e

ATOR + META

A escolha destas duas combinações baseou-se no segundo instrumento de análise a ser utilizado na presente pesquisa – os *templates* de transitividade, descritos por Thompson (2010). Relembrando, Thompson define *templates* como

“representações esquemáticas das estruturas da transitividade, as quais apresentam padrões recorrentes de uma ou mais das entidades presentes na distribuição complementar, em particular, nos papéis dos Participantes ou Circunstâncias. Esses templates são criados ao agruparmos as concordances para as diferentes entidades” (p.19).¹²

A decisão pelo uso dos *templates* de transitividade se deu pelo fato de concordar com Thompson (2010) que apesar do modelo da transitividade

¹² Minha tradução de “By bringing together the concordances for different entities, it is possible to identify transitivity templates, i.e. schematic representations of transitivity structures in which there are recurrent patterns of one or more of the entities appearing in complementary distribution, in particular participant roles or circumstances.”

proposto por Halliday (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) ser uma das formas mais eficazes de se explorar as ideologias que informam e são construídas pelos textos, não são somente as escolhas numa oração individual que são significativas para revelar o substrato ideológico, mas, antes, os *padrões* (meu itálico) de escolhas por todo o texto.

Sabendo que o analista precisa levar em consideração não só os tipos de Processos, mas, também, os Participantes e as Circunstâncias desses Processos, a identificação dos padrões, portanto, nem sempre é tarefa fácil. Assim, a proposta de Thompson (2010) foi criar uma abordagem das escolhas da transitividade que permite uma identificação mais clara dos padrões-chave e torna a trajetória da identificação desses padrões à interpretação de seu significado em termos ideológicos mais transparente.

Em termos gerais, Thompson (2010) parte das relações configuracionais entre Participantes, Processos e Circunstâncias (*concordances*) para identificar os padrões mais recorrentes (*templates*). A meu ver, este Processo, como propõe o autor, realmente torna a identificação dos padrões recorrentes muito mais fácil e clara. Além disso, em face dos objetivos geral e específico da pesquisa, considero importante este passo para identificarmos os papéis sociais dos Atores sociais, o que será ainda mais esclarecido com a ajuda da teoria dos Atores sociais (a seguir).

No caso dos Processos materiais, então, as relações configuracionais entre Participantes, Processos e Circunstâncias (*templates*) podem ser mias claramente percebidas conforme dispostas na Fig. 3.7:

Template 1	ATOR <i>I</i>	+PROCESSO MATERIAL <i>met</i>	- META + ESCOPO <i>a group of youngsters</i>
Template 2	ATOR <i>I</i>	+PROCESSO MATERIAL <i>am going to eat</i>	+ META <i>it</i>

Figura 3.7 - Templates de transitividade para os Processos Materiais

Como nos outros dois Processos – mentais e relacionais – Mandela é o sujeito em praticamente todos os casos, optei por aplicar os *templates* aos tipos diferentes de Processos ocorridos, e não nos Participantes ou

Circunstâncias, conforme proposto em Thompson (2010). Vale ressaltar, que como trabalhei somente as orações independentes, julguei oportuno contextualizar melhor o leitor, inserindo notas de rodapés referentes às Circunstâncias em que os Processos ocorreram. Outro aspecto a ser mencionado é a apresentação de orações encaixadas e hipotáticas nos apêndices, para fins de contextualização somente, não constituindo, estas, objeto de análise nem categorização da pesquisa.

Por fim, o último passo que foi dado na análise dos dados, antes da apresentação de minha argumentação de como ocorreu a desconstrução do herói Mandela, foi analisar os Participantes segundo as categorias da Teoria dos Atores Sociais de Van Leeuwen (2008). As categorias atribuídas aos Atores sociais estão em sintonia com o que foi apresentado no capítulo anterior (Cap. 2), onde vamos perceber, em muitos casos, a ocorrência de mais de uma categoria na mesma oração, já que, na maioria dos casos, as orações apresentam mais de um Ator social.

A relevância desta teoria de Van Leeuwen (2008) para o estudo, é que ela focaliza sob um prisma mais sociológico (p25), as funções exercidas pelos Participantes das práticas discursivas, ainda que a análise seja linguisticamente orientada. Esse foco social, então, premissa básica da Linguística Sistêmico-Funcional, se ajusta, perfeitamente, aos propósitos da presente investigação.

A análise segundo a Teoria dos Atores Sociais demandou outro passo, a utilização de campos semânticos, para facilitar a categorização dos papéis sociais dos demais Atores envolvidos nas experiências de Mandela (Ver. Cap. 2), passo de extrema importância para revelar a direção tomada pelo discurso narrativo, confirmando a construção do narrador como homem, não como herói. Isso, como veremos, se deveu ao caráter extremamente íntimo e pessoal dos textos escritos. Relembrando, estes campos semânticos foram separados em os seguintes grupos: *família*, *amigos*, *política* e *pessoal*.

Concluindo, a aplicação desses instrumentos e da Teoria dos Atores Sociais no tratamento dos dados da obra, está descrita no Capítulo 4 a seguir, que apresenta os resultados e a discussão dos mesmos.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Considerações Iniciais

Este capítulo apresenta os resultados da análise dos dados do *corpus*, partindo do objetivo geral de investigar como ocorre a desconstrução do herói Mandela, o que, ao mesmo tempo, resulta na construção do *homem* Mandela. Este objetivo geral nos leva a três objetivos específicos, os quais serviram de base para as três perguntas da presente pesquisa: (i) Como Mandela utiliza os elementos da lexicogramática da transitividade para realizar os significados ideacionais a ver com a construção representacional do *self* em seu discurso autobiográfico em *Conversations with Myself*?; (ii) Como são representados, segundo os parâmetros da Teoria dos Atores Sociais, os Atores nas experiências vivenciadas por Mandela no seu discurso autobiográfico na mesma obra?; e (iii) Como se processa, propriamente dita, a desconstrução do herói na autobiografia de Nelson Mandela – *Conversations with Myself*?

Assim, o capítulo será dividido em três seções. Na primeira seção, apresento os resultados da análise dos dados, com base na gramática sistêmico-funcional (GSF) de Halliday e Matthiessen (2004), buscando responder à primeira pergunta da pesquisa. Na seção seguinte, em resposta à segunda pergunta, procedo à discussão dos papéis sociais dos Participantes dos Processos descritos, pelo viés da Teoria dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 2008). Por fim, abordando a terceira pergunta, discuto como ocorre, propriamente dito, o Processo de desconstrução do mito. Concluindo, as duas primeiras seções tratam dos estágios de descrição e interpretação dos dados, enquanto que a terceira subseção apresenta a argumentação de como o Processo de desconstrução do herói abre espaço para a construção do homem Mandela.

4.2 As Escolhas Léxicogramaticais de Nelson Mandela para a Construção do *Eu* no discurso Autobiográfico.

Conforme vimos no capítulo anterior, a análise da planilha do *Concordance* para as orações independentes, última planilha obtida após o trabalho de limpeza do *corpus*, resultou nos seguintes três Processos principais, ou seja, de maior ocorrência, descritos na Tabela 4.1, com o número e o percentual de ocorrência:

Tabela 4.1
Processos de Maior Ocorrência Utilizados por Nelson Mandela para
Descrever suas Experiências

Tipos de Processos	No. de Ocorrências	Percentual de Ocorrência
Materiais	196	38%
Mentais	207	40%
Relacionais	114	22%
Total	517	100%

Os três Processos dispostos na Tabela 4.1 nos revelam a forma como Mandela faz a representação de suas experiências, a saber, utilizando principalmente os Processo materiais, mentais e relacionais da GSF, o que está em sintonia com a importância dada aos mesmos por Halliday e Matthiessen (2004), como Processos principais na representação das experiências cotidianas ou realização dos significados ideacionais-experienciais. Podemos observar que os dados mostram percentuais muito próximos entre os Processos materiais, que se ocupam do fazer e os Processos mentais, que se ocupam da reflexão interior. Isso, como se observou, ocorreu pelo fato de a narrativa autobiográfica centrar-se mais na descrição das experiências vividas pelo próprio narrador do que na forma como ele se sentia. Entretanto, a descrição dos Processos não torna muito claro o caminho percorrido por Mandela para a desconstrução da figura do mito em sua autobiografia. Para tanto, é necessário darmos mais dois passos adiante, para termos uma ideia mais clara de como esse Processo de desconstrução se desenvolve. O primeiro passo é utilizar o conceito de *transitivity templates* (modelos de transitividade) (THOMPSON, 2010). Lembrando, Thompson define *transitivity templates* como “representações esquemáticas das estruturas da transitividade, as quais apresentam padrões recorrentes de uma ou mais das entidades presentes na distribuição complementar, em particular, nos papéis dos Participantes ou Circunstâncias” (p.19). Ainda, esses *templates* são criados ao agruparmos as *concordances* para as diferentes entidades (p.19), o que é feito a seguir.

No caso da análise dos dados da Tabela 4.1, e considerando a primeira pergunta deste estudo, que busca descrever as escolhas léxico-gramaticais de transitividade feitas por Mandela para construção de si mesmo, as entidades analisadas no *Concordance*, inicialmente referentes aos Processos materiais,

estão apresentadas na Tabela 4.2, com seus respectivos números absolutos de ocorrência e respectivos percentuais:

Tabela 4.2
Resultados da Planilha do *Concordance* para os Processos Materiais

Papéis Desempenhados por Nelson Mandela		
Ator (+Escopo)	93	47.4%
Ator (+Meta)	55	28.0%
Ator (+Circunstância)	25	12.7%
Meta	20	10.2%
Cliente	2	1.2%
Recebedor	1	0.5%
Total	196	100%

Agora vemos mais claramente, na leitura da tabela 4.2, o papel de agente por parte do próprio narrador, comum no discurso autobiográfico (FREITAS e GALVÃO, 2007; DE FINA et al., 2006; BRUNER, 2004; BAKHTIN, 1997; HALL, 2010, dentre outros). O padrão discursivo repetido (BEDNAREK; MARTIN, 2010) é o de Mandela como Ator nos Processos materiais, ainda que a maioria desses Processos não afete nenhum Participante, ou seja, não é direcionada a nenhuma *Meta* específica (HALLIDAY, 2004). Esses Processos, que correspondem a 47.4% de todo o grupo dos Processos materiais, são, como nos lembra Halliday, intransitivos, tendo como segundo Participante um *Escopo* que “constrói o domínio sobre o qual o Processo ocorre” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 192). Lembrando que a estrutura da transitividade na oração se preocupa com quem fez o quê e a quem, vale ressaltar que, apesar de termos uma descrição de eventos que em sua maioria possui somente um Participante ativo – o *eu* Ator – o que, a princípio poderia denotar um senso de passividade (HASAN, 1989), a descrição dos eventos narrados nada tem de passiva, já que há uma enorme interação por parte do Ator com outras pessoas (Ver Apêndice A), como é ilustrado nos exemplos a seguir:

I [Ator] **met** [Processo material] **presidente Chissano** [Escopo] **in Mozambique, Maputo** [Circunstância: lugar]

I [Ator] **met** [Processo material] **a group of youngsters** [Escopo]

O segundo caso de maior ocorrência constitui a estrutura básica da transitividade para estes tipos de Processos, ou seja, Ator + Processo + Meta, onde os Processos são estendidos a outros Participantes, que deles usufruem ou são por eles afetados, como podemos ver abaixo:

I [Ator] **kiss** [Processo material] **Zobhule** [Meta] **against partition glass** [Circunst.]

I [Ator] **should look after** [Processo material] **my mother and my sister** [Meta]

Por fim, além das duas principais ocorrências mostradas acima, Mandela também se representa como Meta em 10% dos Processos materiais. Nestes casos, basicamente, o narrador partilha com o leitor suas memórias sobre a infância e o tempo na prisão, conforme exemplos extraídos do Apêndice A:

I [Meta] **was brought up** [Processo] **in high schools, boarding schools** [Circunstância: localização]

I [Meta] **am kept** [Processo] **in the dark** [Circunst.]

A narrativa oscila, como vemos, entre a reconstrução das experiências da criança e do adulto. É como se o narrador fosse, aos poucos, costurando uma colcha de retalhos. Essa dualidade existente dentro daquele que hoje narra a história – Mandela pós-apartheid - e o jovem Mandela antes de seu engajamento político, membro de uma tribo real na vila de Transkei – é ilustrada nos exemplos que seguem:

I [Ator] **went to see** [Processo] **all the stars** [Escopo]

I [Ator] **spend** [Processo] **the day** [Escopo] **quietly reading in my hotel** [Circunstâncias]

I [Ator] **met (with)** [Processo] **Mrs. Thatcher** [Escopo] **for close to three hours** [Circunst.]

I [Ator] **grew up** [Processo] **in a country village** [Circunst.] **until I was twenty-three** [Circunst.]

I [Ator] **never succeeded in shaking off** [Processo] **my peasant background** [Meta]

No entanto, o discurso não é somente uma viagem nostálgica ao passado, e, sim, uma justaposição (PLOOY, 2004) de *flashes* de memória e sonhos com as experiências atuais de um homem. Ele é confrontado com cenas familiares, as quais têm uma conotação diferente, já que, ao recriá-las, não é mais o mesmo. É o que afirma Bakhtin (1997), para quem o que importa em nossa vida é os atos isolados com os quais nos confrontamos, uma vez que é em nós mesmos que menos percebemos o todo do indivíduo (p. 26).

Mandela, assim, reconta sua história, posicionando-se diante do outro como indivíduo privilegiado por uma ascendência nobre, cujos caminhos, comuns à cultura local, já estavam sendo traçados desde a infância. Além disso, busca a simpatia do leitor, ao se apresentar, também, como vítima das atrocidades do Apartheid, ainda que tal fato não seja novo ao leitor:

I [Meta] was being groomed [Processo] for the position of chieftaincy
[Circunstância: propósito]

I [Meta] came to be banned and confined [Processo] to Johannesburg for five years [Circunstâncias: Localização:lugar/tempo]

Entendendo a narrativa como um dos mais importantes *loci* discursivos para construção da identidade do sujeito (LINDE, 1993; POLKINGHORNE, 1988; BRUNER, 2004; RIESSMAN, 1993; LIEBLICH *et al.* 1998, para citar apenas alguns), pelo qual construímos nosso senso particular do *eu* à medida que negociamos nossa interação com os outros, a análise dos elementos de transitividade escolhidos por Mandela para constituir as figuras experienciais materiais revela, ainda, outros temas importantes, que nos dão uma visão melhor de como ele se vê e se deixa perceber pelos outros. A princípio, temos a importância dada à mulher, seja na constante menção à figura materna, ou à de sua mulher e filhas, além da amiga Graça Machel:

Last year [Circunst.] I [Ator] wrote [Processo] you [Recebedor: filha] two letters [meta]

I [Ator] should look after [Processo] my mother and my sisters [meta]

I [Ator] met [Processo] Graça Machel [Escopo] in Johannesburg
[Circunstância] *on no less than three different occasions*
[Circunstância]

Apesar de reconhecer publicamente sua in experiência política (Ver Processos mentais a seguir), Mandela se mostra como um indivíduo que valoriza o conhecimento e busca entender e se preparar melhor para os acontecimentos dos quais é o maior protagonista:

That period underground [Circunst.] ***I*** [Ator] ***read*** [Processo]
Clausewitz [Escopo]

I [Ator] ***read*** [Processo] ***also The Revolt*** [Escopo] ***by Menachem Begin***
[Circunstância: ângulo]

I [Ator] ***can read*** [Processo] ***both Xhosa and Sotho literature*** [Escopo]

At Fort Hare (University) [Circunst.] ***I*** [Ator] ***did*** [Processo] ***two (BA) courses in History*** [Escopo]

O discurso narrativo de Mandela alterna entre três principais tipos de experiências: (i) a preocupação com os amigos de prisão; (ii) os demais membros de sua família; (iii) e a vida política pós-cárcere:

So ***I*** [Ator] then ***cleaned*** [Processo] ***it*** [Meta:urino] ***for him***
[Cliente: companheiro de prisão]

Last year [Circunst.] ***I*** [Ator] ***wrote*** [Processo] ***you*** [Recebido: sua filha]
two letters [Meta]

Yesterday [Circunst.] ***I*** [Ator] ***went*** [Processo] ***to the Vaal, to Sebokeng***
[Circunst.: Localização: local de um massacre]

Em resultado, o *template* dominante proveniente da análise acima da planilha de concordância (*Concordance*) para os Processos materiais é mostrado na Figura 4.1 a seguir, juntamente com alguns exemplos:

Template	Ator:	Processo:material	Meta/Escopo:
	Nelson Mandela		
Exemplos	I	should look after	my mother and my sisters
	I	met	Prime Minister Andreotti
	I	went	to the hospital first

Figura 4.1 – Template principal para as orações com Processos materiais

Esses exemplos, e todos os demais para esse tipo de Processo, nos mostram Mandela como o sujeito que desencadeia as ações, seja no contexto pessoal como no contexto político, ainda que limitado pelas amarras do Apartheid (ver apêndice A para todos os Processos materiais).

A representação léxico-gramatical da narrativa em primeira pessoa, ou seja, do Ator que relembra e reconta suas memórias, colocando-se como Agente de suas experiências, assim como da humanização do herói, mais especificamente em oposição às relações de poder impostas por grupos majoritários, pode ser vista, também, em Plooy (2004), onde a autora analisa a obra de Breyten Breytenback, *Dog Heart*. Esta é uma obra autobiográfica onde o autor relembra suas experiências na África durante o regime racista. É a mesma busca pela identidade, uma construção do *eu*, ao mesmo tempo em que ocorre a desconstrução do herói, a despeito da obra não ter tido um tratamento à luz da transitividade

Na presente pesquisa, a análise da transitividade dos Processos materiais nos dá apenas uma visão inicial de como Mandela direciona sua narração mais para as suas experiências pessoais, com os amigos e em família, deixando em segundo plano as experiências relacionadas ao próprio movimento do Apartheid, o que, lembrando, já fora tratado como foco principal em sua primeira autobiografia.

Assim, tendo procedido à análise deste primeiro grupo de Processos, passo agora à análise do segundo grupo – o dos Processos mentais. Este grupo obteve a maior frequência na lista do *Concordance*, o que se deve ao fato de a narrativa autobiográfica ser uma *reflexão* (meu itálico) (SCHIFFRIN, 2003; BRUNNER, 2004), sobre a história de vida do narrador, um Processo inicialmente cognitivo.

O grupo dos Processos mentais totalizou 40% de todos os Processos. Conforme explicado no capítulo 2, Halliday e Matthiessen (2004) definem os Processos mentais como Processos do *sentir*, voltados para o fluxo de eventos no consciente, onde o indivíduo representa suas experiências nos campos da *percepção*, *desejo*, *emoção* e *cognição*. Uma vez que, neste grupo de Processos, temos distintamente dois Participantes, ou seja, o narrador como *Experienciador* e os demais indivíduos que constituem o *Fenômeno* dos Processos mentais, optei por identificar como “padrões recorrentes” (THOMPSON, 2010) nas relações do *Concordance*, os *Processos* mais

comuns, não os Participantes. Isso se deveu ao fato de julgar que, assim, a pesquisa responde de forma mais precisa a primeira pergunta proposta, ou a maneira como o narrador se representa em sua obra autobiográfica. Em resultado, os principais tipos de Processos vivenciados encontram-se ilustrados na Tabela 4.3:

Tabela 4.3
Resultados da Planilha do *Concordance* para os Processos Mentais

Tipos de Orações Mentais tendo Nelson Mandela como Experienciador		
Cognitivo	148	54,0%
Desiderativo	59	21,4%
Perceptivo	37	13,4%
Emotivo	31	11,2%
Total	275	100%

Concluimos, pela tabela, que Mandela utiliza, principalmente, os Processos cognitivos e desiderativos para representar as experiências de seu mundo interior, os quais compõem o total dos Processos mentais mostrados na Tabela 4.1 e os quais serão trabalhados doravante. Tanto no primeiro grupo de Processos quanto aqui, Mandela atribui a si mesmo o papel de agenciador, ou, como vimos, o de *Experienciador* dos Processos cognitivos e desiderativos mencionados. Lieblich *et al* (1998) afirmam que o conhecimento que temos do narrador pode ser obtido pela análise de vários aspectos apresentados, incluindo seu nível cognitivo (p.9). Polkinghorne (1988) e Bruner (2004), dentre outros, também endossam a premissa de que o significado narrativo é um Processo cognitivo que organiza as experiências humanas em episódios temporariamente significativos. Polkinghorne (1988, p.15-16) vai um pouco além, dizendo que a narrativa molda o caráter de nossa existência de uma determinada forma. Em nosso caso, Mandela se revela ao outro por meio de escolhas cognitivas como *lembrar, acreditar, considerar, conhecer, concordar, pensar, etc.*, como abaixo:

I [Experienciador] **remember** [Processo:cognitivo] **the days when I served articles, licking stamps, daily running all sorts of errands, including buying hair shampoo and other cosmetics for white ladies** [Fenômeno].

I [exper.] **couldn't believe** [Processo:cognitivo] **that he was dead** [Fenômeno]

I [Exper.] **discovered** [Processo:cognitivo] **that she was more ill than she had revealed** [Fenômeno]

I [Exper.] **do not agree** [Processo:desiderativo] **with the policy of the Dpt which you are Head** [Fenômeno]

I [Exper.] **find** [Processo:cognitivo] **it difficult to believe that I will never see Thembi** (seu filho) **again** [Fenômeno]

Esses exemplos, assim como a maioria de todos os que se referem às experiências reveladas pelo narrador e identificadas nas combinações léxico-gramaticais da planilha de *Concordance*, já apontam semioticamente para a construção do homem Mandela, onde ele nos deixa entrever a importância que sua família tem em sua vida, tanto na infância quanto durante sua vida adulta, na prisão.

Outro aspecto bastante importante da narrativa autobiográfica é ser um excelente meio e um poderoso instrumento para a construção, negociação e apresentação do padrão moral do *self* (LINDE, 1993, p. 123). Subscrevo-me à posição da autora, quando afirma que o narrador não busca somente um *self* objetificável, mas um *eu* aceitável e bom perante os outros. Ainda que a narrativa inclua aspectos negativos por parte do protagonista, isso é feito para dar ao leitor uma ideia de que “eu (narrador) sou uma boa pessoa”, à medida que reconheço, como o leitor a transgressão às normas sociais (p. 123 – aspas no original). A análise de algumas das falas de Mandela, a seguir, exemplifica esse ponto de vista:

I [Exper.] **never abandoned** [Processo:cognitivo] **my Christian beliefs** [Fenômeno]

I [Exper.] **came to accept** [Proc.:desid,] **that I have no right whatsoever to judge others in terms of my customs** [Fenômeno]

I [Exper.] **consider** [Processo: cognitivo] **myself obliged to pay proper respect to my customs and traditions** [Fenômeno]

I [Exper.] **immediately** [Circunst.] **realized** [Processo:cognitivo] **that, no, I was unfair to her** [Fenômeno]

I [Exper.] **didn't want** [Processo: desid.] **to be presented in a way that omits the dark spots** [Fenômeno] **in my life** [Circunst.]

O que notamos, então, é que, na construção do *eu*, o narrador, ao recriar suas histórias em primeira pessoa, afasta-se de si mesmo como protagonista de suas experiências para fazer o julgamento e a análise devidos, negociando, assim, seu papel social junto àquele(s) que o interpreta(m) (LINDE, 1993). É a maneira como deseja que os outros o vejam. Para Polkinghorne (1988, p. 16), este contexto não é hermético em si mesmo, dentro de uma existência pessoal, mas nos transcende como indivíduos, na medida em que comunicamos aos outros nossos pensamentos e experiências pessoais:

I [Exper.] ***didn't know*** [Processo:cognitivo] ***politics*** [Fenômeno]

So I [Exper.] ***realized*** [Processo:cognitivo] ***I hadn't done my work properly*** [Fenômeno]

I [Exper.] ***sometimes used to think, search my soul***

[Proc.: cognitivo] ***whether I had done the right thing*** [Fenômeno]

I [Exper.] ***sometimes*** [Circunst.] ***believe*** [Processo: cognitivo] ***that through me Creation intended to give the world the example of a mediocre man in the proper sense of the term*** [Fenômeno]

A narrativa de Mandela transita, como antes, entre a representação de experiências passadas e o desejo de construir um novo futuro. A esse respeito, mais uma vez, Polkinghorne (1988, p. 107) defende que a identidade também consiste na construção de uma história futura que dá continuidade ao 'eu' (aspas no original) do indivíduo. Ele afirma que se a pessoa não projeta uma história de esperança sobre o futuro, ela sofre a infelicidade de viver sem esperança. Esse ponto de vista encontra fundamentação na fala do narrador ilustrada abaixo:

At college [Circunst.] *I* [Exper.] ***had come to believe*** [Processo: cognitivo] ***that as a graduate I would automatically be at the head, leading my people in all their efforts*** [Fenômeno]

Until I was jailed [orac. hip.] *I* [Exper.] ***never fully*** [Circunst.] ***appreciated*** [Processo:emotivo] ***the capacity of memory, the endless string of information the head can carry*** [Fenômeno]

I [exper.] ***have not forgotten*** [Processo:cognitivo] ***the days of my childhood*** [Fenômeno]

I [Exper.] **dream** [Processo:desiderativo] **coming home at night with doors open and Zami asleep in one bed and in the other the children, possibly zeni and zindi** [Fenômeno].

I [Exper.] **look forward to** [Processo:desiderativo] **holding your hand and to a passionate kiss** [Fenômeno].

I [Exper.] **have cherished** [Processo:emotivo] **the ideal of a democratic and free society** [Fenômeno].

Em resultado da análise do *Concordance* para os dois tipos de Processos mentais, obtivemos o seguinte *template*, com alguns exemplos que ilustram os aspectos acima descritos:

Template	Experienciador:	Processo:	Fenômeno:
	Nelson Mandela	Mental (cognitivo/desid.)	
Exemplos	I	remember	the days when I served articles, licking stamps, daily running all sorts of errands, including buying hair shampoo and other cosmetics for white ladies.
	I	sometimes used to think, search my soul	whether I had done the right thing
	I	didn't want	to be presented in a way that omits the dark spots in my life
	I	wish	one day my conscience would sit easy in my bosom

Figura 4.2 – Template principal para as orações dos Processos mentais

Ao observarmos os exemplos mencionados, incluindo os listados na Figura 4.2, vemos que Mandela não hesita em falar de sua origem e seu lado humano com anseios, desejos e falhas. O primeiro exemplo, ao mesmo tempo em que mostra, através das lembranças representadas como Fenômeno de um Processo mental cognitivo, o começo de vida simples do narrador, serve também como crítica à ideologia do Apartheid, onde aos negros cabem

somente os serviços mais insignificantes e braçais, em comparação à importância dada aos brancos. Os demais exemplos apresentados são confissões abertas de falhas e erros cometidos em sua vida, como também de sua dúvida em relação a ter tomado a decisão certa em abandonar sua família em favor de toda uma nação (Ver Figura 4.2). A humildade demonstrada pelo narrador é tamanha, a ponto de reconhecer sua inexperiência e falta de conhecimento políticos nas discussões do partido comunista. Por fim, seu desejo futuro, conforme expressa, é o de ter a consciência tranquila de ter cumprido o papel de homem e cidadão a que se propusera.

Desta forma, após ter apresentado os dois primeiros grupos de Processos que tiveram maior frequência na *WordList* e que foram utilizados por Mandela para descrever suas experiências do mundo exterior e sua maneira de observá-las e reagir sobre elas, mundo interior, apresento, a seguir, o terceiro e último grupo dos Processos considerados por Halliday e Matthiessen (2004) como principais – o dos Processos relacionais. Enquanto nos Processos materiais Mandela nos revela seu lado humano colocando-se como agente dos Processos relacionados à família, amigos e governo, no segundo, ele torna público seus pensamentos mais íntimos sobre estes mesmos aspectos de sua vida. As combinações entre os elementos léxico-gramaticais que compõem este último grupo de Processos identificado no *corpus* dão suporte ao ponto de vista defendido em Halliday e Matthiessen (2004), Matthiessen (1995), Eggins (2004) e Thompson (2014), dentre outros, de que as escolhas léxico-gramaticais de transitividade para os Processos relacionais tratam do *ser* e do *ter*. Na obra autobiográfica, as escolhas feitas pelo narrador com relação ao *ser* são de extrema importância por revelarem como ele se coloca, (des)qualifica, diante dos outros e de si mesmo, como dissemos antes, distanciando-se do protagonista dos Processos, ao assumir o papel de narrador. Sendo Mandela mais uma vez o protagonista principal dos Processos relacionais – no caso de maior ocorrência a pesquisa, *Portador* – o *template* de Thompson (2010) será utilizado para selecionar, mais uma vez, os principais tipos de Processos que compõem o grupo, conforme disposto na Tabela 4.4.

Tabela 4.4
Resultados da Planilha do *Concordance* para os Processos Relacionais

Tipos de Orações Relacionais Utilizadas por Mandela para Representar suas Experiências que Compõem os Dados do <i>Corpus</i>		
Atributivas-Intensivas	114	67,4%
Identificativas-Intensivas	10	6,0%
Atributivas-Circunstanciais	3	1,7%
Atributivas-Possessivas	42	24,9%
Total	169	100%

Tendo em mente que o objetivo do estudo é entender como Mandela constrói seu *eu* humano em sua obra autobiográfica, vamos nos ater somente ao primeiro tipo de oração – atributiva, não só pela alta frequência na planilha do *Concordance*, mas, por ser a melhor categoria de análise do discurso do narrador, em termos de visão sobre si mesmo, o que irá nos conduzir ao ponto que queremos, de realmente conhecer o narrador como ele é. Reconheço, no entanto, a importância dos demais tipos de orações relacionais, na composição da narrativa e construção do *self* como um todo. Dentro desta categoria, serão analisadas tanto as orações atributivas intensivas quanto as atributivas Circunstanciais, por julgar este conjunto a melhor forma de resposta à pergunta proposta.

Os elementos léxico-gramaticais de transitividade que compõem os Processos relacionais atributivos intensivos contribuem semioticamente para entendermos a posição assumida pelo narrador, em relação ao protagonista. Neste caso, escolhas como *ser*, atreladas aos Atributos utilizados, revelam nuances de um homem do dia a dia, com características tão comuns a qualquer ser humano que poucos imaginariam, caso não tivessem sido revelados pelo próprio narrador:

I [Portador] **was** [Proc.: relac.] **frightened** [Atributo] **to go out** [Circunst.]

I [Portador] **felt** [Proc.:relac.] **very small** [Atributo]

I [Portador] **was** [Proc.: relac.] **again quite unprepared** [Atributo]

I [Portador] **was** [Proc.: relac.] **backward politically** [Atributo]

Quanto aos Processos Atributivos Circunstanciais, escolhas linguísticas como *passar*, *ficar* e *permanecer*, por exemplo, contribuem para melhor

entendermos o tipo de vida que levava antes, junto à família, durante o longo tempo que passou na prisão, e em seu país, depois de ser libertado:

For a few days [Circunst.] ***I*** [Portador] ***spent*** [Proc.:relac.] ***moments in my cell*** [Atributo] ***which I never want to remember*** [oração hipotática]

I [Portador] ***spent*** [Proc.:relac.] ***the whole morning at the museum*** [Atributo Circunst.]

Now and again [Circunst.] ***I*** [Portador] ***spent*** [Proc.: relac.] ***a few weeks in my home district*** [Atributo Circunst.]

I [Portador] ***stayed*** [Proc.:relac.] ***in this cottage*** [Atributo:Circunst.] ***alone*** [Circunst.]

Há ainda os Processos que, como os dois primeiros, também fazem referência à família e aos amigos (Ver Apêndice 3). Algumas dessas escolhas da transitividade para esses casos estão ilustradas a seguir:

I [Portador] ***at once*** [Circunst.] ***felt*** [Proc.:relac.] ***lonely and empty*** [Atributo]

I [Portador] ***had also been*** [proc.:relac.] ***anxious*** [Atributo] ***to attend the funeral and to pay my last respects to Thembi.***

I [Portador] ***became*** [Proc.:relac.] ***a close friend of his*** [Atributo]

I [Portador] ***really was*** [Proc.: relac.] ***happy*** [Atributo] ***to meet him, to meet Arthur.***

Por fim, Mandela partilha com o leitor suas memórias das experiências na prisão e no contexto político internacional, após ser libertado. Aqui, ao contrário do protótipo do herói do século vinte e um descrito por Dircksen (2004), de que os heróis modernos testam os limites da experiência humana, agem sozinhos e representam a luta do indivíduo ao mesmo tempo em que seu comportamento possa parecer antissocial, o que Mandela faz é nos revelar sua real identidade, de pessoa comum, por mais frustrante que possa parecer. Nestes últimos exemplos dos Processos relacionais, em que ele revive e nos reconta sua visão dos guardas da prisão e seus encontros políticos e pessoais após a liberdade, constituem características de um homem simples, bondoso que nada tem a ver com o impulsivo e arrogante combatente do início do movimento do Apartheid:

I [Portador] **have been** [Proc.:relac.] **victim** [Atributo] **of the weakness of my generation** [oração enc.] **not once but a hundred times**

I [Portador] **became** [Proc.:relac.] **more anxious** [Atributo] **as it approached** [Circunst.]

I [Portador] **feel** [Proc.:relac.] **younger than Kleinseun (grandson) Leo** [Atributo]

I [Portador] **have always been** [Proc.:relac.] **anxious** [Atributo] **to see the pyramids, the sphinx, and the embalmed body of Ramses II** [Circunst.]

I [Portador] **am** [Proc.: relac.] **friendly** [Atributo] **with them now, still** [Circunst.]

I [Portador] **never** [Circunst.] **was** [Proc.:relac.] **one (saint)** [Atributo]

Em suma, a análise das escolhas linguísticas para os Processos relacionais resultou no *template* da Figura 4.3:

Template	Portador:	Processo: Relacional	Atributo:
	Nelson Mandela		
Exemplos	I	[at once] felt	lonely and empty
	I	am	doubtful [if I will ever sit down to sketch my background]
	I	spent	moments in my cell [which I never want to remember]
	I	stayed	in this cottage [alone]

Figura 4.3 – Template principal para as orações dos Processos elacionais

Claramente, Mandela não hesita em mostrar ao leitor sua posição em relação ao protagonista das experiências mencionadas antes, durante e após sua luta contra o Apartheid: de (dis)concordância com suas atitudes, o que é feito enquanto narrador, com vistas a uma maior aproximação junto ao leitor, já que este último vê na figura do narrador, um indivíduo que se conforma aos padrões sociais considerados adequados, até mesmo, e principalmente, no julgamento que faz do protagonista. A construção semiótica utilizada é um meio

de nos mostrar sua figura humana, com memórias que procura apagar – “*for a few days I spent moments in my cell which I never want to remember*” (Ver Apêndice C) – e momentos perturbadores de solidão. Por não se ver como herói, mas, antes, como uma pessoa do povo, é que o narrador questiona o fato de ter, algum dia, sua autobiografia escrita (Ver exemplo Fig. 4.3).

Este último grupo de templates fecha, assim, a discussão dos resultados de transitividade, e eu relembro, aqui, a primeira pergunta do estudo: (i) Como Mandela utiliza os elementos da lexicogramática da transitividade para realizar os significados ideacionais a ver com a construção representacional do *self* em seu discurso autobiográfico em *Conversations with Myself* ?

Bem, os resultados obtidos e analisados acima me possibilitam responder que Mandela se representa como protagonista principal em todos os três Processos – (a) Ator nos Processos materiais; (b) Experienciador nos Processos mentais, e (c) Portador nos Processos relacionais, mostrando, simultaneamente, sua natureza humana, à qual poucos, até então, tinham acesso.

Contudo, se a análise de transitividade, aliada ao recurso dos *templates* de Thompson (2010), nos ajuda a identificar como Mandela vai se redescobrimo em sua autobiografia, à medida que, ao construir o seu *eu*, ele vai desconstruindo a figura do mito Mandela, a compreensão desse Processo de humanização do herói torna-se muito mais clara, ao entendermos o Processo autobiográfico, como afirmam inúmeros pesquisadores e estudiosos da narrativa, como Folkenflik (1993), Bruner (1993; 2004;), Brockmeier e Carbaugh (2001) para citar alguns já mencionados no Cap. 2, como um Processo socialmente contextualizado, onde os Participantes assumem os valores e desempenham os papéis segundo o contexto cultural no qual se encontram. Bruner (2004) nos diz que o si mesmo (ou *self*) se ‘estende’ ao ponto de incluir a família, amigos, posses, etc., do indivíduo-narrador. Ele afirma, também, que a construção do *self* é um meio de estruturarmos “nossa consciência, nossa posição, nossa identidade, nosso comprometimento uns com os outros” (BRUNER, 2004, p. 91). Em nosso estudo, essa extensão do eu-sujeito descrita por Bruner é feita em todos os Processos analisados. Mandela demonstra especial atenção e carinho por sua família e seus amigos.

Para Halliday (1978), que é a principal base teórica sobre a qual o presente estudo se assenta, a sociedade, ou cultura, constitui, em si mesma,

um construto semiótico, ou seja, um “edifício de significados”. Segundo ele, os Atores nestes contextos sociais, na construção diária de significados, encenam a estrutura social, afirmando seus próprios papéis e condições, além de estabelecerem e transmitirem sistemas partilhados de valor e conhecimento. Dessa forma, como aponta Brockmeier e Carbaugh (2001), a análise da narrativa torna-se uma atividade de ‘análise cultural’ (ênfase no original). Fowler (1986, p. 27) é outro teórico que defende que os códigos linguísticos, as escolhas léxico-gramaticais que fazemos, não são neutras na reflexão das experiências humanas cotidianas; elas interpretam, organizam e classificam os sujeitos do discurso. Estes códigos incorporam teorias de como o mundo é formado: pontos de vista ou ideologias.

Finalmente, Simpson (2004, p.34) afirma que as características que marcam as relações sociais entre os indivíduos, enquanto personagens, tornam-se mensagens *sobre* (itálico no original) as personagens no nível do discurso entre autor e leitor/audiência, já que os discursos que constituem as práticas sociais e destas resultam, são elaborados tendo por base as escolhas léxico-gramaticais feitos pelos falantes. A investigação da autobiografia de Mandela presta, exatamente, a serviço, dialogar com o leitor na tentativa de mostra seu verdadeiro eu, desmistificando a ideia do herói, de um ser ficcional, um construto falsificado.

Neste ponto, o passo seguinte a ser dado de forma a termos um quadro mais completo da história de vida de Mandela e responder a segunda pergunta da pesquisa – (ii) Como são representados, segundo os parâmetros da Teoria dos Atores Sociais, os Atores nas experiências vivenciadas por Mandela no seu discurso autobiográfico na mesma obra – é proceder à análise dos atores do contexto social no qual os Processos ocorreram. Para isso, já mencionado acima, essa análise será levada a cabo através das lentes da *Teoria dos Atores Sociais* (Ver Cap. 2).

Relembrando, Van Leeuwen (1997) nos diz que sua teoria, antes de tudo, busca traçar um inventário sócio semântico das formas como os Atores sociais podem ser representados. É preciso, para isso, termos em mente que o autor defende que o significado não faz referência a nenhuma semiótica específica, mas, antes, é inerente à cultura. Consequentemente, o significado é construído em diferentes semioses – a verbal, a visual, a gestual, a sonora, etc. – tanto separadamente (monomodalidade) como em associações

(multimodalidade). Na teoria dos Atores Sociais, estes podem ser representados de formas diversas – seja impessoal ou pessoalmente, individual ou coletivamente, etc., como veremos a seguir.

4.3 Papéis dos atores segundo a Teoria dos Atores Sociais (TAS)

Primeiramente, é relevante observar se os Participantes das relações no *Concordance* são incluídos ou excluídos (Ver TAS, Cap. 2), para, então, identificarmos as formas como são feitas essas inclusões/exclusões. A análise dos Processos materiais nos revela que Mandela, protagonista principal da narrativa, é incluído em todos os casos, apesar de não ser Ator em todos eles. Relembrando Van Leeuwen (2008), nem sempre há congruência entre os papéis desempenhados pelos Atores nas práticas sociais e seus papéis gramaticais. A Tabela 4.5 nos mostra, de forma mais objetiva, os papéis sociais desempenhado por Mandela nos Processos materiais:

Tabela 4.5
Papéis Sociais Desempenhados por Mandela nos Processos Materiais

Ator	Paciente
88.27%	11.73%

Podemos observar, abaixo, que nos casos em que o protagonista é paciente, ou, de acordo com a TAS, *sujeitado*, nos dois primeiros casos e *beneficiado* no terceiro, somente em três momentos Mandela nos informa os agentes dos Processos:

I [Meta] **was received** [Proc.:material] **by President François Mitterrand** [Ator] **in grand style** [Circunst.]

I [Meta] **was [also] treated** [Proc.:material] **by the Prime Minister's doctor** [Ator] **in Dublin** [Circunst.]

I [Recebedor] **only recieved** [Proc.mat.] **one letter** [Meta] **from you** [Ator]

No terceiro exemplo, o Ator deve ser resgatado pelo leitor no contexto, já que o pronome (*you*) refere-se anaforicamente a um Participante (sua esposa Winnie) mencionado na narrativa. A contextualização das duas primeiras experiências me leva a concluir que, nestes casos, os atores foram

individualizados, dada sua importância no cenário internacional, o que atribui, ao mesmo tempo, uma importância indireta ao narrador. Recordando, Van Leeuwen (2008, p.40) denomina este tipo de representação de *nomeação*, uma vez que no primeiro caso temos o nome do presidente e, no segundo, o título do Ator. O encontro com personagens tão ilustres nos faz perceber o tom de orgulho com que o narrador se refere ao protagonista, antes tratado como criminoso e sem qualquer importância.

O terceiro exemplo constitui uma relação interpessoal, além de ideacional, entre o protagonista e o Ator, sua esposa. Aqui, o narrador não se dirige diretamente ao leitor, mas o situa apenas como coparticipante do momento, um *voyeur*. No entanto, o pronome pessoal é um caso de *individualização*.

Nos demais casos dos Processos materiais onde Mandela é sujeitoado como meta, podemos inferir os atores, *excluídos* do texto – família e governo branco sul-africano ou *africâneres* – através do contexto da narrativa, uma vez que esta se alterna entre a vida do narrador antes de sua entrada na vida política e durante sua prisão:

I [Meta] was being groomed [Proc.:material] for the position of chieftaincy [Circunst.]

I [Meta] was baptised [Proc.:mat.] in the Methodist Church [Circunst.]

I [Recipiente] was provided with [Processo] a warder [Meta]

I [Meta] was taken [Proc.:mat.] to the visiting booth [Circunst.] without knowing who it was [Oraç. Hipot.]

Percebemos, com os exemplos acima, a contradição entre o tratamento dado a Mandela por parte de sua família e do governo africâner. Se por um lado, o protagonista tinha seu caminho já traçado para assumir uma posição nobre em sua tribo, tendo recebido uma educação disponível a poucos de sua raça, o que vemos, no final, é este mesmo Ator social aprisionado, em resultado de sua cor e seu enorme desejo de abarcar uma tribo muito maior do que a sua somente – a de todo o povo negro sul-africano. Por fim, esses exemplos nos fazem perceber a impossibilidade de qualquer reação ou vontade expressa por parte de Mandela em relação aos Processos vividos, o

que reforça sua *passivação* no texto, pelas relações de poder institucional, familiar ou político.

Já nos papéis em que Mandela é Ator, sua participação social nos contextos institucionais ou pessoais ocorre em relação a indivíduos cuja representação inclui as seguintes categorias da TAS, apresentada na Tabela 4.6.

Tabela 4.6
Papéis Representados pelos Atores Sociais nos Processos Materiais

Papeis Sociais	N. Ocorrência	%
OBJETIFICAÇÃO	104	48.5%
INDIVIDUALIZAÇÃO	44	20.5%
EXCLUSÃO	24	11.2%
NOMEAÇÃO	19	8.9%
FUNCIONALIZAÇÃO	8	3.8%
AVALIAÇÃO	7	3.2%
ASSIMILAÇÃO	6	2.9%
INDETERMINAÇÃO	2	1.0%
TOTAL	214	100%

A princípio, o papel mais comum (48.5% - 104 ocorrências) é a *objetificação*. Só para lembrar, Van Leeuwen (2008, p.46) subdivide a objetificação em (i) lugar (espacialização) e (ii) coisa/instrumento/material. A análise do Apêndice A nos revela três exemplos que se destacam dos demais para esta categorização: lugar, cartas e livros. Sendo a espacialização uma referência a um lugar onde o Ator se encontra, num dado contexto, e relembrando a importância do espaço geográfico para construção da identidade do indivíduo defendida em Giddens (2002), Castells (2008), dentre outros, é importante determo-nos neste ponto um pouco mais. Em sua excelente obra sobre a cultura sul-africana, Viljoen e Van Der Merwe (2004), juntamente com outros na mesma obra, retratam de forma muito clara e direta a importância do espaço para o povo sul-africano. Onde você mora, até um grande ponto, determina quem você é, e, do mesmo modo, as pessoas tendem a se identificar com espaços e lugares específicos (p.107).

A princípio, temos as fazendas que não apenas sustentam as tribos, mas simbolizam, igualmente, poder político e social, além da importância

cultural para as crianças, pelo fato de estabelecerem o rito importante de passagem: ser capaz de cuidar do gado significava uma tarefa de adolescente responsável: “*later when I was a bit older, I was able to look after cattle as well*” (Apêndice C). Viljoen e Van Der Merwe (2004) analisam várias estórias cujas relações entre as fazendas e a identidade constitui o tema principal. Na literatura Afrikaners, a fazenda tem exercido um poder simbólico por muitas décadas. Nas primeiras ficções, era um lar psicológico, um marcador da identidade para o Afrikaner, na literatura mais moderna, um ambiente de opressão e racismo. Outros vários exemplos estão espalhados na narrativa: Alexandria *township*, que Mandela considerava sua casa; a paisagem do *Veld* ou aquela próxima a *Port Elizabeth*, que ele relembra como uma das mais belas que já viu; sua casa, sempre cheia de crianças durante sua infância; inclusive a importância de *Robben Island*, penitenciária, onde os principais líderes sul-africanos morreram em prol da liberdade do país; e por fim, sua ida para Johannesburg onde estudaria e aprenderia o ofício de advogado e a história de seu povo sob um prisma diferente, além dos outros lugares que conhecera, já presidente da África do Sul.

Segundo, temos as cartas às quais Mandela refere-se todo o tempo. Elas constituíam não só seu canal de ligação com o mundo fora da prisão, mas, principalmente, uma forma de ele expressar seus sentimentos e suas percepções mais íntimas como homem. Não é à toa que formam uma grande parte do *corpus* selecionado. Confissões amorosas, familiares e a amigos, em adição às condenações pelos maus tratos e condições na prisão, nos mostram quem é o verdadeiro Mandela por detrás do mito criado por todos nós.

Por último, temos os livros, mencionados pelo narrador como forma, a meu ver, de mostrar seu interesse em se aprimorar nas questões políticas da África do Sul, na esperança de um dia dali sair para governar seu povo. Não tendo outras opções e sabedor de sua responsabilidade como protagonista do movimento que o encarcerou, a leitura constitui uma forma de suprir o conhecimento que afirma nunca ter tido, o despreparo que tanto o embaraçou nas reuniões do partido comunista (Ver Apêndices).

Os demais objetos que compõem a categoria da objetificação, os quais, para Van Leeuwen (2008, p.46) são recursos semióticos nem sempre “lidos” (aspas no original) como originalmente projetados para tal, mas, antes, inseridos pelas regras do contexto em que se encontram e/ou pelas necessidades e interesses por parte dos demais Participantes, são de grande importância para termos

uma ideia de sua construção identitária como homem. Para citar alguns exemplos, o curso de Direito que abandonou por não ter ânimo para se dedicar; o simples pinico de sua cela e a de um companheiro seu, o qual ele humildemente limpava, denotando uma atitude de resiliência e altruísmo; os animais, pelos quais, como a qualquer outro ser, acalentava o maior respeito, demonstrando remorso, ao matar uma cobra acidentalmente. Todos estes objetos (para mencionar alguns) ilustram o caráter do homem Mandela, cuja premissa básica sempre foi a do respeito mútuo a tudo e a todos e o da igualdade entre os seres.

I [Ator] hereby **apply for** [Proc.mat] **exemption from Latin 1** [Escopo]

So **then** [Circunst.] *I* [Ator] **cleaned** [Proc.mat.] **it** [Meta:penico] **for him** [cliente]

I [Ator] **read** [Proc.:mat.] **Comando** [Escopo] **by Deneys Reitz** [Circunst.]

I [Ator] **couldn't do** [Proc.:mat.] **anything** [Escopo]

I [Ator] **tried to stop** [Proc.:mat.] **the thing** [Meta]

Em termos de representação social, o narrador assume, ter o leitor, conhecimento prévio daquilo a que ele se refere, o que é evidente no primeiro exemplo, em que ele pressupõe que saibamos o que significa ser *Latin 1* – uma matéria do curso de Direito – o que também ocorre na representação metonímica de *Comando*. Nos demais exemplos, temos representação por nomeação em *it*, *him* e *the thing*, referências anafóricas, e um caso de *indeterminação*, referência exofórica, no uso do pronome *anything*, que se refere ao sentimento de culpa pela impossibilidade de reparação do erro cometido (ver apêndice A).

Quanto à representação por *individualização*, os casos mais comuns são o uso de pronomes pessoais. Ressalto, neste ponto, que praticamente todas as referências pronominais são feitas em relação à família e aos amigos de Mandela, além de objetos que ele usava no dia a dia, e, não, à política. Essas escolhas já sinalizam para a próxima seção da pesquisa, cuja pergunta refere-se ao Processo como o narrador se desmistifica para nos revelar seu lado humano, do homem Mandela.

I [Ator] **literally abandoned** [Proc.mat.] **it** [Meta:o estudo do Direito]

I [Ator] **caught hold of** [Proc.:mat.] **her** [Meta: Evelyn]

I [Ator] **can't do** [Proc.:mat.] **that** [Escopo: ser fotografado para publicidade]

I [Ator] **rushed** [Proc.mat.] **him** [Meta: amigo Ngidi] **to a doctor** [Circunst.]

Em outros casos, o narrador nomeia – *nomeação* - esses Participantes, ao mesmo tempo em que os identifica ou *determina*, nos termos da TAS. Este fato demonstra a necessidade que ele vê em conhecermos os Participantes, devido à importância que estes têm seja no cenário político internacional ou no âmbito pessoal para o próprio Mandela.

I [Ator] **should look after** [Proc.mat] **my mother and my sisters** [Meta]

I [Ator] **also met** [Proc.mat] **Mrs. Graça Machel** [Escopo]

I [Ator] **once wrote** [Proc.mat] **to Zami** [Recebedor] **during the early seventies** [Circunst.] **[...] a romantic letter** [Escopo]

No primeiro caso e no último, a *identificação é relacional*, o narrador refere-se a membros de sua família. Van Leeuwen (2008) afirma que o uso do pronome possessivo em casos de nomeação denota um carinho especial por parte do narrador. No segundo exemplo, sendo esta a primeira vez que Mandela se encontra com Graça Machel, ele faz uma referência mais formal, por meio do título de Sra. (*Mrs.*). Posteriormente, ao analisarmos as ocorrências no Apêndice A, veremos que, à medida que cresce sua intimidade com ela, o narrador opta por utilizar uma linguagem que denota maior proximidade e informalidade, como nos exemplos a seguir:

I [Ator] **met** [Proc.mat.] **Graça Machel** [Escopo] **in Johannesburg on no less than three different occasions** [Circunstâncias]

But **in Maputo** [Circunst.] *I* [Ator] **met** [Proc.mat.] **a totally different Graça** [Escopo]

Neste último exemplo, a pré-modificação do substantivo enfatiza ainda mais a proximidade do narrador com o outro Participante. Contrariando a posição de Van Leeuwen (2008, p. 42) ao afirmar que na nossa sociedade a *identificação relacional* é menos importante do que outras, como, por exemplo, a *classificação* ou *funcionalização*, busco mostrar como Mandela, enquanto narrador de sua própria experiência, valoriza, em particular, as relações pessoais em detrimento de quaisquer outras.

Mesmo quando a narrativa trata do contexto político, o que não ocorre com frequência na obra, Mandela prioriza suas relações com os outros Participantes:

I [Ator] *met* [Proc.mat.] (**president**) **Chissano** [Escopo] *in Mozambique, in Maputo* [Circunst.]

The following day [Circunst.] *I* [Ator] *met* [Proc.mat.] **Arafat** [Escopo]

I [Ator] *met* [Pproc.mat.] **Prime Minister Andreotti** [Escopo]

Nos casos acima, a *nomeação/identificação* é feita por meio da *honorificação* para Chissano e Andreotti, os quais, no julgamento do narrador, não são conhecidos o suficiente do público para dispensar a formalidade. O mesmo não ocorre com Arafat, por ser esta uma figura internacionalmente famosa. Ainda, a menção dessas experiências confere a Mandela um *status* importante junto ao leitor, ao ser recebido por autoridades em cujo nível de relevância o próprio Mandela se encontra, após tantos anos de sofrimento e luta pela igualdade do ser humano.

Assim, após ter analisado os papéis sociais dos Participantes representados por Mandela, que tiveram grande importância nos Processos do *fazer*, seja como beneficiários ou afetados, eu passo, a seguir, à análise desses mesmos papéis, para os Participantes inscritos nos Processos mentais.

Nestes Processos, Mandela assume 100% o papel de responsável, *Experienciador*. Já com relação aos demais Participantes de sua narrativa para este grupo, os mesmos encontram-se listados na Tabela 4.7 a seguir:

Tabela 4.7

Papéis Representados pelos Atores Sociais nos Processos Mentais

Papeis Sociais	N. Ocorrência	%
NOMEAÇÃO	70	35.0%
OBJETIFICAÇÃO	64	32.0%
ASSIMILAÇÃO	37	18,5%

Tabela 4.7
Papéis Representados pelos Atores Sociais nos
Processos Mentais (continuação)

Papeis Sociais	N. Ocorrência	%
AVALIAÇÃO	11	5.5%
CATEGORIZAÇÃO	4	2.0%
FUNCIONALIZAÇÃO	4	2.0%
IDENTIFICAÇÃO	4	2.0%
EXCLUSÃO	4	2.0%
INDETERMINAÇÃO	2	1.0%
TOTAL	200	100%

A Tabela 4.7 nos mostra um cenário um pouco diferente do grupo dos Processos materiais. Aqui, temos três casos que receberam um percentual maior do que no grupo anterior – *nomeação, assimilação e avaliação*. No que diz respeito à avaliação, ainda que este seja um papel considerado por Van Leeuwen (2008) como interpessoal, o que nos mostra os primeiros exemplos, o narrador o utiliza para referir-se, aqui, a si mesmo. Isso tem suporte no próprio fato de o Processo mental ser uma reflexão que o indivíduo faz de seu mundo interior e do mundo à sua volta:

All that [Fenô...] *I* [Exper.] *wish* [Proc.mental] *you always bear in mind is that we have a brave and determined Mummy* [...meno]

I [Exper.] *don't want* [Proc.mental] *to say that now against a poor woman* [Fenômeno]

I [Exper.] *don't want* [proc.mental] *us to create the impression that all the warders were just animals, rogues, no.* [FFenômeno]

I [Exper.] *thought* [Proc.mental] *she was a great lady, also very sharp, very sharp* [Fenômeno]

I [Exper.] *sometimes believe* [Proc.mental] *that through me Creation intended to give the world the example of a mediocre man in the proper sense of the term* [Fenômeno]

So I [Exper.] *realized* [Proc.mental] *I hadn't done my work properly* [Fenômeno]

I [Exper.] relied on [Proc.mental] arrogance to hide my weaknesses
[Fenômeno]

Nesses exemplos, a avaliação é direcionada, no primeiro caso, à sua esposa, papel social de *identificação relacional*, enquanto que a interação se refere às filhas, papel de *individualização* pelo pronome pessoal - *you*. No segundo instante, o leitor facilmente recuperará o papel de nomeação presente em *woman*, ao fazer uma referência anafórica ao texto mencionado. Interessante observar que, apesar de Mandela estar se referindo à sua ex-mulher, ele não a representa por meio de identificação relacional.

Em seguida, temos um caso de *funcionalização* ou mesmo *categorização*, *warders*, cuja avaliação pelo narrador, não é de todo negativa. Observamos que ao deixar claro para o leitor que há guardas que são bons, Mandela nos dá um grande exemplo do caráter complacente e benigno que possui, sendo capaz de ver o lado bom das pessoas mesmo em situação tão inóspita como a que vivia. O último caso de avaliação de terceiros é também um caso de *individualização*, no uso do pronome pessoal *she* e de *classificação*, pela palavra *lady*. Novamente, o leitor pode buscar melhor esclarecimento no texto, por meio da recuperação anafórica. Os demais casos mencionados são de auto avaliação, onde o narrador menciona um caso de nomeação, *Creation*, dando-nos uma ideia de sua crença em um Ser supremo. Temos, também, o papel social de *classificação* em *man*, utilizado juntamente com a avaliação que faz de si mesmo, nos termos *mediócras man*. Temos o caso de objetificação em *work* e avaliação em *arrogance*, e *weaknesses*. Estes dois últimos exemplos de avaliação, exemplificados nas nominalizações dos atributos, já são bons sinalizadores de que Mandela não deseja se expor como herói ou mito em sua autobiografia, mas como um homem portador de características comuns.

Com relação à *assimilação*, Mandela trata, em alguns casos, das experiências políticas, voltando-se, no entanto, para as relações familiares na maioria dos casos. Isso já fora percebido também no grupo anterior:

I [Exper.] believe [Proc.mental] that all of you are capable of rising to the expectations and to meet the enormous challenges facing your country [Fenômeno]

Neither you nor I [Exper.] can predict [Proc.mental] what the country will have to pay at the end of that strife [Fenômeno]

I [Exper.] consider [Proc.mental] it callous to allow our people to continue wasting money, time, energy, goodwill and love by sending us letters and cards [Fenômeno]

No primeiro exemplo, temos assimilação em *all of you*, que é um caso mais específico de *agregação* (estatística) e outro de *coletivização*, em *country*. O mesmo se repete no segundo exemplo e no terceiro, salvo que, neste último caso, temos também sete palavras que denotam *objetificação*: *money, time, energy, goodwill, letters* e *cards*. A atitude por parte do povo em dispensar tão boa consideração e bom tratamento ao líder sul-africano é *avaliada* como *callous*.

In Kenya [Circunst.] I [Exper.] found [Proc.mental] that they could plant mealies [maize] throughout the year [Fenômeno]

I [Exper.] had thought [Proc.mental] that our generation of rabble-rousers had vanished with the close of the fifties [Fenômeno]

Aqui, temos *objetificação espacial* em *Kenia* e *material* em *mealies*, além de um caso de *assimilação* por *coletivização* em *they*. No segundo exemplo, há mais um papel de *assimilação* – *our generation* – e um papel de *avaliação* do grupo assimilado – *rabble-rousers*. Entretanto, a cotextualização da oração nos mostra que a *avaliação* é implicitamente direcionada a um único indivíduo, o amigo Nomabutho, cuja carta impressionara Mandela.

O papel de *objetificação*, vale lembrar, é uma forma de representarmos os Atores sociais por meio de referências que se fazem importantes em suas experiências. Sendo assim, e levando-se em conta o alto índice de ocorrência apresentado na Tabela 4.7, os exemplos extraídos do Apêndice B, ilustram bem, os aspectos importantes do dia a dia do narrador:

I [Exper.] also learned [Proc.mental] that our house had been raided [Fenômeno]

I [Exper.] am however working out [Proc.mental] a plan to accommodate some of your (Graça Machel) concerns [Fenômeno]

I [Exper.] dream [Proc.mental] coming home at night with doors open and Zami asleep in one bed and in the other children, possibly zeni and zindi [Fenômeno]

In both Uganda and Kenya [Circunst.] ***I*** [Exper.] ***found*** [Proc.mental]
the climate very interesting [Fenômeno]

I [Exper.] ***have never been able to ascertain*** [Proc.mental] ***why after just two weeks on Robben Island I was transferred back to Pretoria*** [Fenômeno]

Nestes e em outros exemplos apresentados, temos mais de um Ator social representado. Isso faz com que o número de Processos usados acima não seja compatível com o número dos atores sociais, obviamente. Nos casos acima, temos um grande número de representações por *objetificação* (já discutidos em outros exemplos da narrativa) em *house, plan, concerns, home, Uganda, Kenya, Robben Island* e *Pretoria*. Em geral, lugares, cuja importância foi discutida acima. As outras referências são por *nomeação* – *Zami, zeni e zindi*, que também é um caso de *identificação relacional*, e *Graça Machel* e por *associação* em *our house*. Vale ressaltar os dois casos de *exclusão*, nos exemplos 1 e 5. Quem invadiu a casa? Mandela fora transferido por quem? Certamente podemos inferir os agentes, dado os contextos de cultura e situação da narrativa.

Essas relações apresentadas mostram a importância que as coisas e, principalmente, as pessoas, tinham na vida de Mandela. Pequenas lembranças e desejos simples de um homem que nada mais queria, senão, viver em liberdade, em uma sociedade igualitária, cujos direitos fossem garantidos a todo o povo sul-africano. Observação especial deve ser feita, por exemplo, sobre o valor que o lar tem para o narrador, o qual passou a maior parte de sua vida longe da família e de sua terra. O simples fato de estar em países diferentes, após sua libertação, já seria suficiente para que algo tão corriqueiro como o clima local, chamasse sua atenção.

Todos os casos que analisei, apontam para o lado pessoal do narrador. Ele, praticamente, deixa de lado as questões do apartheid, tão focadas em sua primeira narrativa autobiográfica, para nos revelar a si próprio, sem qualquer pudor.

Os exemplos que seguem também são ótimas referências à importância que Mandela dava às experiências simples do dia a dia; desejos simples que, durante anos, tiveram lugar somente em sua mente:

*I [Exper.] **have not forgotten** [Proc.mental] **the days of my childhood** [Fenômeno]*

*I [exper.] **never dreamt** [Proc.mental] **that time and hope can mean so much too one as they do now** [Fenômeno]*

*I [Exper.] **have now established** [Proc.mental] **that the letter was actually here** [Fenômeno]*

*I [Exper.] **looked forward to** [Proc.mental] **holding your hand and to a passionate kiss** [Fenômeno]*

*I [Exper.] **suspect** [Proc.mental] **you intended the Picture to convey a special message that no words could ever express** [Fenômeno]*

*I [Exper.] **resigned myself to** [Processo] **the fact that I had no opportunity for sexual expression** [Fenômeno]*

As falas acima dão uma enorme contribuição para conhecermos o homem Mandela. São casos de objetificação de forma mais efêmera e abstrata como em *days of my childhood* (temporal), *time and hope*, *letter*, *Picture* e *words*. Há um caso de *objetificação* por *somatização* (representação de parte do corpo humano) em *hold your hand* e *passionate kiss* (your mouth). Este último, acompanhado de *avaliação*.

Estas falas nos mostram como o narrador se sentia em relação a seu passado, presente e futuro. Da mesma forma que menciona na epígrafe de sua autobiografia, “a cela é um lugar ideal para aprender a se conhecer”. Das recordações de sua infância, em liberdade, junto às demais crianças de sua tribo, à sua entrada na vida política e, posteriormente, sua prisão, Mandela abre seu coração ao leitor, expondo os mais sinceros e corriqueiros pensamentos e desejos: afeto, liberdade, esperança e, até mesmo, o mais básico dos instintos e a mais íntima das revelações – seu desejo sexual. Por fim, temos as cartas, objetos que representavam o vínculo que o narrador mantinha com o mundo exterior, agora já proibido e cortado pelas autoridades do governo.

Assim, após procurar dar uma visão clara de como Mandela se abre ao público através de sua percepção das experiências que viveu, passo, a seguir, ao grupo dos atores sociais nos Processos relacionais. Este último grupo certamente ajudará a dar o passo final para melhor entendermos como se

processa, na narrativa, a desconstrução do mito Nelson Mandela e sua construção como homem, já que a maioria dos Processos é direcionada a si próprio.

Para os Processos relacionais, a narrativa autobiográfica transita novamente pelas vias de familiares, amigos e objetos, aos quais o narrador dá grande importância. Apesar deste fato, há referências ao governo do Apartheid, mas, substancialmente, o que vemos, como nos grupos anteriores, é um narrador expondo ao leitor sua identidade real, do ser humano que sofre, chora e é como qualquer outro, mas que foi mitificado por um povo sofrido, que buscava ansiosamente agarrar-se a algo ou a alguém que os pudesse livrar do terror do confinamento em sua própria terra e do isolamento social:

Tabela 4.8

Papéis Representados pelos Atores Sociais nos Processos Relacionais

Papeis Sociais	N. Ocorrência	%
OBJETIFICAÇÃO	20	40.0%
AVALIAÇÃO	7	14.0%
INDIVIDUALIZAÇÃO	6	12.0%
ASSIMILAÇÃO	6	12.0%
NOMEAÇÃO	5	10.0%
IDENTIFICAÇÃO	3	6.0%
FUNCIONALIZAÇÃO	2	4.0%
CATEGORIZAÇÃO	1	2.0%
TOTAL	50	100%

A primeira observação a ser feita é que Mandela, ao mesmo tempo em que é o Portador dos Atributos e, por conseguinte, responsável pelos Processos, a ocorrência de maior frequência ainda é a objetificação (40%), o que mostra a importância das pessoas e situações ou objetos nas recordações do narrador. Os casos de *avaliação* - (14%), contrariou, na verdade, minhas expectativas, uma vez que esperava um número maior de processos que o descrevessem como indivíduo.

Outro fator a ser observado, é que é neste grupo dos Processos que Mandela, em sua auto avaliação, realmente abre seu coração para mostrar seu lado humano, contrariando, no entanto, a expectativa de falar de seus

sentimentos. Em resultado, ele se revela em relação aos outros e, como dito anteriormente, às situações e objetos representados na narrativa. Os sentimentos descritos aqui, ainda que sejam comuns aos heróis, não são, em sua maioria, senão em nenhum caso, revelados de forma tão sincera e simplista ao público.

I [Portador] **at once felt** [Proc.relac.] **lonely and empty** [Atributo]

But I [Portador] **am** [Proc.relac.] **highly optimistic** [Atributo]

I [Portador] **am** [Proc.relac.] **also aware that massive efforts have been made here and abroad for my release** [Atributo]

I [Portador] **am** [Proc.relac.] **doubtful if I will ever sit down to sketch my background** [Atributo]

I [Portador] **felt** [Proc.relac.] **all alone** [Atributo] **in the world** [Circunst.]

In my thoughts [Circunst.] *I* [Portador] **am** [Proc.relac.] **free as a falcon** [Atributo]

Nestes poucos exemplos, que se inserem na categoria de *avaliação* (Ver. Tabela 4.8), percebe-se que Mandela, como nos demais grupos, é ator social *incluído* (TAS) nos Processos experienciados. Seus sentimentos de solidão se contrapõem com o otimismo de um futuro melhor, para si e os companheiros na prisão. Otimismo que, apesar de aprisionado, faz o desejo de liberdade ainda bater forte no coração. Um momento interessante da narrativa é a dúvida quanto a ter sua vida narrada, o que, como sabemos, foi feito mais tarde. Isso denota que o próprio Mandela não via razão para fazê-lo, pois, como vimos no Cap. 2, a autobiografia sempre fora destinada àqueles considerados grandes, e não era assim que Mandela se via.

Outros Atores sociais incluem os membros da família e amigos:

I [Portador] **am** [Proc.relac.] **sure** [Atributo] **she would have taken me to the police** [Atributo].

I [Portador] **am** [Proc.relac.] **also fully conscious of the passionate love that you had for him** [atributo].

I [Portador] **had also been** [Proc.relac.] **anxious to attend the funeral and to pay my last respects to Thembi** [Atributo].

I [Portador] **was** [Proc.relac.] **particularly happy** [Atributo] **in the company of my cousin Alexander Mandela** [Circunst.]

I [Portador] **was** [Proc.relac.] **very sorry** [atributo] **when he (Thembi) died** [Orac. hipot.]

I [Portador] **was** [Proc. relac.] **in prison** [Atributo:Circunst.] **when she (Ruth First) was assassinated** [Orac. hipot.]

Com exceção do antepenúltimo exemplo, que constitui *identificação por relação familiar* (TAS), os demais Atores sociais são identificados por *individualização*, o que é feito pelo uso de pronomes pessoais que fazem referências anafóricas. Mandela está sempre às voltas com a experiência da morte, seja de familiares, como do filho Thembi, a cujo funeral lhe fora negada a participação, como a de amigos, caso este mencionado nas duas últimas falas. Como é de se esperar, dada a sua situação de encarceramento, os momentos de alegria ficam relegados ao exercício da memória dos tempos de infância e adolescência, além dos anseios futuros, alimentados pela esperança de se ver livre numa nova África do Sul, mais justa, respeitada e igualitária.

Ainda temos inúmeras situações de grande importância para o conhecimento da identidade do narrador, como seu posicionamento diante dessas experiências, as quais constituem, nos termos da TAS, *casos de colocação em segundo plano*, já que os Atores sociais, omitidos em um ou outro caso, são mencionados anafóricamente ou cataforicamente no texto:

I [Portador] **am** [Proc.relac.] **also aware that massive efforts have been made here and abroad for my release** [atributo].

I [Portador] **remained** [Proc.relac.] **convinced that this was the correct strategy for us** [atributo].

For a few days [Circunst.] *I* [Portador] **spent** [Proc.relac.] **moments in my cell** [Atributo Circunst.] **which I never want to remember** [oração. Hipot.]

I [Portador] **would be** [Proc.relac.] **happy to get your advice** [atributo].

I [Portador] **was** [Proc.relac.] **too busy** [Atributo] **on Roben Island** [Circunst.]

O olhar atento aos construtos semióticos acima nos faz questionar o porquê da abstração dos Atores sociais no relato dessas experiências. Certamente, o narrador conta com a conexão anafórica por parte do leitor, ou mesmo com sua inferência em face do contexto de situação ou de cultura nos quais a narrativa se insere. Por exemplo, no primeiro caso, o narrador menciona esforços massivos, feitos em favor de sua liberdade, mas não menciona por parte de quem nem quais tipos de esforços são estes. Logicamente, considerando o contexto de cultura – o movimento do Apartheid, e da luta global em favor dos direitos humanos – podemos assumir que tais esforços devem ter sido feitos por governos mais democráticos, pela mídia, ou mesmo por parte da população de outros países.

De igual modo, os demais exemplos não fornecem todos os dados ao leitor. É preciso apropriarmo-nos dos contextos e fazermos um exercício de inferência, para que possamos identificar detalhes que o narrador deliberadamente omite. Ao falar, por exemplo, de uma estratégia a ser tomada, a que se refere o narrador: a decisões pela paz ou à retaliação armada? Que momentos pavorosos seriam esses, que o narrador prefere até mesmo não lembrar? Por que mencioná-los então no texto? Certamente, no meu ponto de vista, é para enfatizar, para o leitor, todo o sofrimento a que era exposto, fosse este físico ou, mesmo, emocional. Igualmente, não sabemos que tipo de conselho ele ficaria feliz em seguir, nem o que o ocupava na prisão de *Robben Island*, apesar de que, neste último caso, a inferência se torna muito mais fácil do que no primeiro, uma vez que, pelo contexto de cultura, sabemos que os prisioneiros da ilha passavam o dia a escavar pedras.

Finalmente, o narrador ainda relembra, de forma nostálgica, experiências que fazem referência aos locais que visitou, em sua amada África do Sul, e a objetos, para ele, importantes, durante sua jornada no cativo. Estes são Processos *atributivos Circunstanciais*, responsáveis pelo elevado percentual dos papéis referenciados por *objetificação*, sendo, em sua maioria, espaciais (lugar):

I [Portador] **could stay** [Proc.relac.] **outside** [Atributo] **as long as I wanted** [Circunst.]

For a few days [Circunst.] *I* [Portador] **spent** [Proc.relac.] **moments in my cell** [Atributo: Circunst.] **which I never want to remember** [oração hipot.]

I [Portador] **spent** [Proc.relac.] **about three days in Maputo** [Atributo: Circunst.]

I [Ator] **spent** [Proc.relac.] **the whole morning at the museum** [Atributo: Circunst.]

I [Portador] **stayed** [Proc.relac.] **in Alexandria township** [Atributo: Circunst.]

As experiências partilhadas acima, as quais são apenas uns poucos exemplos do Apêndice C, vêm, portanto, reafirmar, como todas as outras, o mesmo foco de toda a narrativa, ou seja, as memórias que o narrador mantém de sua infância e juventude, partes integrantes de sua identidade, que ele afirma jamais ter esquecido, ainda que se sinta mais urbano, ao ponto de admitir estar mais à vontade com o idioma inglês – “*I am now more comfortable in English*” (Ver Apêndice C), língua que não representa sua tribo nem seu povo, mas que fora introduzida pelos imigrantes, os grandes causadores de todo o sofrimento imposto ao país, desde os primórdios de sua colonização. Locais como os Bantustans, os países que visitou e *Alexandria township*, que segundo ele, é como sua própria casa, aliados a objetos anteriormente mencionados e, aqui, aos discursos que escrevia quando ainda era iniciante na política e os quais considera, hoje, pedantes, indicam papéis sociais impessoais, *de abstração* (TAS), salvo os próprios discursos, que são referidos anaforicamente, pelo pronome possessivo *their*.

Assim, a análise dos exemplos extraídos dos apêndices A,B e C, mais especificamente, dos papéis atribuídos aos Atores sociais dos três grupos de Processos, juntamente com os casos de abstração e/ou exclusão, é um meio de grande ajuda para respondermos a segunda pergunta da pesquisa: (ii) *Como são representados, segundo os parâmetros da Teoria dos Atores Sociais, os atores nas experiências vivenciadas por Mandela no seu discurso autobiográfico na mesma obra?*

À luz dos resultados que acabaram de ser apresentados e discutidos, podemos, então, responder a segunda pergunta da pesquisa, Mandela se representa como responsável pela maioria de suas experiências, sendo, em alguns poucos momentos, um Ator passivo (Meta ou Beneficiário) afetado por sentimentos que criam um misto de alegria e tristeza, desejos, anseios e frustrações que o perseguem em sua jornada no cárcere. Ainda, como sujeito

passivo, vítima do regime do Apartheid, ele sofre em resultado da violência e dos caprichos de seus torturadores.

Por outro lado, enquanto possui algum controle sobre suas ações, seja antes de sua entrada na política ou após sua libertação, como líder sul-africano, as experiências narradas me faz concluir que, sistematizando os padrões mais recorrentes de papéis dos atores sociais via TAS encontrados, associados aos Processos materiais, mentais e relacionais tanto para Mandela como para os demais atores sociais – sujeitos, lugares e objetos – Participantes, para ele, mercedores de suas reflexões e considerações, Mandela busca mostrar ao leitor seu lado humano, suas relações e problemas familiares e com amigos, suas incertezas com relação ao que devia ou não ter feito, e admissão de seus fracassos e erros. Ele quer ser visto apenas como um cidadão sul-africano como qualquer outro, que nada mais almeja, senão viver livre e respeitado em sua própria terra. Dessa forma, ele abre seu coração e sua mente para reviver momentos de extrema intimidade, dando ao leitor a oportunidade de vê-lo como ele realmente é.

Todas essas implicações, vistas nas duas últimas seções, servem de suporte para a próxima seção, que busca responder a terceira pergunta da pesquisa e apresentar o argumento proposto, ou seja, (iii) *como se processa a desconstrução do herói na autobiografia de Nelson Mandela*. A princípio, faço uma breve revisão das características típicas do mito em relação à identidade cultural de um povo, para, em seguida, apresentar o argumento de desmistificação do herói Mandela.

4.4 A Desmistificação do Herói

O convívio entre as diversas culturas existentes na África do Sul, de um lado aqueles que se consideram *africâneres*, descendentes dos colonizadores europeus e seguidores da cultura ocidental, e, do outro, a nação indígena negra, cuja cultura está enraizada na África desde 350 anos atrás, *ab ovo*, é catalisado pelo papel desempenhado pela mitologia, que “cimenta a coexistência estruturada na África do Sul” (DIRCKSEN, 2004, p. 94). Ainda, em consonância com a autora, uma das funções eficazes dos mitos para a construção identitária de grupos e indivíduos na sociedade moderna é “nossa necessidade de estabelecer relações seguras e plenas no seio da comunidade humana” (p. 89).

Teóricos e pesquisadores concordam e proclamam a construção da identidade do sujeito como um Processo interacional, de inserção em uma dada cultura e espaço, onde, após a identificação da alteridade, o descobrimento do outro, ele trilha o caminho da concepção de sua própria identidade (MOITA LOPES, 2006; RAJAGOPALAN, 2006; CASTELLS, 2008; THOMPSON, 1990; HAESBAERT, 2002; GIDDENS, 2002, para citar alguns). Castells (2008, p. 22), por exemplo, defende que a identidade dos Atores sociais é um Processo de construção de significado, com base em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados que prevalecem sobre outras fontes de significado. Quanto ao significado, Thompson (1990) utiliza o conceito de cultura descrito pelo antropólogo Clifford Geertz (1973)¹³, o qual vê este conceito como sendo semiótico, não simbólico. Para Geertz, o que importa são as questões do significado, simbolismo e interpretação. Ambos teóricos, assim, veem cultura como padrões de significados incorporados às formas simbólicas compartilhadas na interação social. Isso parece ir de encontro ao que afirma Dirksen (2004, p.94) em sua tentativa de explicar a razão pela qual a sociedade jovem sul-africana deste século não conhece e, por conseguinte, não preserva nem transmite os valores culturais de seus antepassados, tão arraigados na construção da história da África do Sul. Para a autora, isso se deve ao fato de a população indígena negra ser “comercializada” (aspas minhas) pela cultura dos colonizadores brancos. Ela é a favor de se voltar a ensinar, nas universidades, as tradições antigas, o folclore e mesmo os mitos do passado, como o que a própria autora trabalha em seu artigo – o mito de Usikulumi – uma vez que a mente da tribo Zulu, afirma, tem muito a ver com a mente ocidental.

De igual modo, Doty (2000, p.89) declara que os mitos podem criar uma rede temporal, um *continuum* cronológico interior entre a contemporaneidade e o passado, relacionando indivíduos e sociedades temporalmente e propiciando níveis relativos de “nosso tempo” para com “como nos dias de outrora” (aspas no original). Doty (2000) ainda afirma que “como depósitos de experiências ou indicadores de tipos de constantes relações, os mitos passam por padrões de adaptação tradicionais, servindo, assim, à sobrevivência” (p.89).

Partindo dessa premissa de Doty, cabe, aqui, lembrarmos a pergunta de Dirksen (2004, p.99) sobre quem é o herói do século vinte e um e qual seria sua busca. Ela afirma que não se trata mais de decifrar os monstros do passado, mas buscar a resposta na própria humanidade. “De modo a

¹³ GEERTZ, C. The Interpretation of Cultures. Basic Books, USA, 1973.

transcender a condição humana e se tornar um *protégé* de um ser sobrenatural, o indivíduo deve passar por uma iniciação especializada”.

Os heróis testam os limites da experiência humana. Agem sozinhos e representam a luta do indivíduo, mesmo se seu comportamento, no início, possa parecer antissocial. A nova ordem ou o *status quo* é inserida/mantida após seu retorno. Doty (2000, p.64) corrobora com essa visão, ao afirmar que a história das maneiras pelas quais os heróis são definidos será, muito possivelmente, o modo de definição da própria individualidade: ativa/passiva, conquistadora/receptiva e crítica/flexível em relação a modelos tradicionais. Para Dirksen (2004, p.99), a força de caráter do herói é tão importante quanto seus feitos. Ele se envolverá com lutas individuais ou em favor de seus companheiros humanos. É assim que se criam os heróis da pós-modernidade: pessoas que personificam os ideais e os valores de suas sociedades. Neste ponto, Dirksen (2004) menciona o próprio Nelson Mandela, objeto de nosso estudo. Para ela, Mandela adquiriu atributos míticos, pois é considerado tão importante que se tornou mitificado. Heróis deste tipo, afirma, obtêm imortalidade por meio de seus feitos e servem de modelos para seus seguidores.

A despeito de concordar plenamente com a posição dada a Mandela de pivô ou pedra angular da unificação da África do Sul por tudo o que significou durante e após o movimento do Apartheid, o objetivo da pesquisa é justamente mostrar que, apesar do mito criado pelo povo sul-africano ou pela comunidade internacional, Mandela não se considera como tal nem se representa, em sua obra autobiográfica, como herói, mas, antes, como um sujeito simples, que ao entrar no movimento antiapartheid, acabou por tomar em suas mãos, as rédeas deste movimento, em resultado de sua indignação diante do tratamento dado aos negros no país.

As duas perspectivas de análise utilizadas, transitividade e Atores sociais, nos mostraram, de forma bastante clara, as escolhas feitas por Mandela para representar-se diante dos outros e representar os outros Atores sociais, Participantes de suas experiências. Portanto, é a partir destas escolhas, esmiuçadas pelas teorias já mencionadas, que busco mostrar que a obra autobiográfica direciona o foco para o lado pessoal do ativista sul-africano, não o seus feitos políticos ou revolucionários, principalmente por que, um-terço de sua vida, ele esteve encarcerado na ilha de *Robben*, restando-lhe agarrar-se às memórias de suas experiências de vida.

Certamente, as teorias e a análise das estruturas oracionais, realizados para estudo do texto de Mandela, buscaram, exclusivamente, ampliar a visão das imbricações estruturais e semânticas das escolhas léxico-gramaticais feitas pelo narrador. A prática da leitura cotidiana requer que nos apropriemos de todos esses aspectos em sua unicidade – *pari passu*. Além disso, afirmo, com Thompson (2010, p.19) mais uma vez, que, ao ler a obra de Mandela, podemos chegar à mesma conclusão de forma intuitiva. Porém, a aplicação de métodos científicos vem demonstrar que os conceitos da concordância e do *template* sobre os dados, confirmam a validade da análise, precisamente pelo fato de os resultados corresponderem às intuições.

Conforme vimos no Cap. 3, após analisar as construções da planilha do *Concordance* referentes às relações entre Mandela e os demais Atores sociais, cujos papéis foram relevantes nas experiências do narrador, e dividir o grupo desses Atores por campo semântico (LEHRER, 1974), para cada grupo de Processos, ficou muito mais fácil e claro acompanhar a releitura que Mandela faz de sua vida pessoal. Os resultados da análise dos grupos se encontram descritos na Tabelas 4.9 4.10 e 4.11:

Tabela 4.9

Atores Sociais Divididos por Campos Semânticos para os Processos Materiais

CAMPOS SEMÂNTICOS	N. DE OCORRÊNCIAS	%
PRIVADA	88	45%
POLÍTICA	59	30%
FAMÍLIA	31	16%
AMIGOS	18	9%
TOTAL	196	100%

Para uma melhor visualização, os valores acima, estão exemplificados no Gráfico 4.1 abaixo, e discutidos em seguida:

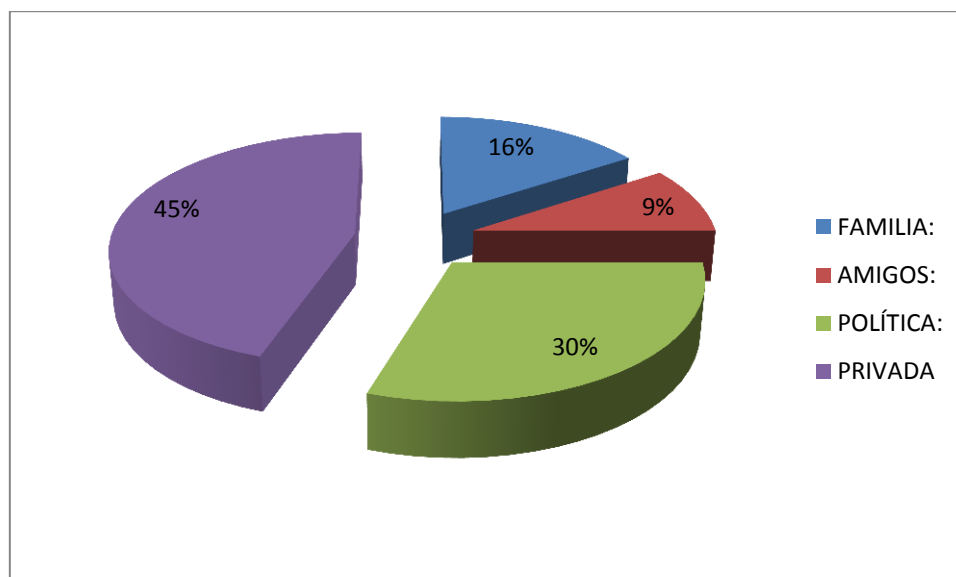


Gráfico 4.1 – Atores Sociais Divididos por Campos Semânticos para os Processos Materiais

Como podemos perceber, as relações políticas compreendem somente 30% para os Processos materiais, contrapondo-se a 70% na esfera privada. Assim, com base em alguns exemplos já analisados pelas lentes da transitividade e da TAS, podemos falar com Polkinghorne (1991, p. 135) que

“as histórias de identidade pessoal diferem dos mitos e das produções literárias no fato de serem construídas no âmbito de uma autobiografia que se desenrola e incorpora eventos acidentais e consequências não intencionais”.¹⁴

Exemplos como *I cleaned my bucket everyday; I handed it to Kathrada; I helped Mum out of bed to the toilet; I kiss Zobhule against partition glass; I ought to have been better prepared, etc.* vêm apenas ilustrar o lado pessoal do narrador, apresentado e discutido acima.

Mandela não dedica sua narrativa a falar do movimento do Apartheid, de violência, dos partidos políticos e de sua participação no movimento, ainda que momentos deste tipo sejam lembrados. Ele busca, antes de tudo, reviver os momentos em família, nos mostrar a importância que sua mãe, suas mulheres e filhos têm em sua vida e seu sofrimento em abandoná-los em favor da política. Suas referências aos locais do passado e do presente denotam a importância que o sul-africano dá à terra em que habita. É nela que se considera cidadão, apesar de, ao mesmo tempo, ter que se adaptar a lugares

¹⁴ Minha tradução de: “ Stories of personal identity differ from literary productions in that they are constructed within an unfolding autobiography and incoroorate the accidental events and unintended consequences of actions.”

estrangeiros: “*I do not want to think of the embarrassment and inconvenience you suffered among strangers in foreign countries*”, afirma ele à sua amiga e, posteriormente, esposa, Graça Machel. Nas palavras de Plooy (2004, p. 49), “os únicos princípios para escolha e apresentação do material [escrito] são os lampejos de memória altamente suspeitos e as irrupções imprevistas da experiência presente”.

Seligmann-Silva (2013, p.53) defende que a memória só existe ao lado do esquecimento, que um complementa e alimenta o outro, sendo, um, o fundo sobre o qual o outro se inscreve. Afirma ele, também, que a narrativa testemunhal é marcada por um *gap* entre o evento e o discurso. O universal, o simbólico, não pode dar conta do “real” (aspas no original). Mandela, nos Processos mentais, nos dá exemplos claros do que afirmam Plooy e Seligmann-Silva: *Until I was jailed I never fully appreciated the capacity of memory, the endless string of information the head can carry; I would like to put that on record; I would like to leave that out* (Apêndice B).

Para este grupo de Processos, os resultados dos campos semânticos encontram-se listados na Tabela 4.10:

Tabela 4.10

Atores Sociais Divididos por Campos Semânticos para os Processos Mentais

CAMPOS SEMÂNTICOS	N. DE OCORRÊNCIAS	%
PRIVADA	85	41%
FAMILIA	45	22%
POLÍTICA	43	21%
AMIGOS	34	16%
TOTAL	207	100%

Para uma melhor visualização, os valores acima estão exemplificados no Gráfico 4.2, e discutidos em seguida:

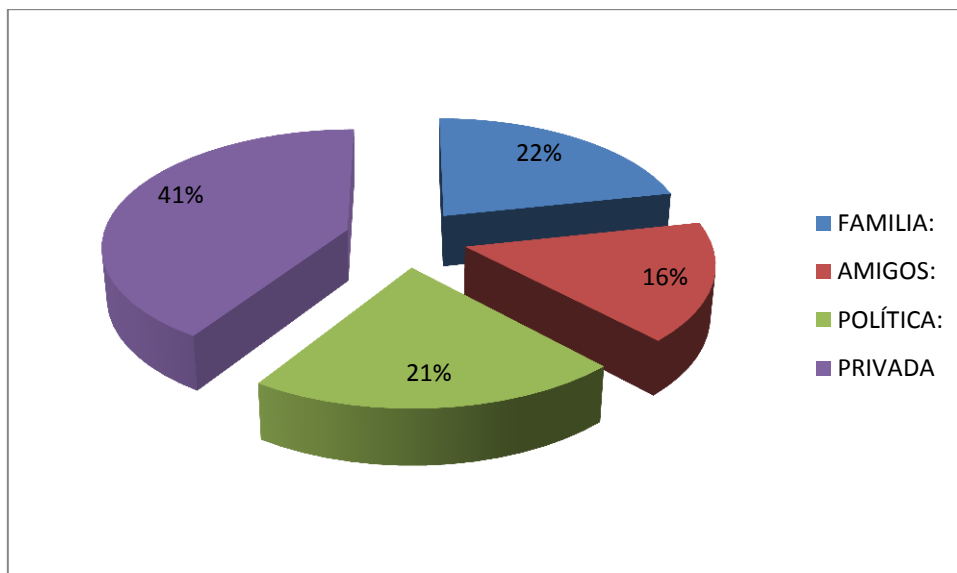


Gráfico 4.2 – Atores Sociais Divididos por Campos Semânticos para os Processos Mentais

As escolhas para apresentação do universo interior de Mandela voltam-se, como podemos concluir, muito pouco para a política, desta vez: apenas 21% em relação a 79% da esfera privada. Outro aspecto a ser notado é que a memória se volta mais para a família e os amigos (38% comparados com 25% para o primeiro grupo), uma vez que as representações que dizem respeito ao próprio narrador, mantiveram-se praticamente estáveis. Minha conclusão é que essas memórias refletem sua vida como homem adulto, casado e também aos amigos que fizera em sua trajetória pessoal e na política pós-Apartheid. É preciso não esquecer que estes Processos mentais são cognitivos e desiderativos, que entrelaçam passado e presente, e conectam-se com o futuro. Como afirma Polkinghorne (1991, p. 135) “nossa experiência é uma construção que resulta da interação de Processos de organização cognitivos que emanam de nossa percepção externa, sensações corporais e memórias cognitivas”.

Este panorama muda um pouco quando observamos os resultados para o grupo dos Processos relacionais. Aqui, como podemos ver na Tabela 4.11, que as experiências referem-se muito mais ao próprio narrador do que ao outro:

Tabela 4.11
Atores Sociais Divididos por Campos Semânticos para os
Processos Relacionais

CAMPOS SEMÂNTICOS	N. DE OCORRÊNCIAS	%
PRIVADA	58	51%
FAMILIA	23	20%
POLÍTICA	22	19%
AMIGOS	11	10%
TOTAL	114	100%

Para uma melhor visualização, os valores acima, estão representados no Gráfico 4.2, e discutidos em seguida:

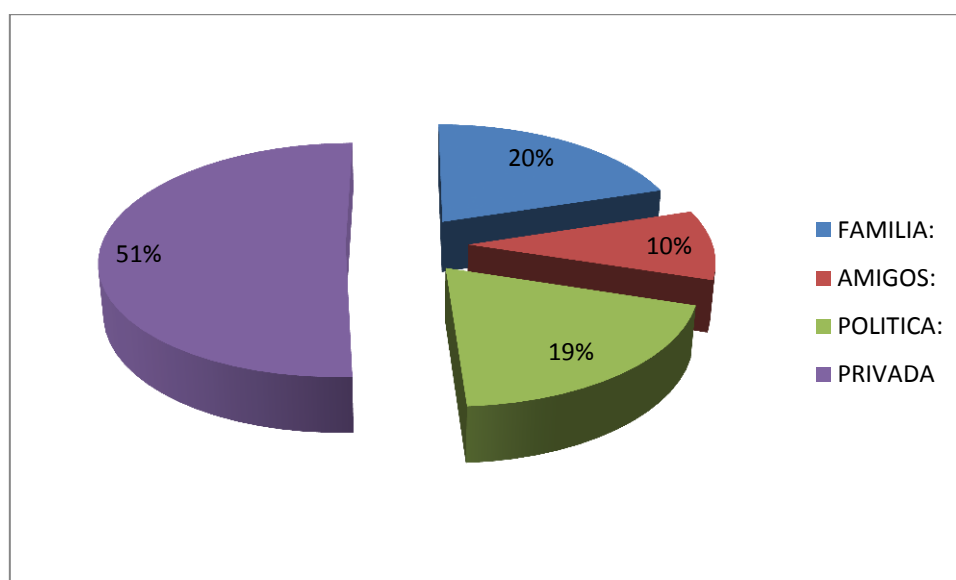


Gráfico 4.3 – Atores Sociais Divididos por Campos Semânticos para os Processos Relacionais

Isso se deve ao fato de o *eu* narrador referir-se aos sentimentos que o *eu* protagonista nutre em relação a si mesmo, suas experiências, e aos demais Participantes. Falas como *I was shaken, I was shaken from top to bottom* e *I got such a shock, such a shock* retratam o ponto de vista de Seligmann-Silva (2013, p. 48) de que “a linguagem tenta cercar e dar limites àquilo que não foi submetido a uma *forma* (itálico no original) no ato de sua recepção”. Citando Freud, ele diz que a experiência traumática é aquela que não pode ser totalmente assimilada enquanto ocorre. Por isso, continua, Freud destaca a repetição constante do fato, por parte daquele que fora traumatizado. A

incapacidade de simbolizar o choque determinaria “a repetição e a constante “posteridade” (ênfase no original), ou seja, a volta *après-coup* da cena”.

A meu ver, é neste Processo que o narrador mais se expõe: suas fraquezas, medos, incertezas, otimismo, mas, igualmente, seus erros e falhas de caráter. É aqui que identifico, de forma mais clara, o quanto suas experiências o impactaram, o fizeram, como mencionado acima, retornar inúmeras vezes às questões que reconstruiu para o leitor, ou melhor, que permitiram que o leitor construísse para si mesmo.

Assim, finalizo esta seção subscrevendo ao sistema utilizado por Burger (2004, p. 24-28), assentado na teoria da narrativa e identidade de Ricoeur¹⁵. Primeiramente, Burger subscreve ao fato de a identidade pessoal ser inerentemente narrativa, o que vimos ser compartilhado por inúmeros estudiosos da área. Entendemos quem somos seguindo uma história. Narrativas propiciam a conexão entre a continuidade e a descontinuidade do *self*. Burger (2004) menciona que, para Ricoeur, as experiências, os episódios de nossa vida tornam-se coerentes através das narrativas. É por isso, diz ele, que as narrativas podem expressar o *self* como algo presente (o episódio), mas, também, como algo com uma história (um *self*, que era diferente).

Uma identidade narrativa, diz Burger (2004), pode incluir mudanças dentro da coesão de uma única vida, e a história de uma vida continua a ser refeita por todas as histórias que um sujeito conta. A este respeito, é aconselhável analisar uma autobiografia para demonstrar especialmente a influência da cultura da narração na qual o sujeito se encontra. Em uma auto narrativa, propõe Burger, o sujeito se constrói conscientemente, e o *self* que emerge desta auto narrativa não é um indivíduo que preexiste e é simplesmente representado na narrativa. O eu, a identidade, defende o autor, não se encontra prontamente disponível para ser escrutinado pelo próprio *eu*. Do ponto de vista hermenêutico, o *self* é sempre uma interpretação. Assim, Burger (2004) utiliza o conceito de *mimese*₁, *mimese*₂ e *mimese*₃ de Ricoeur, para analisar a autobiografia de Schoelman, da qual faço, aqui, uso para concluir a análise da auto narrativa de Nelson Mandela.

No caso da *mimese*₁, o narrador ‘eu’ da autobiografia constitui o sujeito falante, o qual conhece, por exemplo, as convenções do gênero autobiográfico.

¹⁵ Ricoeur, P. Time and Narrative. Trans. Kathleen McLaughlin & David Pellauer. 3 vol. Chicago, University of Chicago, 1988, p. 244-249

Ele (Mandela-narrador) faz várias referências a outros textos e à História, como quando se refere aos livros lidos e aos cursos feitos de História. Além disso, o narrador demonstra um vasto conhecimento de sua terra, seu povo, sua situação sócio-político-econômica, etc. Esse conhecimento é compartilhado pelo leitor, o que faz com que este entenda o narrador. É a esse conhecimento prévio que Ricoeur denomina *mimese*₁. É importante que o narrador tenha esse conhecimento prévio das atitudes humanas e dos códigos simbólicos compartilhados pela comunidade para que a criação do enredo da história, ou *plot*, seja possível - *mimese*₂.

Neste segundo caso, o narrador cria o enredo (*plot*), no qual ele é uma personagem significada no pronome 'eu'. É no Processo de criação do plot que surge a história do *eu*. Este segundo estágio constitui a ligação entre o primeiro e o terceiro, enfatizando que a *mimese* é um Processo dinâmico em vez de uma representação passiva, o que já foi mencionado no início deste capítulo. Os fragmentos de memória, os eventos soltos lembrados são tecidos num todo compreensível e significativo, já que a *mimese*₂ busca muito mais do que somente construir uma história – criar significados. No caso de nosso *corpus*, como foi mencionado no Cap. 3, foi necessário contextualizar o enredo para que o leitor pudesse ter uma noção única, como um todo, dos vários fragmentos representados pelo narrador, já que foram trabalhadas somente as orações independentes.

Por fim, a *mimese*₃ constitui o mesmo sujeito-narrador, só que, desta vez, ele reflete explicitamente sobre as memórias narradas; sobre as ações e sentimentos do *eu* significado. Este sujeito-narrador torna-se, conseqüentemente, leitor de sua própria narrativa, em cujo Processo, o 'eu' interpretado emerge. Mas, como nos diz Burger (2004) e como podemos ver na obra de Mandela e após análise de suas representações no *Concordance*, ler, neste caso, significa muito mais do que descrever ou simplesmente analisar o enredo (*mimese*₂). É uma reconfiguração, onde a narrativa é restaurada no tempo da ação e sofrimento na *mimese*₃. Este passo constitui a interseção entre o mundo do texto e o mundo do leitor. Tal prática pode ser vista pelo nosso narrador nos seguintes exemplos: *I hope you will understand it is never easy for those directly involved in a matter to reflect objectively; I didn't want to be presented in a way that omits the dark spots in my life; I am doubtful if I will ever sit down to sketch my background.*

Através do Processo de leitura, abre-se um mundo possível diante do texto, no qual o leitor entra por meio de sua imaginação. O leitor experimenta, por sua vez, o horizonte da experiência (o mundo do leitor) e o horizonte da imaginação (o mundo do texto) (BURGER, 2004).

Estes três casos miméticos podem ser vistos na autobiografia de Mandela, *Conversations with Myself*, assim como foi rapidamente comentado acima. Neste ponto, relembro a terceira pergunta da pesquisa a ser respondida: (iii) Como se processa, propriamente dita, a desconstrução do herói na autobiografia de Nelson Mandela – *Conversations with Myself* ?

A análise dos dados do *corpus* me permitiu concluir que a narrativa de Mandela se volta para o lado pessoal de sua vida, em que as três representações miméticas mencionadas acima deixam claro a tendência, representada na análise quantitativa, a enorme incidência discursiva no contexto de situação pessoal (privado, família e amigos), em detrimento do contexto de situação político-ativista.

Desta feita, espero com esta análise, ter ajudado ao leitor perceber não só como, aos poucos, o lado humano, homem, de Mandela foi sendo passo a passo identificado em sua narrativa, mas outras representações que aqui foram feitas, cuja importância semiótica vai muito além da simples imagem do narrador, descortinando relações de poder, subjugo e domínio de povos menos favorecidos, por uma minoria que se julga no direito de impor seus costumes e direitos sobre classes que sempre foram relegadas aos guetos em sua própria pátria.

Em seguida, no próximo capítulo, concluo com as limitações do presente estudo, apontando direções para futuras investigações, além de apresentar possíveis implicações pedagógicas.

CAPÍTULO 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo servirá, basicamente, a dois propósitos: primeiro, é preciso situar o estudo dentro do universo da pesquisa acadêmica; segundo, reconhecer os limites da pesquisa e propor futuros desdobramentos, que, certamente, trarão à tona descobertas ainda mais inovadoras.

5.1 Reflexão sobre a Pesquisa

Como foi visto nas seções do último capítulo, os resultados da análise da obra autobiográfica de Mandela com base nos parâmetros da transitividade e dos *templates* de Thompson resultou no seguinte *ethos* criado pelo narrador: o de um homem incansavelmente ativo em prol do povo sul-africano, mas humano, temeroso, conflitante, inseguro, otimista, persistente, bondoso e a favor da paz como muitos de nós. A necessidade que a sociedade tem, como foi discutido, de buscar a mitificação daqueles que tomam a frente de algum movimento revolucionário, é aqui desfeita pelas próprias escolhas e representações do protagonista. O *self* construído pelo narrador é reforçado pelos recursos da teoria dos Atores sociais, que, ao nos mostrar a participação dos demais atores nas experiências do narrador, por meio da categorizado dos mesmos em campos semânticos, abre caminho para que o leitor interprete a posição de Mandela como sendo muito mais pessoal e cotidiana do que política ou de herói.

A despeito do fato de acreditar ter respondido satisfatoriamente as perguntas da pesquisa, o estudo apresenta as seguintes limitações: primeiro, por motivos de espaço e tempo, a análise se limitou a somente um item (o pronome /) na planilha do Concordance. Tenho certeza de que a análise de outros itens igualmente relevantes, permitirá uma nova visão da obra autobiográfica de Mandela, mais ampla e elucidativa. Segundo, outra limitação forte foi o fato de eu ter analisado somente as orações independentes, o que mostrou ser necessário, para contextualização do leitor, inserir as notas explicativas de rodapé, além de deixar de lado fatos e eventos que poderiam ajudar a responder as perguntas de forma mais profunda.

Em face deste cenário, esta pesquisa contribui com uma nova perspectiva para análise das obras autobiográficas ou de narrativas que buscam trabalhar a construção identitária (*self*) dos Participantes e seus papeis

sociais assumidos no discurso resultante das relações tecidas nos contextos sociais. Este tipo de investigação pode, também, ser bastante útil nos casos em que pesquisadores buscam esmiuçar as características textuais através do uso do WordSmith Tools, que já tem sido provado ser um excelente instrumento para dissecar textos diversos, permitindo aos estudiosos um olhar mais apurado e preciso sobre as relações textuais e interdisciplinares. Uma possibilidade é o ensino de Literatura de língua inglesa nas universidades, por exemplo, por meio da interface com a Linguística de Corpus, também através do uso do WS, o que permite que os alunos tenham uma visão bem mais ampla e profunda de como os dados pode ser trabalhados. Isso permite uma abordagem de base mais científica para se chegar ao conteúdo semântico desejado.

5.2 Sugestões de aprimoramentos e outras pesquisas futuras

Um último aspecto que pode ser também interessante é buscar analisar, por exemplo, somente parte do *corpus*, como as cartas ou as anotações inéditas feitas na prisão. Como sempre, tal escolha dependerá dos objetivos do pesquisador, do tratamento que deseja dar aos dados. Uma coisa é certa, seja qual for a intenção da análise discursiva (oral ou textual), as ferramentas aqui utilizadas conjuntamente, certamente nos permitem uma visão social das práticas discursivas muito mais claras e profundas, do que utilizadas individualmente.

Sugiro que futuros estudos busquem suprir as limitações que apresento na Seção 5.1, o que, tenho certeza, trará uma nova luz à análise da narrativa. Da mesma forma, espero que os resultados aqui obtidos possam servir de suporte para outras futuras pesquisas que busquem trabalhar, numa base quanti-qualitativa, por exemplo, a representação que os sujeitos fazem de si mesmos e de suas experiências no discurso, principalmente, mas sem se limitar a, no que diz respeito a dar voz aos grupos minoritários.

Por fim, expresso minha enorme satisfação em levar a cabo esta investigação, por ter me colocado em contato com teorias e Processos altamente interessantes e relevantes do ponto de vista da análise do texto, como, por exemplo, a GSF aliada aos *templates* de Thompson, além das obras citadas nas referências bibliográficas abaixo. Minha intenção é poder partilhar conhecimento com outros pesquisadores e estudantes, para que o Processo da pesquisa acadêmica continue a crescer cada vez mais em sua busca

interdisciplinar, através da interface de instrumentos diversos e específicos a cada uma das áreas que se entrecruzam.

Referências Bibliográficas

- AFFUL, J.B.A. Applying Systemic Functional Grammar to the Study of Sermonic Discourse in a Literary Text. *Lagos Papers in English Studies*. Vol 2, p.148-159, 2007.
- BAKHTIN, M. (1997) *A Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- BEDNAREK, M.; MARTIN, J. R. New Discourse on Language – Functional Perspectives on Multimodality, Identity and Affiliation. Continuum, London, 2010.
- BERBER-SARDINHA, T. *Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools*. Mercado das Letras, Campinas, SP, 2009.
- BIRCH, D. *Language, literature and Critical Practice – Ways of Analysing Text*. London, Routledge, 1989.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G.. *Dicionario de politica*. Brasilia: Ed. Universidade de Brasilia, 1986.
- BREYTENBACH, BREYTEN. *Memory of Snow and Dust*. Faber and Faber. London, 1989.
- BROCKMEIER, J.; CARBAUGH, D. *Narrative and Identity – Studies in Autobiography and Culture*. USA, John Benjamins Publishing Company, 2001.
- BROCKMEIER, J. e HARRÉ, R. *Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo*, Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 16 (3), 2003, p. 525-535. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a11.pdf>>. Acesso em 6 de agosto, 2010.
- BROOKS, J. The Growing Absurdity of the South African Apartheid: Transitivity in Christopher Van Wyk's 'In Detention'. *Innervate – Leading Undergraduate Work in English Studies*. University of Nottingham. Vol 2: p. 26-34, 2009/2010.
- BRUNER, J. The Autobiographical Process. IN: FOLKENFLIK, R. (ed.) *The Culture of Autobiography Constructions of Self-Representation*, Standford University Press, Ca, p.38-56.1993.
- BRUNER, J. *Life as a Narrative*. Social Research, vol. 71, n. 3, p. 691-709, 2004.

BURGER, W. Listening to the Voices: Narrative and Identity in the Work of Karel Schoeman: IN: VILJOEN, H.; VAN DER MERWE, C. N. (eds.) *Storyscapes – South African Perspectives on Literature, Space & Identity*. Peter Lang Publishing, Inc., New York, p. 25-38, 2004.

BUTT, D. G.; LUKIN, A. Stylistic Analysis: construing aesthetic organization. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. J.. (ed.). *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. Londres; Nova York: Continuum, 2009. p. 190-215.

CASTELLS, M. *O Poder da Identidade*, São Paulo, Paz e Terra, 2008.

CLARK, N.L.; WORGER, W.H. *South Africa: The Rise and Fall of Apartheid* (2. Ed.), Edinburgh, Pearson Education Limited, 2004.

CULLER, J. *On Deconstruction. Theory and Criticism after Structuralism*. Routledge & Kegan Paul, London, 1983

DE FINA, A. *Identity in Narrative: A Study of Immigrant Discourse*, Philadelphia, USA, John Benjamins Publishing Company, 2003.

DE FINA, A. Group identity, narrative and self-representations, IN: DE FINA, A., SCHIFFRIN, D., BAMBERG, M. (eds.) *Discourse and Identity*, Cambridge, Cambridge University Press, 2006, p. 351-375.

DIRCKSEN, M. Myth and Identity. IN: VILJOEN, H.; VAN DER MERWE, C. N. (eds.) *Storyscapes – South African Perspectives on Literature, Space & Identity*. Peter Lang Publishing, Inc., New York, p. 89-103, 2004.

DOTY, W. G. *Mythography – The Study of Myths and Rituals*, 2nd ed. The University of Alabama Press, USA, 2000.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic-Functional Linguistics*. London, Continuum International Publishing Group, 2004.

FIRTH, J. R. *Papers in Linguistics*. London: Oxford University Press, 1957

FOLKENFLIK R. The Institution of Autobiography. IN: *The Culture of Autobiography Constructions of Self-Representation*, Standford University Press, Ca, p.1-20. 1993

FOWLER, R. *Literature as Social Discourse – The Practice of Linguistic Criticism*. Indiana University Press, USA, 1981.

FOWLER, R. *Linguistic Criticism*. OUP, Oxford. 1986.

FRANÇA, J.L. e VASCONCELLOS, A. C. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-científicas*, 7ª ed. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004.

FREITAS, D.; GALVÃO, C. O Uso de Narrativas Autobiográficas no Desenvolvimento Profissional de Professores. *Ciências e Cognição*, vol. 12, 2007, p. 219-233. Disponível em <http://www.cienciasecognicao.org>. Acesso em 02 de Outubro, 2014

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Zahar, RJ, 2002.

GOFFMAN, E. *The Representation of Self in Everyday Life*, USA, Anchor Books, 1959.

GROOM, N. Closed-Class and Corpus-Driven Discourse Analysis. IN: BONDI, M.; SCOTT, M. *keyness in Texts*. John Benjamin, USA, p. 59-78, 1996.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. IN: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) *Manifestações da Cultura no Espaço*, Rio de Janeiro/RJ, UERJ, 1999. p. 169-190

HAESBAERT, R. Fim dos Territórios ou Novas Territorialidades? IN: MOITA LOPES, L.P.; BASTOS, L.C. (Org.) *Identidades – Recortes Multi e Interdisciplinares*, Campinas-SP, Mercado das Letras, 2002.

HALL, S. Introduction; The Spectacle of the Other. IN: HALL, S. (ed.) *Representation – Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage Publications. London, 2010, p. 1-12; p. 273-281

HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic: the social interpretation of language and meaning*. Londres; Nova York: Arnold, 1978.

HALLIDAY, M.A.K. Linguistic Function and Literary Style: an inquiry into the language of William Golding's 'The Inheritors'. In: FREEMAN, D.C. (ed.). *Essays in Modern Stylistics*. Londres; Nova York: Methuen & Co. Ltd., 1981. p.325-359

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Language, Context and Text: aspects of language in a social semiotic perspective*. Series Ed. Frances Christie. Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M .A. K. Text Semantics and Clause Grammar: How is a Text like a Clause? In: WEBSTER, J. J. (org.). *On Grammar*. Vol. 1, Collected Works of M. A. K. Halliday. Londres; Nova York: Continuum, 2002. p. 219-260.

HALLIDAY, M .A. K. Text as Semantic Choice in Social Contexts. In: WEBSTER, J. J. (org.). *Linguistic Studies of Text and Discourse*. Vol. 2, Collected Works of M. A. K. Halliday. Londres; Nova York: Continuum, 2002. p. 23-81.

HALLIDAY, M.A.K. ; MATTHIESSEN, C.M.I.M. *An Introduction to Functional Grammar*, UK, Hodder Arnold, 2004.

HASAN, R. *Linguistics, Language and Verbal Art*. Series Ed.: Frances Christie Oxford, Oxford University Press, 1989.

LEHRER, A. *Semantic Field and Lexical Structure*. North-Holland Publishing Co., Inc., 1974.

LIEBLICH, A; TUVAL-MASHIACH,R; ZILBER,T. *Narrative Research – Reading, Analysis and Interpretation*. California, USA, Sage Publications, Inc., 1998.

LINDE, C. *Life Stories – The Creation of Coherence*. OUP, New York, 1993.

MALINOWSKI, B. The problem of meaning in primitive languages. In: OGDEN, C.K.; RICHARDS, I.A (org.) *The Meaning of Meaning*. London, Routledge; Kegan, Paul, 1923. P.296-336.

MANDELA, N. *Conversations with Myself*. Picador, New York, 2010.

MARTIN, J.R.; Rose, D. *Working with Discourse – Meaning Beyond the Clause*. London, Continuum, 2003.

MARTIN, J.R.; Rose, D. *Genre Relations – Mapping Culture*. London, Equinox, 2007.

MATTHIESSEN, C. *Lexicogramatical Cartography: English Systems*. ILSP, Tokyo, 1995.

MOITA-LOPES, L.P. *Identidades Fragmentadas*. Mercado das Letras, Campinas, 2006

- MURRAY, H. A. *Thematic Apperception Test manual*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1943
- MURRAY, H. A. The possible nature of a “mythology” to come. In H. A. Murray (Ed.), *Myth and mythmaking*. Beacon Press. USA, p. 300-353, 1960.
- PAVLENKO, A. & LANTOLF, J.P. Second language learning as participation and the (re)construction of selves. IN: LANTOLF J.P. (ed.) *Sociocultural theory and second language learning*, Oxford ,Oxford University Press, 2001.
- PLOOY, H. To Belong or not to Belong. IN: VILJOEN, H.; VAN DER MERWE, C. N. (eds.) *Storyscapes – South African Perspectives on Literature, Space & Identity*. Peter Lang Publishing, Inc., New York, p. 39-53, 2004.
- POLKINGHORNE, D.E. *Narrative Knowing and the Human Sciences*, New York, State University of New York Press, 1988
- POLKINGHORNE, D.E. *Narrative and Self Concept*, Journal of Narrative and Life History, 1 (2&3), Lawrence Erlbaum Associates, Inc. USA, p. 135-153, 1991.
- PRAXEDES FILHO, P. H. L. *A corpora-based study of the development of EFL Brazilian learners’s interlanguage from simplification to complexification in the light of Systemicfunctional grammar*. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2007
- RAJAGOPALAN, K. O Conceito de Identidade em Linguística: É Chegada a Hora para uma Consideração Radical?_ IN: SIGNORINI, I. (org.). *Língua(gem) e Identidade*, Campinas, Mercado das Letras, 2006.
- RIESSMAN, C.K. *Narrative Analysis*. California, USA, Sage Publications, 1993.
- ROSENWALD, G.C.; OCHBERG, R.L. Introduction: Life Stories, Cultural Politics, and Self-Understanding. IN: ROSENWALD, G.C.; OCHBERG, R.L. (eds.), *Storied Lives – The Cultural Politics of Self-Understanding*. Yale University Press, USA, 1992, p.1-17
- SCHIFFRIN, D. We Knew That’s It: Retelling the turning point of a narrative. *Discourse Studies* 2003, 5:535. Disponível em <http://dis.sagepub.com/content/5/4/535>. Acesso em 13 de Outubro de 2014.

- SCOTT, M.; TRIBBLE, C. *Textual Patterns – Key Words and Corpus Analysis in Language Education*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.
- SCOTT, M. *WordSmith Tools version 5.0 Manual*. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2010
- SEIXAS, J.A. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas Atuais. IN: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (orgs.) *Memória e (Res)sentimento – Indagações sobre uma questão sensível*. Editora Unicamp, SP, p. 37-58, 2009.
- SELIGMANN-SILVA, M. História, Memória, Literatura (org.) Ed. Unicamp, SP, p. 45-88; 371-413, 2003.
- SIENAERT, M. Africa and Identity in the Art and Writing of Breyten Breytenbach. *Alternation* 6,2, p. 80-89. Univeristy of Durban-Westville. 1990
- SILVA, T.T. A Produção Social da Identidade e da Diferença. IN: SILVA, T.T. (org.) *Identidade e Diferença – A Perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2007.
- SIMPSON, P. *Stylistics – A Resource Book for Students*. Londres; Nova York: Routledge, 2004.
- SIMPSON, P.. *Language, Ideology and Point of View*. Londres; Nova York: Routledge, 2005.
- SOUZA, V.F. *Power Relations in Padre Cicero's Epistolary Political Discourse: An Investigation in the Light of Systemic-Functional Grammar and Critical Discourse Analysis*. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2011
- THOMPSON, G. From Process to Pattern: Methodological Considerations in Analysing Transitivity in Text. IN: JONES, C.; VENTOLA, E. (eds.). *From Language to Multimodality – New Developments in the Study of Ideational Meaning*. Equinox, London, p. 17-33, 2010.
- THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar* (3rd ed.) Routledge, London, 2014.
- THOMPSON, J.B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Editora Vozes, RJ. 1990
- TOOLAN, M.J. *Narrative – A Critical Linguistic Introduction*. USA, Routledge, 1988

TURCI, M. The Literary Text at the Borders of Linguistics and Culture: A SF analysis of LesMurray's 'Migratory', IN: SWAIN, E. (ed.): *Thresholds and Potentialities of Systemic Functional Linguistics: Multilingual, Multimodal and Other Specialized Discourses*, EUT, Trieste, Itália, p. 334-346, 2010.

VAN LEEUWEN, T. *Discourse and Practice – New Tools for Critical Discourse Analysis*, London, OUP, 2008.

VILJOEN, H.; VAN DER MERWE, C. N. (eds.) *Storyscapes – South African Perspectives on Literature, Space & Identity*. Peter Lang Publishing, Inc., New York 2004.

APÊNDICE A

ANÁLISE DAS ECOLHAS LÉXICO-GRAMATICAIS DE
MANDELA PARA OS PROCESSOS MATERIAIS

I	should look after	my mother and my sisters
Ator	Processo	meta

I	couldn't [look after]	[my mother and my sisters]	at a critical moment
Ator	Processo elíptico na parte modal	meta elíptica	Circunst.

I	am going to eat	it ¹⁶
Ator	Processo	meta

I	hadn't had	eggs and bacon	for a long time
Ator	Processo	meta	Circunst.

I	hereby	apply for	exemption from Latin 1 ¹⁷
Ator		Processo	Escopo

I	made	no progress whatsoever in studying
Ator	Processo	Escopo

I	literally	abandoned	it ¹⁸
Ator		Processo	meta

So	I	caught hold of	her ¹⁹
	Ator	Processo	meta

I	changed	my bed ²⁰
Ator	Processo	meta

¹⁶ Mandela faz referência à quebra da dieta médica ao pedir para comer bacon com ovos no hospital.

¹⁷ Referência ao estudo do Direito na prisão.

¹⁸ O estudo do Direito na prisão.

¹⁹ Mandela refere-se a uma briga com sua ex-esposa Evelyn, quando, então, torcera seu braço.

²⁰ Mandela fala da prevenção contra as gangues que roubavam casas à noite em Alexandra.

I	cleaned	my bucket²¹	every day
Ator	Processo	meta	Circunst.

So	I	Then	cleaned	it	for him²²
	Ator		Processo	meta	cliente.

I	could have made	a lot of Money	when I was in Victor Verster
Ator	Processo	Escopo	oração hipotática

I	can't do	that²³
Ator	Processo	Escopo

I	won't take	it²⁴
Ator	Processo	meta

So	I	just	turned	it²⁵	down
	Ator		pro...	meta	...cesso

I	can read	both	Xhosa and Sotho literature
Ator	Processo		Escopo

I	had read	the works of Mao Zedong
Ator	Processo	Escopo

That period underground	I	read	Clausewitz
Circunst.	Ator	Processo	Escopo

I	read	Comando	by Deneys Reitz
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	read	two books	on Malaysia
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

²¹ Espécie de penico na cela da prisão.

²² Limpar o penico de um colega de prisão.

²³ O pronome faz referência à recusa de Mandela de ser fotografado por dinheiro.

²⁴ A proposta das fotos.

²⁵ A proposta das fotos.

I	read	this book	on the Philippines
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	also	read	(a book)	about the Partisans in France, Mitterrand, and in Eastern Europe
Ator		Processo	Escopo elip.	Circunst.

I	read	also	The Revolt	by Menachem Begin
Ator	Processo		Escopo	Circunst.: Ângulo

I	did	so ²⁶
Ator	Processo e meta subst. na expressão verbal	

at Fort Hare [University]	I	did	two [BA] courses in History
Circunst.	Ator	Processo	Escopo

I	suddenly	come across	a snake crossing the road
Ator		Processo	Escopo

I	couldn't do	anything ²⁷
Ator	Processo	Escopo

I	even	bruised	the side of my face ²⁸
Ator		Processo	meta

I	exploited	every opportunity	to promote respect for the law and judiciary
Ator	Processo	meta	Circunst.

I	had to produce	my passport
Ator	Processo	meta

So	I	gave	this chap ²⁹	my passport
	Ator	Processo	Recebedor	meta

²⁶ Referência anafórica à checagem da veracidade dos relatórios recebidos.

²⁷ O pronome faz referência à culpa por ter atropelado a cobra.

²⁸ Blackout e queda que levaram Mandela ao hospital da prisão.

²⁹ Oficial da imigração inglesa.

I	got	two traffic tickets	for speeding
Recebedor	Processo	Escopo	Circunst.

I	handed	it³⁰	to Kathrada
Ator	Processo	meta	Recebedor

then	I	handled	one case³¹
	Ator	Processo	Escopo

and	I	lost	it³²
	Ator	Processo	meta

I	lost	one of my shoes	as a result of the pandemonium³³
Ator	Processo	meta	Circunst.

I	miss	my plane	to Acra
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	tried to stop	the thing³⁴
Ator	Processo	meta

But on this occasion³⁵	I	had slaughtered	only 12 sheep	in the belief that this would be enough
Circunst.	Ator	Processo	meta	Circunst.

In accordance with custom,	I	slaughtered	a sheep	for him³⁶
Circunst.	Ator	Processo	meta	Recebedor

³⁰ Uma carta secreta a ser entregue fora da prisão.

³¹ Caso jurídico em que três mulheres foram presas

³² Referência ao mesmo caso jurídico.

³³ Sobre sua viagem ao Egito

³⁴ Confusão e expulsão de uma jovem da sala de conferência, por tê-lo acusado de ser assassino. Viagem ao Canadá.

³⁵ Celebração do Ano Novo.

³⁶ Thandizulu Sigcau, rei dos Pundos

ten months before this ³⁷	I	had made	a similar application	when my mother passed away
Circunst.	Ator	Processo	Escopo	oração hipot.
I	helped	Mum ³⁸	out of bed to the toilet	
Ator	Processo	meta	Circunst.	

I	rushed	her ³⁹	to the family doctor
Ator	Processo	Meta	Circunst.

I	had	somehow	mustered	enough strength and courage ⁴⁰
Ator	pro...		...cesso	Escopo

I	have sent	a number of sons and daughters of traditional leaders	to universities in South Africa, and to the United Kingdom and the United States of America
Ator	Processo	meta	Circunst.

In fact	I	have saved	marriages	in that way ⁴¹
	Ator	Processo	meta	Circunst.

In fact	during the 14 yrs of my incarceration	I	have met	no C.O.	whose English is as poor as that of Col. Roelofse ⁴²
	Circunst.	Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	just	can't read	anything	now
Ator		Processo	Escopo	

I	had	never	fired	a gun	before ⁴³
Ator	pro...		...cesso	meta	

I	didn't hit	the rock
Ator	Processo	meta

³⁷ Mandela fala dos pedidos para ir ao funeral da mãe e do filho Tembi.

³⁸ Forma como Mandela se referia à sua esposa Winnie.

³⁹ Winnie Mandela.

⁴⁰ Mandela refere-se ao fato do movimento conta o Apartheid ter valido a pena.

⁴¹ Quando exercia a advocacia e buscava a reconciliação do casal.

⁴² Referência aos problemas de comunicação na prisão.

⁴³ Referência às aulas de tiro.

I	hit	next to it ⁴⁴
Ator	Processo	Escopo

I	just	took	it	out ⁴⁵
Ator		pro..	meta	..cesso

I	kiss	Zobhule ⁴⁶	against partition glass
Ator	Processo	meta	Circunst.

I	kissed	her ⁴⁷
Ator	Processo	meta

I	managed to see	her ⁴⁸	during the critical moments
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	last	saw	my mother	on September 9 last year
Ator		Processo	Escopo	Circunst.

I	had	last	seen	her ⁴⁹	the previous Sept	when she visited me on the island.
Ator	pro...		...cesso	Escopo	Circunst.	oração hipot.

I	lost	my mother	only tem months ago
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	last	saw	him ⁵⁰	five years ago	during the Rivona Trial
Ator		Processo	Escopo	Circunst.	Circunst.

Way back in the Forties	I	lost	a 9 months baby girl
Circunst.	Ator	Processo	Escopo

⁴⁴ A rocha.

⁴⁵ Mandela fala do revólver que tinha consigo no carro e do fato de escondê-lo durante uma *blitz*.

⁴⁶ Filha de Mandela.

⁴⁷ Makaziwe, filha de Mandela.

⁴⁸ A filha.

⁴⁹ Mandela fala de sua mãe, após ter recebido notícias de sua morte.

⁵⁰ Thembi

Eventually	I	found	my way back to my cell	with a heavy load on my shoulders⁵¹
	Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	ought to have been	better prepared⁵²
meta	Processo	Circunst.

I	met	[president] Chissano⁵³	in Mozambique, in Maputo.
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	also	met	Mrs. Graça Machel⁵⁴
Ator		Processo	Escopo

I	was meeting	her⁵⁵	for the first time
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	met	Graça Machel	in Johannesburg	on no less than three different occasions
Ator	Processo	Escopo	Circunst.	Circunst.

But in Maputo	I	met	a totally different Graça
Circunst.	Ator	Processo	Escopo

the following day	I	met	Arafat⁵⁶
Circunst.	Ator	Processo	Escopo

I	met	him⁵⁷	after meeting [President Hosni] Mubarak
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	met	him⁵⁸	straight from the airport.
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

⁵¹ Referência à morte do filho Thembi.

⁵² Morte do filho Thembi.

⁵³ Substituto de Samora Machel após a morte deste.

⁵⁴ Viúva do presidente de Moçambique que viria a ser, em 1998, esposa de Mandela.

⁵⁵ Graça Machel

⁵⁶ Em sua viagem ao Egito.

⁵⁷ Yasser Arafat.

⁵⁸ Presidente do Egito, Hosni Mubarak.

I	tried	several times ⁵⁹
Ator	Processo	Circunst.

I	had to abandon	it ⁶⁰
Ator	Processo	meta

I	met	Prime Minister Andreotti ⁶¹
Ator	Processo	Escopo

I	also met	the President ⁶²
Ator	Processo	Escopo

I	met [with]	Mrs Thatcher ⁶³	for close to three hours.
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	had	a private lunch	with her ⁶⁴
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	meet	David Astor ⁶⁵
Ator	Processo	Escopo

I	meet	the President ⁶⁶
Ator	Processo	Escopo

I	met	a group of youngsters ⁶⁷
Ator	Processo	Escopo

I	found	them ⁶⁸	still waiting
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

⁵⁹ Discursar para o povo Egípcio.

⁶⁰ Discurso ao povo egípcio.

⁶¹ Em sua viagem à Itália.

⁶² Viagem à Itália.

⁶³ Presidente do Egito, Hosni Mubarak.

⁶⁴ Margareth Thatcher.

⁶⁵ Editor do jornal *Observer*.

⁶⁶ Encontro com o presidente da Liberia.

⁶⁷ Em sua viagem à Inglaterra. Referência ao grupo de jovens que espera por seu autógrafo.

⁶⁸ O grupo de jovens mencionado acima.

I	'll give	it	to you ⁶⁹
Ator	Processo	meta	Recebedor

So	I	signed	each one ⁷⁰
	Ator	Processo	meta

I	signed	everything	they gave me
Ator	Processo	meta	Circunst.

I	must have missed	heaps of meat and pudding	at the engagement party ⁷¹
Ator	Processo	meta	Circunst.

I	once	wrote	to Zami ⁷²	during the early seventies	what I considered to be a romantic letter
Ator		Processo	beneficiário	Circunst.	Escopo

only during the last five years	did	I	receive	Valentine cards and gifts
Circunst.		Recebedor	Processo	meta

Since you were detained	I	only	received	one letter	from you ⁷³
oração hipot.	recip.		Processo	meta	Ator

I	visited	her ⁷⁴	daily
Ator	Processo	Escopo	

Twice	I	settled	the matter ⁷⁵
	Ator	Processo	meta

I	went along	with them ⁷⁶	(to the new gym)
Ator	Processo	Circunst.	Escopo elíptico

⁶⁹ Autógrafos prometidos aos jovens.

⁷⁰ Papel para o autógrafo.

⁷¹ Casamento de Joyce Sikhakhane, jornalista e ativista anti-Apartheid

⁷² Winnie Mandela

⁷³ Winnie Mandela

⁷⁴ Mandela se refere à prisão de sua esposa em 1958.

⁷⁵ Brigas entre o gerente da academia de boxe e os associados, amigos de Mandela.

⁷⁶ Mandela refere-se à briga de seus colegas de boxe com a associação DOCC. Eles saíram para montar sua própria academia e Mandela os seguiu.

I	'll write	[a letter]	to the Minister of Justice ⁷⁷	
Ator	Processo	meta elíptica	Recebedor	
	I	will have exhausted	all the channels of complaint	within the prison service ⁷⁸
	Ator	Processo	meta	Circunst.

then	I	smuggled	a letter	out ⁷⁹
	Ator	pro...	meta	...cesso

I	sent	a telegrama of sympathy	to the bereaved families ⁸⁰	
Ator	Processo	meta	beneficiário	

Later when I was a bit older	I	was able to look after	the cattle	as well
oração hipot.	Ator	Processo	meta	

The other day	I	was going through	the notes	I took from Black As I Am ⁸¹
Circunst.	Ator	Processo	meta	oração encaix.

I	was	still	drinking	coffee	with two chiefs	in my room ⁸²
Ator	pro...		...cesso	meta	Circunst.	Circunst.

I	went to fetch	him	in White City, in Mofolo ⁸³		
Ator	Processo	meta	Circunst.		

At least	when I came out of jail	I	went to see	them ⁸⁴
	oração hipot.	Ator	Processo	Escopo

As a prisoner	I	would take	any opportunity	to escape ⁸⁵
Circunst.	Ator	Processo	meta	Circunst.

⁷⁷ Sobre o tratamento recebido na prisão.

⁷⁸ Após ir à última instância, ou seja, ao ministro da justiça.

⁷⁹ Referência a informações passadas à imprensa sobre o tratamento na prisão, já que o caminho das negociações com as autoridades não funcionara.

⁸⁰ Referência ao assassinato de dezenove garotos por um *serial killer* em Mitchell's Plain, Cape Town.

⁸¹ Poema escrito pro sua filha Zindzi.

⁸² Incidente com a polícia após seu retorno à cidade natal de Mthatha.

⁸³ Anderson Khumani Ganyile, ativista político.

⁸⁴ Um casal de amigos ingleses.

⁸⁵ Mandela fala da liberdade que tinha para ir a locais próximos, mas em respeito a um acordo com o guarda que o acompanhava ele não fugiu em nenhuma ocasião.

I	would not escape	(prison)⁸⁶
Ator	Processo	Escopo elíptico

in the morning	I	would sweep	them⁸⁷	out
Circunst.	Ator	pro...	meta	...cesso

I	write	[this letter]	to give you,⁸⁸ Kgatho and Maki my deepest sympathy
Ator	Processo	meta elíptica	Circunst.

I	wrote	a 22 page letter	to the Comissioner of Prisons⁸⁹
Ator	Processo	meta	Recebedor

Last Feb.	I	wrote	[a letter]	to my wife⁹⁰
Circunst.	Ator	Processo	meta elíptica	Recebedor

I	wrote	her⁹¹	a comforting letter
Ator	Processo	Recebedor	meta.

Last year	I	wrote	you⁹²	two letters
Circunst.	Ator	Processo	Recebedor	meta

In 1967	I	wrote	him⁹³	a long letter
Circunst.	Ator	Processo	Recebedor	meta

I	wrote	them⁹⁴	[a letter]	when I was in prison
Ator	Processo	Recebedor	meta elíptica	oração hipotática

⁸⁶ Mandela fala da liberdade limitada que tinha em certas ocasiões, mas reafirma aqui o código de honra estabelecido entre ele e o carcereiro responsável pela sua segurança, o qual Mandela não colocaria jamais em risco junto às autoridades, por uma eventual fuga.

⁸⁷ Os vários tipos de insetos que dominavam a cela da prisão em Victor Vester.

⁸⁸ Carta a Evelyn Mandela sobre a morte de Thembi.

⁸⁹ Fazendo várias reclamações sobre o tratamento dos presos.

⁹⁰ Carta ao Comissionário de Prisões que foi secretamente enviada para seus advogados em Durban. Neste caso, especificamente, Mandela se queixa de ter enviado um cartão de aniversário à sua filha e esta não tê-lo recebido.

⁹¹ Carta a Amina Cachalia se desculpando por não chegar até ele as encomendas por ela enviadas.

⁹² Carta à sua filha Zeni.

⁹³ Carta a seu filho Thembi.

⁹⁴ Carta aos filhos de Moroka, líder do Congresso Nacional Africano (CNA).

Not only	was	I	deprived	of the opportunity of seeing	for the last time	my eldest son and friend
	pro..	meta	...cesso	atributo:meta	Circunst.	atributo
oração encaixada						

I	am kept	in the dark ⁹⁵
meta	Processo	Circunst.

I	had been banned	from September, from December 1952 ⁹⁶
meta	Processo	Circunst.

I	came to be banned and confined	to Johannesburg	for five years
meta	Processo	Circunst.	Circunst.

I	was	[also]	treated	by the Prime Minister's doctor	in Dublin
meta	pro...		...cesso	Ator	Circunst.

I	didn't read	the sign ⁹⁷
Ator	Processo	Escopo.

I	was arrested	there ⁹⁸
meta	Processo	Circunst.

I	was detained	in the morning ⁹⁹
meta	Processo	Circunst.

That was the first time,	you know,	I	was banned
Circunst.		meta	Processo

⁹⁵ Referência a notícias sobre a morte de Thembi.

⁹⁶ Conversa com Richard Stengel.

⁹⁷ Mandela fora preso por utilizar, inadvertidamente, um banheiro destinado aos brancos.

⁹⁸ Referência ao incidente do aprisionamento.

⁹⁹ Mandela fala de uma das ocasiões em que foi preso por pequenos delitos. Neste caso, por usar o toalete destinado aos brancos. Ele foi solto ao fim do mesmo dia.

I	was baptised	in the Methodist Church ¹⁰⁰	
meta	Processo	Circunst.	
I	was being introduced	to various strands of thought	in Johannesburg
meta	Processo	Circunst.	Circunst.

I	was brought up	in high schools, boarding schools ¹⁰¹	
meta	Processo	Circunst.	

I	was being groomed	for the position of chieftaincy	
meta	Processo	Circunst.	

I	was confined	to the magisterial district of Johannesburg ¹⁰²	
meta	Processo	Circunst.	

I	was put	in a cottage ¹⁰³	
meta	Processo	Circunst.	

Recipiente	was provided	with a warder ¹⁰⁴	
meta	Processo	Meta	

I	was pushed	left and right ¹⁰⁵	
meta	Processo	Circunst.	

I	[was] separated	[from] winnie ¹⁰⁶	
meta	Processo	Circunst.	

I	was received	by President François Mitterrand	in grand style
meta	Processo	Ator	Circunst.

¹⁰⁰ Referência à sua educação Wesleyana.

¹⁰¹ Em resposta a Stengel, jornalista e amigo, Mandela faz referência ao fato de ficar sem contato com mulheres na escola, o que o ajudaria a suportar a abstinência sexual durante os anos na prisão.

¹⁰² Conversa com Ahmed Kathrada sobre o significado de 'banido' (banned).

¹⁰³ Confinamento em Victor Verster.

¹⁰⁴ Confinamento em Victor Verster.

¹⁰⁵ Pela multidão ao redor, durante sua visita ao Egito.

¹⁰⁶ Visita ao Egito.

I	was taken	to the visiting booth	without knowing who it was ¹⁰⁷
meta	Processo	Circunst.	Orações Hipot.

I	went back	to the office on 8th March ¹⁰⁸
Ator	Processo	Escopo

Today	I	again	started	at 6.45 am ¹⁰⁹
	Ator		Processo	Circunst.

I	used to return	home	late at night ¹¹⁰
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

But	I	don't	always	succeed ¹¹¹
	Ator	pro...		cesso

Even here ¹¹²	I	attend	all church services
	Ator	Processo	Escopo

I	came across	a baboon ¹¹³
Ator	Processo	Escopo

I	grew up	in a country village	until I was twenty-three
Ator	Processo	Circunst.	Circunst.

I	acquired	knowledge	by asking questions	to satisfy my curiosity ¹¹⁴
Ator	Processo	Escopo	Circunst.	Circunst.

in [19]41...	[...] I	came	to Johannesburg ¹¹⁵
	Ator	Processo	Escopo

¹⁰⁷ Sobre suas visitas na prisão.

¹⁰⁸ Carta a Graça Machel. Mandela descreve sua árdua rotina de trabalho como advogado.

¹⁰⁹ Rotina de trabalho.

¹¹⁰ Mandela refere-se à rotina de sua vida, que não permitia ver os filhos constantemente.

¹¹¹ Mandela fala de suas tentativas de unir o povo.

¹¹² Carta a Maki Mandela.

¹¹³ Conversa com Richard Stengel. Referência à beleza da paisagem (flora e fauna) entre Porto Elizabeth e Humansdorp.

¹¹⁴ Referência à infância e juventude em sua tribo.

¹¹⁵ Mandela faz referência à sua mudança de sua cidade natal para Johannesburg para estudar, onde aprendeu sobre a cultura ocidental.

I	never	succeeded in shaking off	my peasant background ¹¹⁶
Ator		Processo	meta

I	rehearse	daily	on a penny whistle
Ator	Processo		Escopo

I	could have tried	Handel's Messiah	on it ¹¹⁷	on the great day
Ator	Processo	Escopo	Circunst.	Circunst.

I	could move	in the area, on the grounds ¹¹⁸
Ator	Processo	Escopo

I	could	virtually	climb	any wall ¹¹⁹
Ator	pro...		...cesso	Escopo

I	could wake up, have	a bath,	wait for	the hospital doctor	then have	breakfast ¹²⁰
Ator	Processo	Escopo	Processo	Escopo	Processo	Escopo

I	rushed	him ¹²¹	to a doctor
Ator	Processo	Meta	Circunst.

I	drove	him ¹²²	to his home at OE [Orlando East]	quite relieved
Ator	Processo	cliente	Circunst.	Circunst.

I	drifted away	from my parents	and	moved about,	played	and	ate	together with other boys ¹²³
Ator	proc.	Escopo		Processo	proc.		proc.	Circunst.

¹¹⁶ Carta ao senador Douglas Lukhele, Swazil. Mandela reafirma sua condição de homem do interior.

¹¹⁷ Mandela brinca sobre tocar a flautinha (penny whistle) no casamento da amiga Joyce Sikhakhane.

¹¹⁸ Referência às condições de sua prisão domiciliar em Paarl.

¹¹⁹ Referência à sua condição física antes de sua prisão em 1962.

¹²⁰ Referência à sua rotina na prisão.

¹²¹ Referência ao amigo da academia de boxe, Freddie Ngidi, o qual fora encontrado dormindo bêbado no escritório da firma de Mandela na véspera de natal.

¹²² Freddie Ngidi.

no escritório da firma de Mandela na véspera de natal.

¹²³ Referência à infância.

Col Tadesse, Lt. Befekadu and I ¹²⁴	dine	in small restaurant in town	and	thereafter	go	to the cinemas.
Ator	proc.	Circunst.			proc.	Escopo
But	I	'd made	peace ¹²⁵			
	Ator	Processo	Escopo			

But	nevertheless	I	emptied	my pockets ¹²⁶
		Ator	Processo	Escopo

I	frequently	appeared	before him ¹²⁷
Ator		Processo	Escopo

At the reception office ¹²⁸	I	found	three other political prisoners
	Ator	Processo	Escopo

I	found,	of course,	our representative in the United States Miss Lindi Mabuza ¹²⁹
Ator	Processo		Escopo

I	went along	with Winnie	to her place ¹³⁰
Ator	Processo	Circunst.	Escopo

I	found	her	with one of the lecturers . . . at university . . .
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	fly	from Freetown to Monrovia ¹³¹
Ator	Processo	Escopo

I	lodge	at the Monrovia City Hotel
Ator	Processo	Escopo

¹²⁴ Anotações do diário de viagem pela África e Londres, 1962

¹²⁵ Referência a uma discussão com a amiga Ruth First sobre como lidara com um caso no tribunal.

¹²⁶ Carta a Winnie, falando sobre um encontro com o filho Thembi, que falecera em acidente de Motocicleta. Mandela, na ocasião, deu todo o dinheiro que tinha ao filho.

¹²⁷ Referência à ocasião em que era advogado, quando encontrava com o Magistrado-chefe de Johannesburgo. Carta à sua filha Zindzi.

¹²⁸ Transferência de Pretoria para Robben Island.

¹²⁹ Visita aos Estados Unidos.

¹³⁰ Casa de Ruth First.

¹³¹ Anotações do diário mantido durante sua viagem pela África e Londres – 1962.

I	spend	the day	reading
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	spend	the day	quietly	in the hotel	reading
Ator	Processo	Escopo	Circunst.	Circunst.	Circunst.

I	spend	the day	writing up notes
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	spend	the day	quietly	reading	in my hotel
Ator	Processo	Escopo	Circunst.	Circunst.	Circunst.

OR and I	fly	by BOAC to Khartoum ¹³²
Ator	Processo	Escopo

I	flew down	to the Wilderness, the retirement home of former president PW Botha ¹³³
Ator	Processo	Escopo

I	'll go	outside ¹³⁴
Ator	Processo	Escopo

I	had to call	them ¹³⁵
Ator	Processo	Escopo

I	had telephoned	my family doctor Dr Nthato Motlana and Dr Gecelter ¹³⁶
Ator	Processo	Escopo

I	left	home	in April 1961 ¹³⁷
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

¹³² Anotações do diário mantido durante sua viagem pela África e Londres – 1962.

¹³³ Mandela, após sair da prisão e ter assinado um acordo com o então presidente Botha sobre uma ação conjunta em favor da paz, viaja até sua casa, após saber que Afrikaners da direita intencionava impedir as eleições para presidente por meio da violência.

¹³⁴ Mandela ameaça recorrer a autoridades internacionais caso não seja mais ouvido ao representar os demais prisioneiros em questões referentes a maus tratos.

¹³⁵ Mandela chama seus amigos para admitir, publicamente, um erro de comportamento para com o sargento Boonzaier.

¹³⁶ Ocasão em que contraiu pneumonia.

¹³⁷ Mandela faz referência à sua saída de casa quando suas filhas ainda eram bebês – Zeni, dois anos e Zindzi, três meses.

	had left	her ¹³⁸	in good health with a lot of flesh and colour
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	have spent	some time	thinking about the other day, the things you advised me on ¹³⁹
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	have spent	anxious moments	thinking of them ¹⁴⁰
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	never	succeeded in providing	for her and the children ¹⁴¹
Ator		Processo	Escopo

I	have just read	a book	by our famous writer	about the Karoo and some other areas ¹⁴²
Ator	Processo	Escopo	Circunst.	Circunst.

I	just	walked away	from him ¹⁴³
Ator		Processo	Escopo

I	kept	a good relationship	with them ¹⁴⁴
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

[Robert Resha] and I	leave	[Rabat]	for the border village of Oujda ¹⁴⁵
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

¹³⁸ Winnie Mandela. Nelson Mandela refere-se a quando saiu de casa em abril de 1961.

¹³⁹ Carta a Graça Machel.

¹⁴⁰ Carta a Amina Cachalia sobre ter deixado sua esposa e filhas.

¹⁴¹ Referência à sua família.

¹⁴² Carta à esposa Winnie.

¹⁴³ Guarda penitenciário. Episódio em que Mandela envia uma carta para fora da prisão sub-repticiamente.

¹⁴⁴ Mandela refere-se às autoridades Afrikaners.

¹⁴⁵ Oujda era o quartel-general da Frente de Libertação Nacional (FLN) da Argélia no Marrocos. Ocasão em que Mandela fora treinado pela FLN.

I	only	went	to the Kruger National Park...
Ator		Processo	Escopo

I	returned	to Johannesburg
Ator	Processo	Circunst.

In December 1960	I	travelled	some distance	by car	to meet him
Circunst.	Ator	Processo	Escopo	Circunst.	Circunst.

I	travelled down	to E.L. [East London]
Ator	Processo	Escopo

I	travelled	a couple of times	on a plane
Ator	Processo	Circunst.	Circunst.

I	toured	Africa
Ator	Processo	Escopo

I	used to visit	them	in the evening
Ator	Processo	Escopo	Circunst.

I	walked	downstairs to the ground floor
Ator	Processo	Escopo

I	walked	from Lower Houghton right up to their houses, their old houses
Ator	Processo	Escopo

¹⁴⁶ Conversa com Ahmed Kathrada sobre se Mandela alguma vez visitara o zoológico de Johannesburg.

¹⁴⁷ Mandela fala do episódio em que informa imediatamente o presidente De Klerk sobre o convite de Botha para que ele (De Klerk) também participasse da reunião sobre medidas de paz.

¹⁴⁸ Themi.

¹⁴⁹ Após retornar da prisão Mandela se encontra com o Camarada Silumko Sokupa e o Comitê Regional do Congresso Nacional Africano (CNA) para analisar a situação na área.

¹⁵⁰ Conversa com Kathrada: Mandela reafirma já ter viajado de avião, antes de sua visita à África, durante a Campanha de Desafio em 1952.

¹⁵¹ Casal de amigos brancos, britânicos: George Bruce e Ursula.

¹⁵² Conversa com Kathrada sobre a liberdade limitada que tinha durante algumas visitas de Winnie.

¹⁵³ Conversa com Kathrada sobre a pressão em ser reconhecido, ao visitar os amigos Michael Harmel e Eli Weinberg. Mandela refere-se ao fato dos britânicos instalarem uma forma de colonialismo na África do Sul, confinando o povo sul-africano a determinadas áreas.

I	was walking	really very slowly, not in a hurry ¹⁵⁴
Ator	Processo	Circunst.

I	was,	of course,	going	to school for the greater part of the year ¹⁵⁵
Ator	pro...		...cesso	Escopo

I	was	just	going	there ¹⁵⁶
Ator	pro...		...cesso	Escopo

I	was coming down	Fox Street ¹⁵⁷
Ator	Processo	Escopo

I	went	with [Robert] Sobukwe	to the hospital ¹⁵⁸
Ator	Processo	Circunst.	Escopo

I	went to see	all the stars ¹⁵⁹
Ator	Processo	Escopo

I	went	to this house ¹⁶⁰
Ator	Processo	Escopo

Yesterday	I	went	to the Vaal, to Sebokeng ¹⁶¹
	Ator	Processo	Escopo

I	went	to the hospital first ¹⁶²
Ator	Processo	Escopo

¹⁵⁴ Conversa com Kathrada sobre a pressão em ser reconhecido

¹⁵⁵ Referência à juventude.

¹⁵⁶ Mandela fala de suas visitas às reuniões do Partido Comunista, sem se deixar convencer de suas doutrinas.

¹⁵⁷ Encontro fortuito de Mandela com o advogado Benjamin Joseph, o qual pediu a Mandela que não parasse para conversar com ele. Mandela afirma ser este o único caso em que fora rejeitado publicamente por alguém.

¹⁵⁸ Conversa com Richard Stengel. Mandela refere-se a quando teve um *blackout* e desmaiou, sendo levado ao hospital da prisão.

¹⁵⁹ Conversa com Richard Stengel. Concerto no estádio de Wembley: Tracy Chapman, The Manhattan Brothers e Neil Kinnock.

¹⁶⁰ Mandela relembra comicadamente o episódio em que, tendo que sair somente à noite para não ser preso, vai até uma casa em que o amigo Maulvi Cachalia tinha arrumado para ele ficar, mas é rejeitado por causa de sua aparência.

¹⁶¹ Local onde houvera um massacre.

¹⁶² Visita de Mandela aos feridos no confronto com a polícia em Vaal, Sebokeng – 1984.

I	went	to one of them ¹⁶³
Ator	Processo	Escopo

I	will leave	at 7 am	tomorrow	for Pieterm[aritzburg] ¹⁶⁴
Ator	Processo	Circunst.	Circunst.	Escopo

otherwise	I	would have lost	my jugular vein ¹⁶⁵
	Ator	Processo	Escopo

¹⁶³ Mandela refere-se à viagem aos EUA para a inauguração do presidente Bill Clinton, quando participou de um dos bailes locais.

¹⁶⁴ Mandela viaja para uma área em que houvera um massacre por parte do Serviço de Segurança do Estado. Anotações de um diário em 1933.

¹⁶⁵ Comentário irônico de Mandela sobre a carta escrita à esposa Winnie, falando de quão bonitas suas duas filhas estavam na última vez em que as vira.

APÊNDICE B

ANÁLISE DAS ECOLHAS LÉXICO-GRAMATICAS DE MANDELA PARA OS PROCESSOS MENTAIS COGNITIVOS / DESIDERATIVOS

I	also	remember	that	on the first day of the Pretoria exercise ¹⁶⁶	you had expressed some concern about how I and a colleague looked in our khaki outfits
exper.		Processo	feno...	Circunst.	meno

I	also	learned	that our house had recently been raided and the police detained a young relative of Winnie's		
experienc.		Processo	Fenômeno		

But	I	assume	that this ¹⁶⁷ will take place either in Johannesburg or Umtata.		
	experienc.	Processo	Fenômeno		

I	always	looked forward	to these accounts ¹⁶⁸		
experienc.		Processo	Fenômeno		

I	accepted	that if you have a problem you must face it and not gloss over it			
experienc.	Processo	Fenômeno			

I	am	however	working out	a plan to accommodate some of your [Graça Machel] concerns	
exper.	pro...		...cesso	Fenômeno	

I	believe	that [Prime Minister] B.J. Vorster is on merit a man deserving the highest honours			
experienc.	Processo	Fenômeno			

¹⁶⁶ Carta a Winnie: Julgamento de Mandela e seus companheiros.

¹⁶⁷ Carta de Mandela ao Oficial-Comandante da prisão na ilha de Robben solicitando a saída para ir ao funeral do filho Thembi.

¹⁶⁸ Notícias de Thembi trazidas por Nobandla.

I	believe	that all of you are capable of rising to expectations and to meet the enormous challenges facing your country ¹⁶⁹
experienc.	Processo	fenomeno

I	couldn't believe	that he ¹⁷⁰ was dead
experienc.	Processo	Fenômeno

I	believe	in that ¹⁷¹
experienc.	Processo	Fenômeno

I	came to accept	that I have no right whatsoever to judge others in terms of my customs
experienc.	Processo	Fenômeno

I	can	no longer	recall	whether I was able to chat to you ¹⁷²	the day Rusty was discharged
experienc.	pro...		...cesso	Fenômeno	Circunst.

Neither you ¹⁷³ nor I	can predict	what the country will have to pay	at the end of that strife
experienc.	Processo	Fenômeno	Circunst.

I	can't allow	myself to be influenced by that ¹⁷⁴
experienc.	Processo	Fenômeno

I	can't remember	when the ticker tape ¹⁷⁵ took place
experienc.	Processo	Fenômeno

Well	I	can't remember	now	the details ¹⁷⁶
	experienc.	Processo	Circunst.	fenomeno

¹⁶⁹ Mandela refere-se aos negociadores do Processo de Paz de Burundi, Tanzânia.

¹⁷⁰ Oliver Tambo.

¹⁷¹ Referência à integridade das pessoas.

¹⁷² Hilda Bernstein – amiga e ativista.

¹⁷³ Carta ao Ministro da Justiça – Abril 1969.

¹⁷⁴ Não ser influenciado em sua maneira otimista de enxergar o ser humano, pelo simples fato do ser humano ser fraco e cometer erros.

¹⁷⁵ Desfile típico nos EUA com papéis picados.

¹⁷⁶ Da notícia de seu encontro com o escrito Arthur Miller.

I	cannot hope	to exhaust it here ¹⁷⁷
experienc.	Processo	fenomeno

I	cannot remember	ever writing any message similar to this letter ¹⁷⁸	since February 1990.
experienc.	Processo	Fenômeno	Circunst.

I	consider	him ¹⁷⁹	in all sincerity	to be a gentlemen
experienc.	Processo	fenô...	Circunst.	...meno

I	consider	it callous to allow our people to continue wasting money, time, energy, goodwill and love by sending us letters and cards ¹⁸⁰
experienc.	Processo	Fenômeno

I	consider	myself obliged to pay proper respect to my customs and traditions
experienc.	Processo	fenomeno

I	dream	coming home at night with doors open and Zami asleep in one bed and in the other children, possibly zeni and zindi.
experienc.	Processo	fenomeno

I	doubt	if Sgt [Sergeant] Fourie is any the better ¹⁸¹
experienc.	Processo	fenomeno

I	doubt	if I would have succeeded in resisting the attractions offered by the easy life outside the classroom
experienc.	Processo	fenomeno

I	don't know	whether that ¹⁸² was purely accidental ou deliberate
experienc.	Processo	Fenômeno

¹⁷⁷ Relacionar os nomes daqueles que foram vítimas do Apartheid.

¹⁷⁸ Caderno de anotações: Referência à falta de tempo para escrever aos amigos

¹⁷⁹ Magistrado que proibiu a visita de sua esposa e filhas

¹⁸⁰ Crítica ao não recebimento de cartas e cartões escritos aos presos.

¹⁸¹ No domínio da língua inglesa.

¹⁸² Fidel Castro cumprimentar negros e brancos.

I	don't know	whether this perception ¹⁸³ is accurate or not
experienc.	Processo	Fenômeno

But	I	do know	that the Department of Prisons released a press statement claiming that I had been removed ¹⁸⁴ for my own safety
	experienc.	Processo	Fenômeno

I	do not agree	with the policy of the Dpt of which you are Head ¹⁸⁵
experienc.	Processo	Fenômeno

I	do not want	to think of the embarrassment and inconvenience you suffered among strangers in foreign countries ¹⁸⁶
experienc.	Processo	Fenômeno

I	discovered	that she ¹⁸⁷ was more ill than she had revealed
experienc.	Processo	Fenômeno

I	decided	I was going to use it ¹⁸⁸ to start negotiations
experienc.	Processo	Fenômeno

I	decided	just to remain ¹⁸⁹
experienc.	Processo	Fenômeno

I	decided	that the game ¹⁹⁰ was up
experienc.	Processo	Fenômeno

¹⁸³ Visão política de alguns poucos grupos de que Burundi precisa voltar-se para a paz.

¹⁸⁴ Transferido para Pretoria.

¹⁸⁵ Carta enviada ao Comissário de Prisões.

¹⁸⁶ Carta a Graça Machel.

¹⁸⁷ Referência à sua esposa, Winnie.

¹⁸⁸ O fato de estar na solitária.

¹⁸⁹ Manter-se calmo enquanto dirigia e era perseguido por guardas brancos para ser preso, em vez de acelerar e fugir.

¹⁹⁰ Perseguição para prender Mandela.

My colleagues and I	decided	that	because of your position in the implementation of the Bantustan Scheme	we could not concede to your request ¹⁹¹
experienc.	Processo	fenô...	Circunst.	...meno

I	decided	to accept their proposal ¹⁹²
experienc.	Processo	Fenômeno

I	decided	to act ¹⁹³
experienc.	Processo	Fenômeno

For some seconds	I	did not know	exactly how to react ¹⁹⁴
Circunst.	experienc.	Processo	Fenômeno

I	did not want	any uncertainty in this question ¹⁹⁵
experienc.	Processo	Fenômeno

I	even	recall	the strange incident that occurred when you visited zami and I at our home in Orlando West in Dec. '60. ¹⁹⁶
experienc.		Processo	Fenômeno

I	expect	a few kind words from her ¹⁹⁷ before she kisses me goodnight
experienc.	Processo	Fenômeno

I	forget	precisely these simple things ¹⁹⁸
experienc.	Processo	Fenômeno

I	found	it difficult to be comforted ¹⁹⁹
Experienc.	Processo	Fenômeno

¹⁹¹ Carta a Winnie sobre querer visita-lo na prisão

¹⁹² Proposta para elegê-lo o primeiro presidente democraticamente eleito na África do Sul

¹⁹³ Ao saber que o partido de direita dos Afrikaners queria impedir as eleições por meio da violência.

¹⁹⁴ Com relação à morte de seu filho Thembi

¹⁹⁵ Mandela refere-se à sua decisão de não concorrer a mais de um mandato para presidente.

¹⁹⁶ Carta ao Senador Douglas Lukhele. Mandela relembra a queda de um raio próximo ao portão de sua casa.

¹⁹⁷ Sua filha Rochelle.

¹⁹⁸ Mandela fala de não se lembrar de que as coisas nos afetam dependendo de como as enxergamos.

¹⁹⁹ Referência à ausência de Graça Machel por motivo de viagem.

I	found	the Dutch queen very interesting, very intelligent, well-informed, very confident, very accessible
Experienc.	Processo	Fenômeno

In Kenya	I	found	that they could plant meales [maize] throughout the year
Circnst.	Experienc.	Processo	Fenômeno

In both Uganda and Kenya	I	found	the climate very interesting
Circnst.	Experienc.	Processo	Fenômeno

I	found	It very difficult to look at that young warder ²⁰⁰
Experienc.	Processo	Fenômeno

I	found	It a bit difficult to meet that question ²⁰¹
Experienc.	Processo	Fenômeno

I	forgot	about the thing ²⁰²
Experienc.	Processo	Fenômeno

I	felt	I had taken the right decision ²⁰³
Experienc.	Processo	Fenômeno

I	found	it a real pleasure to argue before a man I regarded as fair and just ²⁰⁴
Experienc.	Processo	Fenômeno

How	can	I	forget	the name of the president? ²⁰⁵
	pro...	Experienc.	...cesso	Fenômeno

I	find	it difficult to believe that I will
---	------	-------------------------------------

²⁰⁰ Após ter entregado a Kathrada, amigo pessoal e de cela, uma carta secreta, traíndo, assim, a confiança do guarda

²⁰¹ Negociar com o CNA, o que seria trair a confiança do seu povo e perder a credibilidade.

²⁰² Dar autógrafos a um grupo de jovens fãs.

²⁰³ Mandela refere-se ao fato de ter se afastado de sua família para lutar contra o Apartheid. Segundo ele, não só seus familiares, mas todo o povo sul-africano sofria com a situação.

²⁰⁴ Mandela fala do magistrado que o manteve separado de sua esposa Winnie por tantos anos.

		never see Thembi again
Experienc.	Processo	Fenômeno

In fact	I	hardly	remember	any occasion when I was ever alone at home²⁰⁶
	Experienc.		Processo	Fenômeno

I	had thought	that our generation of rabble-rousers had vanished with the close of the fifties.²⁰⁷
experienc.	Processo	fenomeno

I	had	also	believed	that [...]it would not be easy for me to be carried away by mere beauty of prose or smooth flow of one's oratory
experie.	Pro...		...cesso	fenomeno

I	had	always	thought	of them²⁰⁸ as people who are catching polar bears and seals
experienc.	Pro...		...cesso	Fenômeno

I	never	imagined	that²⁰⁹
experienciador		Processo	Fenômeno

At college	I	had come to believe	that as a graduate I would automatically be at the head, leading my people in all their efforts
Circuns.	experienc.	Processo	Fenômeno

I	had known	Ruth²¹⁰	from our university days
experienc.	Processo	Fenômeno	Circunst.

²⁰⁶ Recordações da infância.

²⁰⁷ Carta a Nomabutho Bhala.

²⁰⁸ Esquimós.

²⁰⁹ Que os esquimós eram iguais aos seres humanos comuns

²¹⁰ Jornalista e ativista anti-apartheid e em prol dos direitos feministas. Exilada em Moçambique em 1977

e assassinada por uma bomba em 1982.

I	had to learn	all these things ²¹¹	by mere chance and through trial and error.
experienc.	Processo	Fenômeno	Circunst.

I	had	never	dreamt	that I would never be able to bury ma.
Experienc.	Pro...		...cesso	fenomeno

On the contrary	I	had entertained the hope that	I would have the privilege of looking after her in her old age, and be on her side when the fatal hour struck ²¹²
	experienc.	Processo	Fenômeno

I	have to acknowledge	that my whole-hearted commitment to the liberation of our people gives meaning to life and yields for me a sense of national pride and real joy
experienc.	Processo	Fenômeno

Nevertheless	I	have always considered	it dangerous to underestimate the influence of both institutions amongst the people ²¹³
	experienc.	Processo	Fenômeno

I	have been wondering	whether I should continue to be party to a practice I consider unethical ²¹⁴
experienc.	Processo	Fenômeno

I	have forgotten	practically everything about it ²¹⁵
experienciador	Processo	Fenômeno

²¹¹ A diferença entre o aprendizado acadêmico e a vida política real com seus preconceitos e lutas.

²¹² Sua mãe

²¹³ Instituições religiosas e políticas. No primeiro caso, os missionários, no segundo, o governo.

²¹⁴ Prática de discussões políticas tendenciosas instituídas pelas autoridades prisionais, as quais visam justificar os maus tratos, em resultado de qualquer *dictum* feito por parte dos prisioneiros em tais reuniões.

²¹⁵ Latim 1.

During my political career	I	have discovered	that	in all communities, African, Coloured, Indian and Whites, and in all political organisations without exception	there are good men and women who fervently wish to go on with their lives
Circunst.	exper.	Processo	fenô...	Circunst.	...meno

I	have	never	known	whether or not I was fortunate to witness that grievous scene²¹⁶
experienc.	pro...		...cesso	Fenômeno

I	have never been able to ascertain	why after just 2 weeks on Robben Island I was transferred back to Pretoria
experienciador	Processo	Fenômeno

I	have not forgotten	the days of my childhood
experienciador	Processo	Fenômeno

I	have	now	established	that the letter was actually here²¹⁷
experienc.	pro...		...cesso	Fenômeno

I	have	often	wondered	whether a person is justified in neglecting his own family to fight for opportunities for others.
exper.	pro...		...cesso	Fenômeno

I	have agreed	to go²¹⁸
experienc.	Processo	Fenômeno

I	have cherished	the ideal of a democratic and free society
experienc.	Processo	Fenômeno

²¹⁶ A "luta" de sua filha de 9 meses para sobreviver à morte numa cama de hospital.

²¹⁷ Carta de Winnie a Mandela, a qual ele não recebeu.

²¹⁸ Mandela fala do convite do sr. Saramanch, presidente do comitê olímpico internacional, para conhecer uma fazenda que funciona como centro de saúde, para tratar de sua saúde por uma semana.

I	hope	you ²¹⁹ will be able to arrange a consultation... [...]with a member of your firm or with counsel
experienc.	Processo	Fenômeno

I	would still like	to retain your services ²²⁰
experienc.	Processo	Fenômeno

I	hope	you will find it significant and useful ²²¹
experienc.	Processo	Fenômeno

I	hope	to hand it directly to you in due course ²²²
experienc.	Processo	Fenômeno

I	hope	you will understand it is never easy for those directly involved in a matter to reflect objectively ²²³
experienc.	Processo	Fenômeno

I	am hoping	that the remorseless fates [...] will be induced by considerations of honour and honesty to allow this one through. ²²⁴
experienc.	Processo	Fenômeno

I	nonetheless	vaguely	hoped	that this time the death of two members of the family [...] would probabl[y] induce the authorities to give me the one opportunity [...]of paying my last respects to thembi
experienc.			Processo	Fenômeno

²¹⁹ Carta contrabandeada para fora da prisão para seus advogados em Durban. Mandela fala de sua intenção em processar o Departamento de Prisões pelo desrespeito aos direitos humanos.

²²⁰ Carta a seus advogados em Durban.

²²¹ Carta de Mandela a Winnie, onde reconta o exemplo de humildade de Cristo diante de Pilatos, buscando comparar a indiferença das autoridades neste caso com o do povo sul-africano.

²²² Carta de Mandela a seus advogados, onde promete enviar-lhes a carta que escrevera ao Comando de Prisões relatando os maus tratos aos presos.

²²³ Carta de Mandela a seus advogados.

²²⁴ Carta de Mandela ao senador Douglas Lukhele, em Swazil, na qual reclama da falta de contato com sua família por ter sua correspondência desviada e adulterada.

I	intend	instituting legal proceedings in the CPD [Cape Provincial Division] against the Dpt [Department] of Prisons
experienc.	Processo	Fenômeno

but	I	'm finding	it increasingly difficult to square up wishes with experience ²²⁵
	exper.	Processo	Fenômeno

I	immediately	think	of the late Thembi and the baby Makaziwe ²²⁶
experienc.		Processo	Fenômeno

I	immediately	realized	that,	no,	I was unfair to her ²²⁷
exper.	Circunst.	Processo	fenô...		...meno

I	just	want	two weeks ²²⁸
experienc.		Processo	Fenômeno

I	knew	you had bought him clothing and given him some cash ²²⁹
experienc.	Processo	Fenômeno

then	I	knew	right from the beginning	that I would pass ²³⁰
	exper.	Processo	Circunst.	Fenômeno

I	knew	the hardship, misery and humiliation to which my absence would expose them ²³¹
experienc.	Processo	Fenômeno

²²⁵ Mandela fala da vontade e da impossibilidade de acreditar nos oficiais do governo, em face das ações destes, no dia a dia.

²²⁶ Carta à amiga Graça Machel.

²²⁷ Mandela faz menção a um desentendimento com sua grande amiga Ruth First.

²²⁸ Resposta de Mandela à Imigração inglesa sobre o tempo que pretendia ficar na Inglaterra.

²²⁹ Mandela fala da relação de sua esposa com o filho Thembi

²³⁰ Mandela fala do curso de Direito que fez na prisão.

²³¹ O pronome no plural refere-se à esposa e aos filhos de Mandela

I	knew	that there was widespread interest in the anti-apartheid struggle in South Africa ²³²
experienc.	Processo	Fenômeno

I	know	they blamed Albertina and Walter ²³³
experienc.	Processo	Fenômeno

I	didn't know	about yours ²³⁴
experienc.	Processo	Fenômeno

my permanente friends	I	know	very well
Fenômeno	experienc.	Processo	Circunst.

yet	I	know	that, as a person, he is far from being cruel ²³⁵
	experienc.	Processo	Fenômeno

I	know,	darling,	that if riches were to be counted in terms of the tons of hope and sheer courage that nestle in your breast (this idea I got from you) you would certainly be a millionaire ²³⁶
experienc.	Processo		Fenômeno

I	know	more than anybody else living today	just how devastating this cruel blow must have been to you ²³⁷
experienc.	Processo		Fenômeno

but	I	know	of some person very close to me, in fact, a sister, who is becoming an international asset in her own humble way ²³⁸
	experienc.	Processo	Fenômeno

I	know	that once it reaches your hands my troubles will
---	------	--

²³² Por parte dos EUA

²³³ Acusaram Albertina e Walter de terem traído Mandela.

²³⁴ O fato de Walter Sizulu, chefe maior do movimento e amigo de Mandela, ter recebido um telefonema

anônimo dizendo que Kathrada, amigo de Mandela, também o teria traído.

²³⁵ Carta à Zindzi. Referência ao juiz que não o permitiu receber a visita de Winnie.

²³⁶ Winnie Mandela

²³⁷ A morte do filho Thembi para Winnie

²³⁸ Graça Machel

		be virtually over²³⁹
experienc.	Processo	Fenômeno

I	didn't know	politics
experienc.	Processo	Fenômeno

You²⁴⁰ and I	know	very well	that the meal would never reach the Atlantic
experienc.	Processo		Fenômeno

I	don't know	what his boxing name was²⁴¹
experienc.	Processo	Fenômeno

I	don't know	what had happened²⁴²
experienc.	Processo	Fenômeno

I	don't know	why I fell
experienc.	Processo	Fenômeno

I	didn't know	what it was²⁴³
experienc.	Processo	Fenômeno

I	don't know	where we shall get the money to arrange the dinner²⁴⁴
experienc.	Processo	Fenômeno

Here²⁴⁵	I	learnt	to adjust myself to urban life
Circunst.	experienc.	Processo	fenomeno

I	regarded	the township	as a home
experienciador	Processo	Fenômeno	Circunst.

²³⁹ Carta para o senador Douglas Lukhele in Swazil

²⁴⁰ Carta a Amina Cachalia – Mandela brinca com a amiga que se ela cozinhasse para ele uma refeição como fizera uma vez, esta nunca chegaria às suas mãos.

²⁴¹ Um prisioneiro em Robben Island, ladrão de banco, conhecido de Mandela nos tempos do boxe

²⁴² Quando Mandela teve um colapso, caiu e foi levado ao hospital da prisão

²⁴³ Mandela fala de uma enorme agitação que de repente acontecera para transferi-lo do hospital penitenciário para a prisão de Victor Vester, sem qualquer explicação.

²⁴⁴ Carta de Mandela à sua filha Zindi sobre planos futuros, para quando ele for livre.

²⁴⁵ Alexandra – área urbana subdesenvolvida (*township*)

I	learned	history afresh ²⁴⁶
experienc.	Processo	Fenômeno

I	looked forward to	some time when I would be able to tell her ²⁴⁷ about my journey, the countries I visited and the people I met
experienc.	Processo	Fenômeno

I	lived in the hope that	I would soon see her ²⁴⁸
experienc.	Processo	Fenômeno

I	looked forward to	further correspondence and to meeting him and his family when I returned ²⁴⁹
experienc.	Processo	Fenômeno

I	looked forward to	holding your hand and to a passionate kiss ²⁵⁰
experienc.	Processo	Fenômeno

Never before	have	I	longed	for you ²⁵¹	than at the presente moment
	pro...	experienc.	...cesso	Fenômeno	

I	must draw the inference	that their disappearance is not accidental ²⁵²
experienc.	Processo	Fenômeno

I	now	know	what the Commander meant ²⁵³
experienc.		Processo	Fenômeno

²⁴⁶ Mandela fala de uma nova e mais realista visão sobre a história da África do Sul que teve na faculdade

²⁴⁷ Mandela refere-se à sua esposa Winnie, em uma carta às suas duas filhas Zeni e Zindzi.

²⁴⁸ Winnie Mandela

²⁴⁹ Mandela refere-se a seu filho Thembi, morto em um acidente, em um carta escrita à sua primeira Exposa, Evelyn.

²⁵⁰ Mandela escreve à sua esposa Winnie, sobre um sonho que tivera com ela.

²⁵¹ Carta a Winnie Mandela.

²⁵² As cartas que nunca eram recebidas pelos presos

²⁵³ Mandela faz referência às palavras do Comandante, ferido por um animal, quando este diz que as feridas interiores são mais dolorosas.

I	now	know	that you never received them ²⁵⁴
exper.		Processo	Fenômeno

I	now	consider	the untruthful explanations that are repeatedly made by the local officials about our correspondence and the so-called objection either to the contents of the letter or person who wrote it
exper.		Processo	Fenômeno

I	realized	there were important issues at stake ²⁵⁵
exper.	Processo	Fenômeno

but	I	still	believe	that you	as Head of this Dpt who holds the rank of General	will not allow [or] condone these underhand methods ²⁵⁶
	exper.		Processo	fenô...	Circunst.	...meno

but	I	've	never	regarded	women as in any way less competent than men
	exp.	pro...		...cesso	Fenômeno

I	never	dreamt	that I would never see him again ²⁵⁷
experenciador		Processo	Fenômeno

I	never	dreamt	that time and hope can mean so much to one as they do now
experenciador		Processo	Fenômeno

I	never	abandoned	my Christian beliefs
experenciador		Processo	Fenômeno

²⁵⁴ As duas cartas enviadas para sua filha Zindi

²⁵⁵ Mandela reclama em carta à Winnie que não recebia suas cartas por causa das políticas contra eles na prisão.

²⁵⁶ Trecho da carta de Mandela ao Comissário de Prisões, reclamando do abuso por parte do Chefe de prisão e de violação dos direitos dos presos.

²⁵⁷ Seu filho Thembi

I	resigned	myself	to the fact that I had no opportunity for sexual expression
exper.	Processo		Fenômeno

I		remembered	what Zachariah had told me ²⁵⁸
experienc.		Processo	Fenômeno

I	relied on	arrogance in order to hide my weaknesses	
experienc.	Processo	Fenômeno	

I	regard	it ²⁵⁹ as part of a campaign of systematic political persecution and an attempt to keep us in the dark about what goes on outside prison even in regard to our own family affairs	
exper.	Processo	Fenômeno	

I	recalled	an incident in December 1956 when I was an awaiting trial prisoner at the Johnnesburg Fort ²⁶⁰	
exper.	Processo	Fenômeno	

I	recall	those days so clearly	as if everything happened yesterday ²⁶¹
exper.	Processo	Fenômeno	oração hipotática

I	realized	as never before	that if we want investments we will have to review nationalisation without removing it altogether from our policy.
exper.	Processo		Fenômeno

I	realized	at once	the strain my absence had caused her. ²⁶²
exper.	Processo		Fenômeno

So	I	realized	I hadn't done my work properly. ²⁶³
	exper.	Processo	Fenômeno

²⁵⁸ A respeito das gangues de ladrões em Alexandra após um incidente em sua casa

²⁵⁹ Censura das cartas escritas aos presos

²⁶⁰ Mandela fala de seu encontro com Thembi, quando este o visitou na prisão.

²⁶¹ Os primeiros bons anos de seu casamento.

²⁶² Sua esposa

²⁶³ Mandela refere-se a não ter explicado à sua mãe, primeiramente, porque estava se envolvendo na política.

I	realized	what was going to happen. ²⁶⁴
experenciador	Processo	Fenômeno

Throughout this period	I	regarded	him ²⁶⁵	as a child
Circunst.	exper.	Processo	fenôm.	Circunst.

I	remember	the days when I served articles, licking stamps, daily running all sorts of errands, including buying hair shampoo and other cosmetics for white ladies.
exper.	Processo	Fenômeno

I	remember	OR [Oliver Tambo], [chuckles] when the boycott was [on] ²⁶⁶
exper.	Processo	Fenômeno

I	think	I remember that ²⁶⁷
exper.	Processo	Fenômeno

I	remember	Lilian [Ngoyi] addressing a meeting with a potato ²⁶⁸
exper.	Processo	Fenômeno

I	suspect	that you intended the picture to convey a special message that no words could ever express ²⁶⁹
exper.	Processo	Fenômeno

I	still	think	nostalgically of that memorable day ²⁷⁰
exper.		Processo	Fenômeno

I	still	remember	one Sunday as the sun was setting ²⁷¹
exper.		Processo	Fenômeno

²⁶⁴ Mandela refere-se ao enorme público que se amontoava para ouvi-lo, quando visitava o Egito.

²⁶⁵ Seu filho Thembi.

²⁶⁶ Mandela menciona o fato de Oliver Tambo, seu amigo pessoal e de prisão, burlar o que fora denominado de *Boicote das Batatas*.

²⁶⁷ Mandela refere-se a um episódio cômico entre um amigo preso, Mlangeni, e um guarda da prisão

²⁶⁸ Outra referência ao *Boicote das Batatas*.

²⁶⁹ Mandela menciona uma foto de sua esposa que lhe fora entregue na prisão

²⁷⁰ Almoço na casa de Amina Cachalia

²⁷¹ Carta a Winnie. Mandela relembra momentos em família.

Until I was jailed	I	never fully	appreciated	the capacity of memory, the endless string of information the head can carry²⁷²
Circunst.	exper.		Processo	Fenômeno

I	still	remember	the day you sat behind me in Pretoria as Rusty [fellow accused Bernstein] was busy parrying off some of [prosecutor Percy] Yutar's onslaughts²⁷³
exper.		Processo	Fenômeno

I	sometimes	wonder	what happened to our boxing gym at what used to be called St Joseph's in Orlando East
exper.		Processo	Fenômeno

I	sometimes	used to think	search my soul	whether I had done the right thing²⁷⁴
exper.		Processo		Fenômeno

Have	I	taken	the right decision?
	exper.	Processo	Fenômeno

I	sometimes	believe	that through me Creation intended to give the world the example of a mediocre man in the proper sense of the term
exper.		Processo	Fenômeno

I	sincerely	thought	that if God came back to Earth he would settle there²⁷⁵
exper.		Processo	Fenômeno

I	still	hoped	I might eventually succeed in persuading her²⁷⁶ to go up [to Johannesburg]
exper.		Processo	Fenômeno

²⁷² Conversa com Hilda Bernstein – amiga, escritora e ativista.

²⁷³ Mandela refere-se à amiga Hilda Bernstein.

²⁷⁴ Mandela se questiona por ter saído de casa e deixado a família para se envolver na política.

²⁷⁵ Mandela refere-se à beleza natural da área próxima a Porto Elizabeth

²⁷⁶ Referência à sua mãe, em uma carta à Winnie.

When I return	I	shall have forgotten	almost everything about Law
oração hipot.	exper. enc.	Processo	Fenômeno

I	should have known	that people anywhere, throughout the world, change from their less advanced positions
exper. enc.	Processo	Fenômeno

I	should like	to be in the position where I can always rely on what officials tell me
exper. enc.	Processo	Fenômeno

I	should like	him²⁷⁷ to know that I deeply appreciate it
exper. enc.	Processo	Fenômeno

I	should like	you²⁷⁸ to know that these instructions will only be cancelled by me either . . . under my signature or directly during an interview with a representative of your firm
exper. enc.	Processo	Fenômeno

I	should like	to point out that precedents exist when Governments have favourably considered applications of this nature²⁷⁹
exper. enc.	Processo	Fenômeno

I	should like	us to fight over our principles and ideas and without personal hatred²⁸⁰
exper. enc.	Processo	Fenômeno

I	then	realized	that this enthusiasm and waving was not really for me	as we were driving through the city²⁸¹
exper. enc.		Processo	Fenômeno	oração hipot.

²⁷⁷ Referência ao telegrama de condoleências enviado pelo chefe Mangosuthu [Buthelezi] pela morte de Tembi.

²⁷⁸ Carta de Mandela a seus advogados em Durban.

²⁷⁹ Carta ao Oficial-Comandante da prisão de Robben Island pedindo permissão para ir ao funeral do filho Thembi.

²⁸⁰ Carta ao Comissário de Prisões .

²⁸¹ Mandela menciona, aqui, a popularidade de Fidel Castro.

But	I	think	it would be unfair to say this is peculiar to me²⁸²
	exper.	Processo	Fenômeno

I	didn't think	it was liberating²⁸³
exper.	Processo	Fenômeno

I	thought	Marxism was something that actually was subjecting us to a foreign ideology
exper.	Processo	Fenômeno

I	think	of you all in the wretchedness in which you have grown and in which you now have to live²⁸⁴
exper.	Processo	Fenômeno

I	think	that's one of the things that killed him.²⁸⁵
exper.	Processo	Fenômeno

I	think	we should describe	you see,²⁸⁶	what banning means
exper.	Processo	fenô...		...meno

I	thought	that Barnard had accepted my advice²⁸⁷
exper.	Processo	Fenômeno

I	thought	Chissano was handling the problems very well²⁸⁸
exper.	Processo	Fenômeno

I	thought	it was [going to be for] an hour²⁸⁹
exper.	Processo	Fenômeno

I	thought	my remarks were too severe²⁹⁰
exper.	Processo	Fenômeno

²⁸² O fato de Mandela ter sido influenciado também pela cultura ocidental

²⁸³ O Marxismo

²⁸⁴ Carta à sua filha Zindi

²⁸⁵ Mandela se refere ao uso do fumo por parte do amigo e líder do Congresso Africanista (PAN) Robert Sobukwe.

²⁸⁶ Ahmed Kathrada, amigo de Mandela e prisioneiro político.

²⁸⁷ Mandela sugeria que as negociações com o governo deveriam ser públicas e não secretas

²⁸⁸ Mandela faz referência ao governo do presidente de Moçambique, Joaquim Chissano.

²⁸⁹ Sobre a visita de Fatima Meer - escritora, professora universitária e ativista política – na prisão

²⁹⁰ O trecho refere a uma discussão entre Mandela e um guarda da prisão.

I	thought	that people like Oliver [Tambo] and others had done remarkable work in bringing the ANC to the notice of the people, to the notice of the Americans
exper.	Processo	Fenômeno

I	thought	she was a great lady, also very sharp, very sharp ²⁹¹
exper.	Processo	Fenômeno

I	thought	that was very significant ²⁹²
exper.	Processo	Fenômeno

I	thought	that was a great vision ²⁹³
exper.	Processo	Fenômeno

I	took a liberate decision	to go underground ²⁹⁴
exper.	Processo	Fenômeno

I	won't take	it ²⁹⁵
exper.	Processo	Fenômeno

I	don't want	us ²⁹⁶ to create the impression that all the warders were just animals, rogues, no.
exper.	Processo	Fenômeno

I	don't want us	be going into the questions of him ²⁹⁷ being haughty and betraying people
exper.	Processo	Fenômeno

I	didn't want	to be late for the British Prime Minister ²⁹⁸
exper.	Processo	Fenômeno

²⁹¹ Rainha Elizabeth II

²⁹² O envolvimento da igreja, na pessoa do reverendo Japhta, na defesa dos ideais de liberdade.

²⁹³ A união dos americanos durante o governo Clinton para resolverem seus problemas políticos.

²⁹⁴ Mandela explica ao jornalista Stengel que foi ele quem decidiu se envolver com o movimento anti-apartheid.

²⁹⁵ Mandela refere-se a uma oferta em dinheiro para ser fotografado.

²⁹⁶ Entrevista a Richard Stengel

²⁹⁷ Mandela em entrevista a Kathrada sobre o dr. Moroka, líder do CNA.

²⁹⁸ Mandela refere-se a seu encontro com o ministro britânico em Londres, onde, por causa do mau tempo piorou seu estado de saúde.

I	don't want	to say that now against a poor woman ²⁹⁹
experie ^{nc} .	Processo	Fenômeno

I	didn't want	to be presented in a way that omits the dark spots	in my life ³⁰⁰
experie ^{nc} .	Processo	Fenômeno	Circunst.

I	didn't want	to abuse ³⁰¹
experie ^{nc} .	Processo	Fenômeno

I	don't want	to incite the crowd ³⁰²
experie ^{nc} .	Processo	Fenômeno

I	want	the crowd to understand what we are doing ³⁰³
experie ^{nc} .	Processo	Fenômeno

and	I	want	to infuse a spirit of reconciliation to them ³⁰⁴
	experie ^{nc} .	Processo	Fenômeno

I	didn't want	to be separated from them ³⁰⁵
experie ^{nc} .	Processo	Fenômeno

I	don't want	to be frightened by the fact that a person has made certain mistakes and he has got human frailties ³⁰⁶
experie ^{nc} .	Processo	Fenômeno

I	didn't want	any tension between us ³⁰⁷
experie ^{nc} .	Processo	Fenômeno

²⁹⁹ Mandela refere-se às razões sobre sua separação de sua primeira esposa, Evelyn.

³⁰⁰ Mandela refere-se às razões sobre sua separação de sua primeira esposa, Evelyn.

³⁰¹ Mandela refere-se ao fato de enganar um guarda jovem e inexperiente da prisão, que o tinha em alto respeito, com relação ao envio clandestino de suas cartas para fora da penitenciária.

³⁰² Conversa com Richard Stengel sobre seu estilo de oratória.

³⁰³ Conversa com Richard Stengel sobre seu estilo de oratória.

³⁰⁴ Conversa com Richard Stengel sobre seu estilo de oratória.

³⁰⁵ Companheiros de prisão. Referência à sua transferência para um local isolado dos demais, após sua saída do hospital.

³⁰⁶ Mandela responde às críticas de alguns que o condenavam por sempre querer ver o lado bom das pessoas.

³⁰⁷ Referência ao conflito que tivera com sua amiga Ruth First.

I	wanted	to give her encouragement ³⁰⁸
exper.	Processo	Fenômeno

I	wanted	to find out about her schooling ³⁰⁹
exper.	Processo	Fenômeno

I	wanted	to see Tracy Chapman and the Manhattan Brothers ³¹⁰
exper.	Processo	Fenômeno

Now	I	wanted	to respond to her peacefully and in a serious way ³¹¹
	exper.	Processo	Fenômeno

I	was contrasting	the strength of peace over and above that of force ³¹²
exper.	Processo	Fenômeno

I	was just learning	how to use a gun [in Ethiopia]
exper.	Processo	Fenômeno

I	was thinking	of her ³¹³	of course	every day
exper.	Processo	Fenômeno		Circunst.

I	will	certainly never	believe	you	if you tell me that you have now forgotten the Afrikaner patriots ³¹⁴
exper.	pro...		...cesso	Fenômeno	oração hipotática

I	will decide	the question	as we continue together to seek a formula for peace and stability ³¹⁵
exper.	Processo	Fenômeno	oração hipotática

³⁰⁸ Referência às cartas escritas à sua esposa Winnie.

³⁰⁹ Carta a Graça Machel sobre o potencial de sua [Graça] filha Olivia.

³¹⁰ Show no estádio de Wembley. Viagem a Londres.

³¹¹ Incidente após um discurso no Canadá ao ser acusado de assassino por uma ouvinte, membro do Congresso Pan-Africano.

³¹² Sobre uma estória contada por Mandela

³¹³ Winnie Mandela

³¹⁴ Trecho da carta de Mandela para o Comissário de Prisões

³¹⁵ Trecho de notas escritas num encontro na Tanzânia sobre o Processo de paz em Burundi

All that	I	wish	you always to bear in mind is that we have a brave and determined Mummy³¹⁶
fenô...	experienc.	Processo	...meno

I	wish	one day my conscience would sit easy in my bosom.³¹⁷
experienc.	Processo	Fenômeno

I	wish	to attend, at my own cost, the funeral proceedings and to pay my last respects to his memory.³¹⁸
experienc.	Processo	Fenômeno

I	wish	I could relate their conversations and banter³¹⁹
experienc.	Processo	Fenômeno

I	wish	I could tell you more about the courageous band of colleagues with whom I suffer humiliation daily and who nevertheless deport themselves with dignity and determination³²⁰
experienc.	Processo	Fenômeno

I	wonder	what conflicts in Mum's thoughts and feelings must have been aroused by the anthology³²¹
exper.	Processo	Fenômeno

But	I	wonder	whether Mum has ever told you of your brother who died before he was born.³²²
	exper.	Processo	Fenômeno

I	would	certainly	have made	the same decision³²³
exper.	pro...		...cesso	Fenômeno

³¹⁶ Carta às suas filhas, Zeni e Zindzi Mandela.

³¹⁷ Carta a Winnie Mandela.

³¹⁸ Carta ao Oficial-comandante da prisão de Robben Island.

³¹⁹ Referência aos companheiros de prisão.

³²⁰ Referência aos companheiros de prisão.

³²¹ Sobre o poema *Uma Árvore foi Cortada* escrito por sua filha Zindi, o qual metaforicamente refere-se à divisão de sua família.

³²² Trecho de carta escrita à sua filha Zindi, sobre o poema que ela escrevera.

³²³ Mandela afirma que teria entrado na luta para libertar seu povo, afirmando que mesmo se soubesse de antemão o que lhe ocorreria.

I	would think	that people who subscribe to the same values, who share a common vision and who accept each others' integrity have laid a basis for a good relationship
exper.	Processo	Fenômeno

I	would hope	that the average individual experiences one of the highest levels of emotional attachments satisfaction and happiness when in love ³²⁴
experienc.	Processo	Fenômeno

I	would like	to draw your attention to a letter in a JHB Johannesburg daily ³²⁵
experienc.	Processo	Fenômeno

I	would like	to put that on record ³²⁶
experienc.	Processo	Fenômeno

I	would like	to leave that out ³²⁷
experienc.	Processo	Fenômeno

³²⁴ Notas do arquivo pessoal. Resposta a uma aluna que o questionara sobre o significado do dia dos namorados.

³²⁵ Carta a Archie Gumede.

³²⁶ Referência à coragem e bravura de seus companheiros.

³²⁷ Referência a seu relacionamento com Evelyn.

APÊNDICE C

ANÁLISE DAS ECOLHAS LÉXICO-GRAMATICAS DE
MANDELA PARA OS PROCESSOS RELACIONAIS

I	at once	felt	lonely and empty ³²⁸
portador		Processo	atributo

I	am	sure	she would have taken me to the police ³²⁹
portador	Processo	atributo	oração encaixada

I	am	sure	Dirker would come ³³⁰
portador	Processo	atributo	oração encaixada

Well, gentlemen,	I	am	sorry ³³¹
	portador	Processo	atributo

Today	I	am	prepared to die ³³²
Circunst.	portador	Processo	atributo

I	am	particularly	worried ³³³
portador	Processo		atributo

I	am	now	more comfortable	in English ³³⁴
portador	Processo		atributo	Circunst.

³²⁸ Sobre a morte de sua mãe.

³²⁹ Referência à alegação de agressão física por parte de sua ex-esposa Evelyn, negada por Mandela.

³³⁰ Mandela queria reunir policiais, guardas penitenciários e demais oficiais brancos num evento social para buscar a integração do país.

³³¹ Mandela se desculpa com um grupo de jovens que buscava seu autógrafo, por não poder fazê-lo naquele momento.

³³² Brincadeira feita por Mandela para quebrar a dieta prescrita pelo médico.

³³³ Referência aos cuidados recebidos por suas filhas Zeni e Zindzi, ambas menores de 16 anos, durante as férias escolares.

³³⁴ Referência ao contato com a cultura ocidental tanto em Johannesburg quanto na prisão.

I	am not	clear	to what extent a significant initiative of the apartheid government . . . was available in other Bantustans ³³⁵
portador	Processo	atributo	oração encaixada

But	I	am	highly optimistic ³³⁶
	portador	Processo	atributo

I	am	doubtful	if I will ever sit down to sketch my background ³³⁷
portador	Processo	atributo	oração hipotática

I	am	convinced	that floods of personal disaster can never drown a determined revolutionary ³³⁸
portador	Processo	atributo	oração encaixada

as usual	I	am	confident	that what I am going to say will not make you swollen-headed ³³⁹
	portador	Processo	atributo	oração encaix.

In my thoughts	I	am	as free as a falcon ³⁴⁰
Circunst.	portador	Processo	atributo

I	am	also	aware	that massive efforts have been made here and abroad for my release ³⁴¹
portador	Processo		atributo	oração encaix.

I	could stay	outside	as long as I wanted
portador	Processo	atributo:Circunst.	Circunst.

³³⁵ Referência à escola administrativa de Transkei.

³³⁶ Em relação à sua liberdade.

³³⁷ Sobre sua autobiografia.

³³⁸ Carta à sua esposa Winnie. Prisão Central de Pretoria.

³³⁹ Carta à Graça Machel sobre sua fama internacional.

³⁴⁰ Carta ao amigo e senador Douglas Lukhele sobre o sentimento interno de liberdade.

³⁴¹ De seu manuscrito autobiográfico não publicado escrito na prisão.

I	am	also	fully conscious	of the passionate love that you had for him ³⁴²
portador	Processo		atributo	oração encaix.

I	am	also	aware	of how Kgatho and Maki adored and respected him, the holidays and [the] good time they spent with him in Cape Town ³⁴³
portador	Processo		atributo	oração encaix.

I		was		deeply touched ³⁴⁴
portador		Processo		atributo

I	had	also	been	anxious	to attend the funeral and to pay my last respects to thembi
portador	pro...		...cesso	atributo	Oração Sub-Hierarq.

I		must be		frank ³⁴⁵
portador		Processo		atributo

I	am		appalled	by their pedantry, artificiality and lack of originality ³⁴⁶
portador	Processo		atributo	Circunst.

I		am		a qualified attorney ³⁴⁷
portador		Processo		atributo

But	I	certainly	was	dizzy
	portador		Processo	atributo

I	'm not	sure		whether it's for two days ³⁴⁸
portador	Processo	atributo		oração encaixada

³⁴² Carta à sua ex-esposa, Evelyn, sobre a morte do filho Thembi.

³⁴³ Carta à sua ex-esposa, Evelyn, sobre a morte do filho Thembi.

³⁴⁴ Referência ao fato de seu filho Thembi estar usando suas calças em demonstração de saudades do pai

³⁴⁵ Referência a seus primeiros manuscritos.

³⁴⁶ Mandela se refere aos manuscritos de seus primeiros discursos.

³⁴⁷ Carta à universidade da África do Sul, solicitando isenção da disciplina Latin I.

³⁴⁸ Referência ao jejum imposto na solitária.

I	have been	out of action	for 16 yrs [years] now ³⁴⁹
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	have	always	been	intrigued ³⁵⁰
portador	pro...		...cesso	atributo

I	have been	victim	of the weakness of my generation	not once but a hundred times
portador	Processo	atributo	oração enc.	Circunst.

I	became	a close friend of his ³⁵¹
portador	Processo	atributo

I	became	more anxious	as it approached ³⁵²
portador	Processo	atributo	oração hipot.

I	became	abrupt and loud ³⁵³
portador	Processo	atributo

At Fort Hare	I	even	became	a Sunday School teacher
Circunst.	portador		Processo	atributo

I	feel	younger than kleinseun [grandson] Leo ³⁵⁴
portador	Processo	atributo

I	felt	very small ³⁵⁵
portador	Processo	atributo

I	felt	all alone ³⁵⁶	in the world
portador	Processo	atributo	Circunst.

³⁴⁹ Carta à advogada Felicity Kentridge.

³⁵⁰ Mandela refere-se à cantora Tracy Chapman.

³⁵¹ Referência a Zachariah Molete.

³⁵² Mandela refere-se ao barco de visitas que trazia Winnie para vê-lo na prisão.

³⁵³ Mandela fala da recusa em ser fotografado pelos jornais em troca de dinheiro.

³⁵⁴ Mandela refere-se às cartas e cartões recebidos da Sra. Alexander, o que o torna novamente uma criança.

³⁵⁵ Mandela refere-se a como se sentiu pelo fato dos guardas o respeitarem e ele os ter enganado.

³⁵⁶ Ao ver o barco de Winnie, que fora visita-lo na prisão, se afastar lentamente.

I	felt	very lonely ³⁵⁷	indeed
portador	Processo	atributo	

I	felt	like	the Returned Wandered of Biblical fame
portador	Processo		atributo

I	got	such a shock, such a shock ³⁵⁸
portador	Processo	atributo

I	got	annoyed ³⁵⁹
portador	Processo	atributo

I	have	always	been	anxious	to see the pyramids, the sphinx and the embalmed body of Ramses II ³⁶⁰
portador	pro...		...cesso	atributo	Circunst.

I	'm	sure	you know that so-called European civilization was largely influenced by the ancient civilization of the Greeks and the Romans ³⁶¹
portador	Processo	atributo	oração encaixada

Of course	I	'm	used	to insects ³⁶²
	portador	Processo	atributo	Circunst.

I	'm	very much	interested	in law
portador	Processo		atributo	Circunst.

I	'm	friendly	with them now, still ³⁶³
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	'm	very	sorry	for what I said ³⁶⁴
portador	Processo		atributo	Circunst.

³⁵⁷ Referência à morte do amigo Oliver Tambo (OR).

³⁵⁸ Mandela fala do medo dos assaltantes que rondavam as casas na township.

³⁵⁹ Mandela refere-se a um incidente do cotidiano, o atraso para o Treason Trial causado por Anderson Khumani Ganyile, o qual fora buscar em casa.

³⁶⁰ Viagem ao Egito.

³⁶¹ Carta a Maki Mandela em que discutem religião.

³⁶² Referência às condições da cela da prisão.

³⁶³ Referência a alguns dos guardas da prisão.

³⁶⁴ Mandela se desculpa publicamente com o sargento Boonzaier por ter sido rude durante uma discussão.

I	never	was	one (saint) ³⁶⁵
portador		Processo	atributo referenciado anaforicamente pelo pronome

I	really	was	happy	to meet him, to meet Arthur ³⁶⁶
portador		Processo	atributo	Oração Sub-Hier.

Otherwise	I	remain	cosmopolitan	in my outlook ³⁶⁷
	portador	Processo	atributo	Circunst.

I	remained	convinced	that this was the correct strategy for us
portador	Processo	atributo	oração encaix.

for a few days	I	spent	moments in my cell	which I never want to remember
Circunst.	portador	Processo	atributo:Circunst.	oração hipotática

I	spent	a very lovely time	with her ³⁶⁸
portador	Processo	atributo:Circunst.	Circunst.

I	spent	a lot of time	with them ³⁶⁹
portador	Processo	atributo:Circunst.	Circunst.

I	spent	about three days in Maputo ³⁷⁰
portador	Processo	atributo:Circunst.

I	spent	the whole morning at the museum ³⁷¹
portador	Processo	atributo:Circunst.

now and again	I	spent	a few weeks in my home district ³⁷²
	portador	Processo	atributo:Circunst.

³⁶⁵ Mandela reconhece publicamente seus defeitos como ser humano.

³⁶⁶ Referência ao escritor Arthur Miller.

³⁶⁷ Carta ao senador Douglas Lukhele em Swazil

³⁶⁸ Referência à rainha Beatrix da Holanda

³⁶⁹ Referência a um casal de amigos ingleses.

³⁷⁰ Viagem a Moçambique.

³⁷¹ Viagem ao Egito.

³⁷² Carta ao senador Douglas Lukhele, em que Mandela reconhece nunca ter deixado suas raízes de interiorano.

I	stayed	in Alexandria township ³⁷³
portador	Processo	atributo:Circunst.

I	stayed	at Wesley House ³⁷⁴
portador	Processo	atributo:Circunst.

I	stayed	in this cottage ³⁷⁵	alone
portador	Processo	atributo:Circunst.	Circunst.

I	tried	hard	to remain	calm ³⁷⁶
portador	pro...		...cesso	atributo

I	tried to be	cool	about it ³⁷⁷
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was	again	quite unprepared ³⁷⁸
portador	Processo		atributo

I	was	already	used	to the habits of the warders ³⁷⁹
portador	Processo		atributo	Circunst.

I	was	amazed	to find out that these were high school children ³⁸⁰
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was	at home about 9 pm ³⁸¹
portador	Processo	atributo:Circunst.

I	was	backward politically ³⁸²
portador	Processo	atributo

³⁷³ Quando chegou a Johannesburgo no início dos anos 40.

³⁷⁴ Referência à educação religiosa na faculdade Metodista.

³⁷⁵ Referência às condições como prisioneiro em Victor Verster, onde tinha certa liberdade vigiada.

³⁷⁶ Carta à sua filha Zindzi, em que confessa como se sentiu quando recebeu a notícia de que sua esposa fora libertada mas não iria visita-lo.

³⁷⁷ Referência ao fato de sua esposa ser perseguida pela polícia.

³⁷⁸ Referência à notícia da morte de sua mãe.

³⁷⁹ Referência à sua transferência da clínica médica de Constantiaberg para a prisão de Victor Verster .

³⁸⁰ Conversa com um grupo de jovens esquimós no Canadá.

³⁸¹ Após sua ida à academia de boxe.

³⁸² Referência às reuniões políticas do partido comunista.

I	was	excited	at the prospect of seeing Robben Island ³⁸³
portador	Processo	atributo.	Circunst.

I	was	very	fit	those days ³⁸⁴
portador	Processo		atributo	Circunst.

then	I	was	free	to sit down and study ³⁸⁵
	portador	Processo	atributo.	Circunst.

I	was	frightened	to go out ³⁸⁶
portador	Processo	atributo.	Circunst.

I	was	very happy	to meet them ³⁸⁷
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was	happy	to meet him ³⁸⁸
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was	impressed ³⁸⁹
portador	Processo	atributo

I	was	in prison	when she [Ruth First] was assassinated
portador	Processo	atributo:Circunst.	oração hipot..

I	was	indeed	a bit sad ³⁹⁰
portador	Processo		atributo

I	was	interested	in that ³⁹¹
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was not	interested	really	in the politics ³⁹²
---	---------	------------	--------	--------------------------------

³⁸³ Referência à transferência para a ilha de Robben.

³⁸⁴ Época da academia de boxe.

³⁸⁵ Referência à época da prisão.

³⁸⁶ Encontro com leões em Kasane (viagem pela África do Sul).

³⁸⁷ O grupo de jovens esquimós.

³⁸⁸ Encontro com Neil Kinnock, do partido trabalhista e ativista anti-apartheid.

³⁸⁹ Encontro com o Papa.

³⁹⁰ Ao se despedir, no encontro com o filho Thembi.

³⁹¹ Nas reuniões do partido comunista por ver europeus, indianos, negros e africanos juntos.

portador	Processo	atributo		Circunst.
----------	----------	----------	--	-----------

I	was	interested,	you see,	yes,	in the social aspect of it ³⁹³
portador	Processo	atributo			Circunst.

I	was	really	very nervous ³⁹⁴	
portador	Processo		atributo	

I	was	neither	privileged	to give him ³⁹⁵ a wedding ceremony	nor	to lay him to rest
portador	Processo		atributo	oração encaix.		oração encaix.

I	was	never	confrontational	towards Sobukwe ³⁹⁶
portador	Processo		atributo	frase prepos.

I	was	keen	to see that ever beckoning open veld ³⁹⁷
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was	keen	to see Kinnock ³⁹⁸
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was	no wiser	on the subject ³⁹⁹
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was not	superstitious	at all
portador	Processo	atributo	

I	was not	familiar	with the landscape ⁴⁰⁰
portador	Processo	atributo	

³⁹² Reuniões do partido comunista.

³⁹³ Reuniões do partido comunista

³⁹⁴ Participação nos debates nas reuniões do partido comunista.

³⁹⁵ Morte de Thembi.

³⁹⁶ Robert Sobukwe – jornalista, ativista político e companheiro de prisão.

³⁹⁷ Mandela relembra sua origem rural e as belas paisagens da África do Sul – montanhas, riachos, etc.

³⁹⁸ Líder do Partido dos Trabalhadores, Kinnock era um dos pilares do movimento de libertação.

³⁹⁹ História do Egito. Visita de Mandela a um museu.

⁴⁰⁰ Por ocasião de sua prisão na estrada de Howick, província de KwaZulu-Natal. Mandela, por um momento, considerou a possibilidade de fuga.

I	was not	there	to defend her ⁴⁰¹
portador	Processo	atributo: Circunst.	

I	was	particularly happy	in the company of my cousin Alexander Mandela
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was	preoccupied ⁴⁰²
portador	Processo	atributo

I	was	proud	of that ⁴⁰³
portador	Processo	atributo	

I	was	very radical ⁴⁰⁴
portador	Processo	atributo

I	was	ready	to do so ⁴⁰⁵
portador	Processo	atributo	oração encaix.

I	was	rudely shocked ⁴⁰⁶
portador	Processo	atributo

I	was	shaken	from top to bottom ⁴⁰⁷
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was	shaken ⁴⁰⁸
portador	Processo	atributo

⁴⁰¹Quando estava na ilha de Robben e sua esposa Winnie fora presa.

⁴⁰²Referência ao estado de saúde de sua esposa Winnie.

⁴⁰³Referência à oportunidade de estudar em Fort Hare.

⁴⁰⁴Referência a seu estilo como ativista antes da prisão.

⁴⁰⁵Morrer pela causa da liberdade.

⁴⁰⁶Referência ao desconhecimento da cultura esquimó.

⁴⁰⁷Notícias sobre a morte de Thembi.

⁴⁰⁸Notícias sobre uma possível e sangrenta guerra civil no país.

I	was	shocked ⁴⁰⁹
portador	Processo	atributo

I	was	simply stunned ⁴¹⁰
portador	Processo	atributo

I	was	somewhat uncomfortable	about the festivities	at Qunu	On New Year's Day ⁴¹¹
portador	Processo	atributo	Circunst.	circ.	circ.

I	was	very sorry ⁴¹²
portador	Processo	atributo

I	was	sorry	when he died ⁴¹³
portador	Processo	atributo	oração hipot.

I	was	stunned ⁴¹⁴
portador	Processo	atributo

I	was	suffocated	from claustrophobia
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was	terribly shaken ⁴¹⁵
portador	Processo	atributo

I	was	there	with Winnie ⁴¹⁶
portador	Processo	atributo: Circunst.	Circunst.

I	was	therefore	shocked ⁴¹⁷
portador	Processo		atributo

⁴⁰⁹ Referência ao fato de um rei (no caso, rei Zanesizwe Sandile dos Ngqikas) ir visita-lo no seu hotel, o que significaria uma quebra de protocolo.

⁴¹⁰ Referência à carta escrita à sua esposa Zami.

⁴¹¹ Referência ao número de crianças e adultos presente na festa.

⁴¹² Notícias do assassinato de Ruth First.

⁴¹³ Morte de seu sobrinho rei Sabata, que fora quem cuidou de sua mãe até a morte desta.

⁴¹⁴ Referência ao fato de sua neta, Rochele, querer sair de casa.

⁴¹⁵ Encontro com sua esposa Winnie. Ref. à sua saúde.

⁴¹⁶ Encontro com o presidente francês Mitterrand.

⁴¹⁷ Referência ao fato do chefe do serviço de inteligência do Apartheid, dr. Niël Barnard, ter ignorado as sugestões de Mandela sobre protocolo.

I	was	too busy	on Robben Island ⁴¹⁸
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was	well aware	of the longing	that would eat away their insides ⁴¹⁹
portador	Processo	atributo		oração encaixada

I	will be	at home,	wherever home will be ⁴²⁰
portador	Processo	atributo: Circunst.	oração hipot.

I	will	never	be	settled ⁴²¹
portador	pro...		...cesso	atributo

I	would be	happy	to get your advice ⁴²²
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	would have been	a respected chief ⁴²³	today
portador	Processo	atributo	Circunst.

I and my gym mates	were	a closely knit family
portador	Processo	atributo

I	was	immediately	fascinated	by the symbolism of contradictions ⁴²⁴
portador	Processo		atributo	Circunst.

I	was	impressed	by the members of the Communist Party
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was	impressed	by her strength of character ⁴²⁵
portador	Processo	atributo	Circunst.

I	was	badly wounded and
---	-----	-------------------

⁴¹⁸ Referência ao fato de não poder dar continuidade ao estudo do Direito.

⁴¹⁹ Referência à sua ausência familiar por causa da política.

⁴²⁰ Carta à sua filha Zindzi.

⁴²¹ Carta a Winnie, em que fala de seu desassossego por não ter notícias da família.

⁴²² Carta à Graça Machel.

⁴²³ Se não tivesse entrado na luta pelo Apartheid e ficado em sua aldeia.

⁴²⁴ Pelo poema escrito por sua filha

⁴²⁵ Margareth Thatcher

		shaken ⁴²⁶
portador	Processo	atributo

⁴²⁶ Referência ao fato de Winnie não ter ido visita-lo após ela ter saído da prisão.